

Dhonielle CLAYTON

Tiffany D. JACKSON

Nic STONE

O
AMOR
Também
BRILHA
NO
ESCURO

BLACKOUT

Angie THOMAS

Ashley WOODFOLK

Nicola YOON

SEQUINTE



Dhonielle CLAYTON

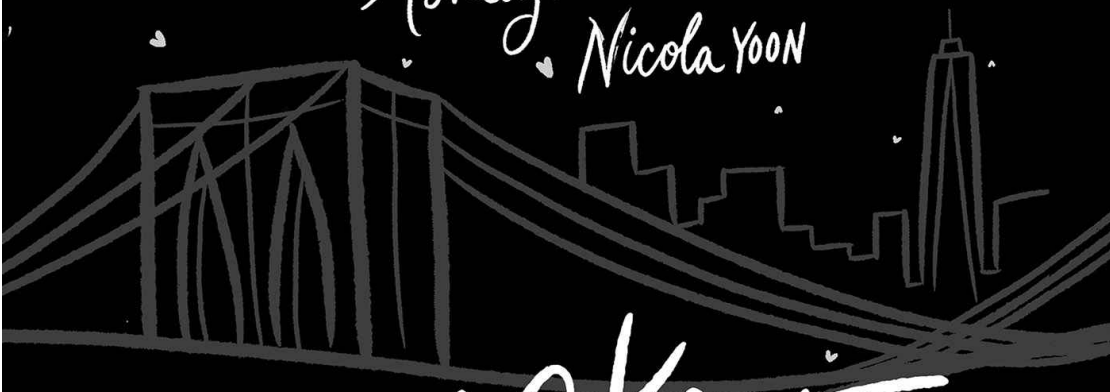
Tiffany D. JACKSON

Nic STONE

Angie THOMAS

Ashley WOODFOLK

Nicola YOON



BLACKOUT

O
AMOR
TAMBÉM
BRILHA
NO
ESCURO

Tradução
KARINE RIBEIRO

SÉQUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Sumário

Capa

Folha de rosto

Sumário

Dedicatória

A longa caminhada – Primeiro ato

Sem máscara

A longa caminhada – Segundo ato

Feitas para se encaixar

A longa caminhada – Terceiro ato

Todas as grandes histórias de amor... e pó

A longa caminhada – Quarto ato

Sem dormir até o brooklyn

A longa caminhada – Quinto ato

Seymour & Grace

Agradecimentos

Créditos

Para todos os jovens negros por aí: suas histórias, sua alegria, seu amor e suas vidas importam. Vocês são luz na escuridão.

A LONGA CAMINHADA

Primeiro ato

Tiffany D. Jackson

Harlem, 17h12

Hoje é um daqueles dias de causar insolação. Dia em que coisas ruins acontecem. A tensão e o calor, juntos, levam as pessoas a fazerem besteiras em uma cidade com a população na casa dos milhões. Em dias como este, eu não andaria na rua de jeito nenhum. Estaria quietinha no meu quarto, perto do ar-condicionado, vendo filmes acompanhada por um sanduíche de peru e chá gelado. Então quando as portas do metrô se abrem na plataforma quente pra caramba, soprando um ar que gruda imediatamente no meu rosto, eu quase me arrependo do novo emprego.

Do lado de fora da estação, fico surpresa ao ver tantas pessoas na rua; a placa do teatro Apollo brilha sob o sol brutal. Se este fosse o set do meu filme, encerraríamos os trabalhos ou gravaríamos à noite. O concreto derrete a sola dos meus tênis enquanto corro pela rua 125, a falta de pontualidade do metrô me faz atrasar dez minutos. O transporte metropolitano não se dá ao trabalho de chegar na hora certa, nem mesmo durante uma onda de calor. E,

portanto, eu vou me atrasar. Bom, vou chegar na hora, mas é o mesmo que estar atrasada! Meu pai sempre diz: *Se você chegou cedo, chegou na hora; se chegou na hora, chegou atrasada*. É por isso que eu nunca ficava de bobeira no corredor durante o intervalo e era sempre a primeira a sentar na sala de aula minutos antes do segundo sinal tocar. Acho que é por isso que todos os professores gostavam de mim. Mostrava respeito da minha parte. Até o sr. Bishop gostava de mim, e eu era a aluna que mais odiava educação física.

Quando pego o elevador até o quarto andar, meu vestido está ensopado. Acho que nunca suei tanto em toda a minha vida. Mas me disseram que eu tinha que entregar uma papelada antes do treinamento de segunda-feira.

Sim, treinamento de integração do RH. Para um trabalho de verdade. Euzinha aqui sou a nova auxiliar de escritório da sede administrativa do Apollo. Meu orientador me incentivou a tentar a vaga. Trabalhar para o mais famoso teatro negro de Nova York, conhecido como o lugar de onde saíram superestrelas da música como Michael Jackson, Mariah Carey e Stevie Wonder, vai me deixar por dentro de tudo que acontece entre as grandes celebridades. Ótimo para quando eu me tornar uma diretora de primeira.

O pagamento: três mil e quinhentos dólares por seis semanas.

Claro, é bem no Harlem, ou seja, no mínimo uma hora de distância do Brooklyn, com baldeação. Mas vou poder ficar bem longe de Bed-Stuy por todo o verão.

Não quero mais ficar por lá. Não depois... do que aconteceu. Não desde que “nós” se tornou um ele e um ela, e então um eu.

O e-mail de admissão dizia para eu chegar às cinco e quinze, e já que seria a primeira vez que meus colegas de trabalho me veriam, coloquei meu novo vestido amarelo e azul, comprado com minha bolsa de estudos. Quer saber? Vou comprar um guarda-roupa novo inteirinho antes das aulas, para combinar com a minha nova vida e deixar meu antigo eu para trás. Pode ser até que eu comece a me apresentar como Tam em vez de Tammi. *Quem ia saber?* Não é como se alguém fosse fazer faculdade comigo na Clark Atlanta. Eu estarei lá... sozinha.

Não era para ser assim, penso, chegando na recepção. “Nós” tínhamos outros planos. Promessas foram feitas. Mas não existe mais *nós*, e chegou a hora de eu aprender a viver sem ele.

— Ei, querida. — A senhora negra sorri, suor pingando das sobancelhas. — Posso ajudar?

Endireito a postura e tiro essas coisas da cabeça.

— Oi, meu nome é Tam Wright. Sou a nova estagiária, vim trazer o contrato.

— Ah, sim. Deixa eu ver se Maureen está aqui para assinar. Nossa, tá quente, né?

O escritório sem janelas está abafado. Vejo homens e mulheres nas mesas, suando.

— Hm, é.

Ela se vira para pegar uma pasta.

— É, ouvi que chegou aos trinta e oito graus por volta de meio-dia e não diminuiu desde então.

Prendo minhas tranças em um coque e abano o rosto.

— Aqui é sempre quente assim? — Tento não entrar em pânico, mas já estou pensando nos meus poucos vestidos e camisas

capazes de me manter fresca aqui por todo o verão. Eu preciso estar perfeita. Tudo precisa estar perfeito.

Ela me dá um sorriso compreensivo.

— Desculpa, querida, o sistema passou o dia todo instável. Acho que não...

— Aiii! Caramba. Desculpe o atraso. — A voz atrás de mim me faz dar um pulo e ficar tensa, minha pele gela, mesmo neste forno. Fecho os olhos e começo a rezar.

Por favor, que não seja ele. Por favor, Deus. Por favor. Qualquer um menos ele.

— Ei, querido. Como posso te ajudar? — pergunta a mulher.

Os passos dele soam como os de um assassino se aproximando. Ele sempre usa tênis que ou são grandes demais ou estão desamarrados, e bate as solas no chão com força, como um high-five a cada passo.

— Oi, tudo bem? Eu sou o Kareem... — A voz diminui até que ele grita: — Tammi?

Droga.

Finalmente abro os olhos e me viro para encará-lo. Essa pele negra. Esses olhos lindos. Não é como se eu nunca mais o tivesse visto. A gente é vizinho e frequentou o mesmo colégio, o Stacey Abrams, no Upper West Side. Mas não chegava tão perto dele há uns quatro meses — perto o bastante para sentir seu cheiro; queria que ele não fosse tão cheiroso.

— O que você está fazendo aqui? — pergunto. Soa muito agressivo, mas por um bom motivo.

Ele revira os olhos, se virando para a recepcionista como se eu fosse um fantasma.

— Desculpe por isso. Tô aqui para deixar os documentos para a admissão.

Admissão? Não, não, não... não podemos trabalhar no mesmo lugar. De jeito nenhum!

— Espera, vocês dois estão aqui para deixar os documentos? — pergunta ela.

— Não — dizemos em uníssono e nos encaramos. — Quer dizer, sim — dizemos juntos, de novo.

Muito envergonhada, dou um passo para longe e pigarreio.

— O que quero dizer é que *eu* estou aqui com os meus documentos. Não sei o que *ele* está fazendo aqui.

Ele sorri.

— Acho que estou aqui pelo mesmo motivo.

A senhora fica olhando para nós dois e rapidamente abre a pasta que tem nas mãos, analisando os papéis. Ela se vira para a tela do computador, e, enquanto lê alguma coisa concentrada, dou uma olhada rápida em Kareem. Ele está usando sua calça jeans favorita (mesmo neste calor), uma camisa polo preta e um Nike Jordan novinho. Provavelmente *ela* o fez comprar esse tênis. Sinto certa saudade do Converse vermelho surrado e da coleção de camisetas de super-heróis.

Para, Tammi! Você não sente saudade de nada desse idiota.

— Hããã, só um segundo — diz a recepcionista, a voz tremendo. — Vocês dois podem sentar. Já volto com a Maureen.

Kareem e eu trocamos um olhar desconfiado enquanto vamos lentamente para a sala de espera. Com sorte Maureen não vai demorar a vir me buscar... e deixar esse mala aqui.

Sento de um lado da porta enquanto Kareem senta do outro, inquieto.

Só seja fofa, Tammi.

Tiro uma selfie rapidinho para conferir se todo esse calor não derreteu meu *baby hair*. Não estou nem aí para Kareem, mas também não quero que ele me veja toda bagunçada.

— Uau — ele murmura para si mesmo, encarando alguma coisa, e eu confiro o que é.

— Uau — suspiro.

As paredes da sala de espera são um mural de antigos pôsteres de shows no Apollo. James Brown, Ray Charles, Ella Fitzgerald, Billie Holiday — pessoas que meus avós cresceram ouvindo. Não tinha reparado em nada disso antes e de repente me toco: estou pisando no mesmo lugar onde um dia essas lendas já pisaram. Esse pensamento é tão reconfortante que quase me faz esquecer o babaca do outro lado da sala. É assim que vai ser quando eu estiver nos estúdios de TV ou no *set* de filmagens?

Kareem ainda está inquieto, revira cada bolso. Ele faz isso quando está afobado ou atrasado, ou seja, quase sempre. Nunca teria ido a nenhuma aula se *eu* não tivesse colocado vários alarmes no celular para ele. Será que ele ainda usa esses alarmes?

Kareem bate na testa, xingando baixinho. Deve ter esquecido alguma coisa...

Para! Para de pensar nele. Ele não está pensando em você.

E o que é que ele está fazendo aqui? Sr. Taylor, nosso orientador, me contou sobre esse estágio, mas disse que só haveria uma vaga, para um estudante interessado em estudar mídia e entretenimento. Kareem disse que queria se formar no tédio da contabilidade para

aprender a “contar toda a grana dele”. Ah, é isso! O dinheiro. Ele quer os três mil e quinhentos dólares.

Bem, coitado, eu sou a pessoa certa pro Apollo. Até enviei um vídeo meu quando me candidatei à vaga (todo gravado e editado no meu celular). Esse emprego é meu! Além do mais... preciso disso. É mais um passo rumo à minha estrela na Calçada da Fama de Hollywood. Meus pais ainda não estão totalmente convencidos do meu plano. Só Kareem estava. E agora... provavelmente ele não se importa nem um pouco. Então não vou deixá-lo tirar isso de mim. É melhor ele pegar o metrô de volta para o Brooklyn.

Pego o celular, tentando focar em alguma coisa em vez de ficar olhando furtivamente para Kareem. Ele não mudou muito. Ainda alto pra caramba, só pernas e braços desengonçados com aqueles olhos lindos e lábios grossos. Sua pele negra parece mais escura. Talvez tenha ido à praia... com ela. Pensar nisso me enjoa. Posso imaginá-los caminhando para Far Rockaway, ela em um biquíni minúsculo, ele sem camisa...

— Ei, você tem carregador?

Levo um instante para entender que Kareem está falando comigo.

— O quê? — pergunto.

— Carregador — ele repete, bem devagar, como se eu não falasse seu idioma. — Esqueci de carregar e tô com, tipo, cinco por cento.

Eu pisco, desacreditada.

— Isso... isso é tudo o que você tem pra me dizer?

Ele franze a testa.

— Como assim?

Para variar, ele está totalmente por fora.

— Você praticamente não falou comigo nesses últimos meses e as primeiras palavras que saem de sua boca são pedindo alguma coisa.

A princípio, ele fica surpreso. Mas então estreita os olhos e se reclina na cadeira, puxando o ar por entre os dentes.

— Deixa para lá — diz, cruzando os braços. — Nem sei por que tento. Você só liga pra si mesma.

— O que você quer dizer com isso?

— Nada, não — ele resmunga.

Olho para a recepcionista, agora de volta à mesa, e ela desvia o olhar, fingindo que não estava ouvindo. O celular dele não ficaria descarregando o tempo todo se ele não o usasse como uma caixinha de som. Mesmo se eu tivesse um carregador, não emprestaria. Nem se ele fosse o último cara na Terra. Sou rancorosa, sim.

Ele torna a puxar o ar entre os dentes, afundando mais na cadeira.

— Cara, você está agindo como se eu estivesse pedindo vinte dólares. Mão de vaca.

— Ei, acabou? Ou vai continuar murmurando essas merdas com seu bafo?

Kareem estreita os olhos, lançando um olhar mortal.

— Olá!

Ficamos de pé ao ouvir a voz melodiosa de uma mulher que contornou a recepção e veio até nós.

— Oi! Eu sou a Maureen. Você deve ser Tammi Wright. E você, Kareem Murphy?

— Sim — confirmamos em uníssono e me odeio por amar como soamos bem juntos.

Tira isso da cabeça, garota! Não existe “nós”. “Nós” está morto e enterrado. Para sempre.

Ela aperta nossa mão e suspira.

— Bom, odeio dizer isso, mas queria que nos conhecêssemos em uma situação melhor.

— Como assim? — nós dois perguntamos, e eu abafo um resmungo.

— Isso é bem constrangedor. Houve um pequeno erro administrativo. Parece que a confirmação do estágio foi enviada para vocês dois, mas, infelizmente, só temos orçamento para uma vaga.

Meu estômago se retrai, meu queixo cai.

Kareem cruza os braços, as sobrancelhas formando um V profundo.

— E o que isso quer dizer?

Ela visivelmente engole em seco.

— Só um de vocês será contratado.

Kareem e eu nos olhamos e então *clique*, a sala fica escura.

Do nada.

Em um instante eu estava olhando para aqueles olhos castanhos lindos que me fizeram tanta falta e, no seguinte... nada. Não rolou um corte para outra cena. O filme simplesmente acabou.

Confusa, dou passos para trás, ouvindo as vozes nas sombras.

— Ué!

— O que está acontecendo?

— Fiquem calmos!

No meio do pânico, dá para ouvir passos e cadeiras sendo arrastadas. Talvez alguém tenha encostado no interruptor sem querer — mas aí teriam ligado a luz de volta imediatamente. Tem alguma coisa errada. Cadê o Kareem?

— Ei! O que está acontecendo? — Agito as mãos à frente, minha visão tentando se ajustar à escuridão.

Algo bate forte em mim, e eu grito.

— Tammi? — a voz dele parece distante, misturada ao caos.

— Kareem — quero gritar de volta, mas o nome está preso na minha garganta.

Lanternas de celulares são ligadas, como vários holofotes. Então outro *clique*. Luzes, mas não tão brilhantes quanto antes. Luzes de emergência, uma a cada três metros mais ou menos, deixando grande parte do escritório ainda na escuridão. Do outro lado da sala de espera, Kareem se vira e me vê. Não tenho tanta certeza, mas poderia jurar que ele fica quase aliviado. As portas do escritório se abrem; a fraca luz do dia entra por algumas janelas estreitas de frente para um prédio de tijolos.

Depois de cinco minutos de confusão, Maureen grita:

— Gente, vamos evacuar o prédio!

— Tem certeza? — pergunta a recepcionista.

— Prédio antigo. Não sei quanto tempo o gerador vai aguentar. Todos para fora! Usem as lanternas e vão pela escada.

Kareem e eu não dizemos nada enquanto seguimos a multidão porta afora e pelo corredor em direção à brilhante placa vermelha de saída.

Tem mais gente na escadaria, o prédio inteiro pegando a mesma rota. Meu coração começa a bater forte.

Talvez seja alguma simulação de incêndio ou alguém queimou o almoço.

Do lado de fora, filas de pessoas saem dos prédios. Elas lotam as calçadas, todas ao celular em uma confusão coletiva. Em meio a calor, umidade, vozes apavoradas e sol ofuscante, não consigo respirar. Tem alguma coisa acontecendo.

— O que tá rolando? — pergunta um homem na esquina, perto da estação de trem. — Estamos... sendo atacados ou algo do tipo?

Essa mera suposição me faz querer vomitar.

— Algum tipo de apagão — diz um homem, mexendo no celular.
— Afetou a cidade inteira.

— O quê? A cidade inteira? — pergunta Kareem. Nem notei ele parado atrás de mim.

Pego meu celular e ligo para a minha mãe. Ela atende no segundo toque.

— Você está bem? — pergunta ela, e posso ouvir meus irmãos mais velhos discutindo ao fundo.

— Sim, estou bem. A energia acabou aqui.

— É, aqui também. Onde você está?

— Do lado de fora do Apollo... com Kareem.

Ela arqueja.

— Ele está aí... com você?

— Sim. Eu, hmm, explico depois.

— Uaaaaaaau. Ok. Venha para casa assim que puder.

— Pode deixar. Até logo.

— Tome cuidado, Tammi.

Envio uma mensagem para o meu pai dizendo que estou bem. O ônibus de turismo dele provavelmente está preso no trânsito. E não

faço ideia de onde está meu irmão mais novo, Tremaine. Deve estar tirando fotos por aí. Pelo menos sei que ele consegue se cuidar. A aglomeração na rua aumenta. Minha família está segura, mas e eu? Ninguém parece ter ideia do que está acontecendo ou de por que a energia acabou. A cidade pode estar sendo atacada e ninguém sabe!

— Ei — chama Kareem. Eu quase esqueci que ele estava bem ao meu lado. — Hm, posso pegar seu celular?

— Por quê? — eu rebato.

— O meu tá quase sem bateria e preciso ligar pra minha mãe. Enfio o celular na mão dele.

— Toma.

Kareem balança a cabeça e digita o número. Não precisava. O número da mãe dele ainda está salvo nos meus contatos.

— Não, mãe. Sou eu — diz ele. — É. É, longa história. Enfim, aí tá sem energia? Tá? Droga, aqui também. Beleza, tô indo. Sim, eu sei, vou tentar. Tá? Te vejo daqui a pouco.

Ele desliga e me entrega o celular.

— Obrigado por compartilhar seus minutos de graça.

Quero arrancar o sarcasmo da boca dele, até que vejo Maureen.

— Ah, olha! É a sra. Maureen! — Nós avançamos pela multidão na direção dela, que está parada na calçada.

— Gente, desculpe, não é uma boa hora. Estou contando as pessoas — diz ela, sem olhar para nós. — Vocês deveriam ir para casa. Não sabemos quanto tempo isso vai durar. Voltem na segunda, está bem?

— Mas — começo — você não disse quem conseguiu a vaga. Quem deve voltar?

— Agora realmente não é uma boa hora — ela responde, agitada.
— Desculpe, mas preciso checar se todos estão aqui. É o protocolo. Quando a energia voltar, falo com vocês, ok? Voltem pra casa com cuidado!

Ela vai embora rápido, antes que eu tenha tempo de interrompê-la.

— Não acredito nisso — digo, jogando as mãos para o alto. — Temos que esperar o fim de semana inteiro?

— Acho que a gente tem coisas mais importantes com que se preocupar — diz Kareem, estendendo a mão. — Me empresta seu celular de novo.

— Para quê agora?

— Pô, a gente tá no meio de uma emergência e você tá sendo difícil *assim*?

— Aff! Tá! Só não usa a bateria toda.

Ele confere um número no próprio celular antes de discar.

— Fala, Twig, e aí, mano? Não, ligando do... celular da minha amiga. Meu celular tá mortinho, T.

Twig é um dos vizinhos do nosso quarteirão. Alto, magro e desengonçado como uma muda de planta. Por que Kareem está ligando para ele? O que é tão importante assim que justifique gastar minha bateria?

— É, a energia caiu na porcaria da cidade inteira. Uma loucura — diz ele. — Mas o que vai rolar de bom essa noite? É? Serião? Pode crer. Até lá. — Ele me entrega o celular e pega a carteira. — Tem dinheiro aí?

— Por quê?

Ele bufa, gesticulando para a estação em frente.

— Porque se não tem energia, também não tem metrô. A gente vai precisar pegar um táxi.

Droga, ele está certo. Os trens estarão parados, e eu não estou a fim de ficar presa nos túneis nessa escuridão.

Ele conta o dinheiro na carteira.

— Tenho vinte. E você?

Só cinco dólares.

— Não leva a gente pra casa — diz ele. — Com os semáforos desligados, vai ser muita sorte se a gente chegar a dez quarteirões daqui com esse dinheiro.

— Hm, tem um banco do outro lado da rua — digo. — Posso sacar.

— Sem luz, sem caixa eletrônico.

— Merda — murmuro. — O que a gente faz?

Não sei por que perguntei para ele. Provavelmente porque não tem mais ninguém que eu conheça em volta e estou tentando ficar calma, apesar do pânico crescente no meu peito.

Kareem olha para a placa de sinalização e respira fundo.

— Beleza, vamos lá.

Ele começa a andar, e eu vou atrás.

— Para onde você está indo?

— Pra casa. Aonde mais?

— Mas como?

Ele dá de ombros.

— Andando.

— Andando! Daqui?

— Você tem alguma ideia melhor?

— Mas, tipo, é longe pra caramba! Você vai levar dias para chegar.

Ele zomba.

— Ah, nem vem. A gente não tá no Bronx.

— Bem — digo com um aceno. — Te vejo depois então.

— Como assim? Você vai comigo.

— Aff! Não vou mesmo!

— Olha, a gente não sabe quanto tempo isso vai durar, e eu que não vou ficar esperando para descobrir. Já passou das cinco e meia. Não vou ficar na rua depois que anoitecer. Você não tem dinheiro, não dá pra pedir carro por aplicativo porque devem estar sobrecarregados e eu não tenho celular. Então a gente vai ter que ficar junto até chegar em casa. Depois disso você pode voltar a me odiar, tanto faz.

Ei, eu nunca disse que odiava ele! Bom, não em voz alta.

Olhando ao redor, considero minhas opções. Talvez a energia não demore a voltar. Talvez só leve mais alguns minutos, no máximo duas horas. Mas e se Kareem estiver certo? E se demorar a noite toda para voltar e ficarmos presos aqui?

— A gente pega a Frederick Douglass e segue em direção ao Central Park West — diz ele.

Os funcionários do metrô estão fechando a entrada da estação. Quantas pessoas será que estão presas lá embaixo no escuro... com os ratos? Só de pensar minhas mãos tremem. Mas tem coisas piores... uma em especial que estou desesperada para evitar.

— Você vem ou não?

Suspiro para o sol se pondo e vou atrás de Kareem.

SEM MÁSCARA

Nic Stone

Um vagão de metrô, 17h26

Tremaine Wright não é fã de lugares fechados. Um fato que *eu*, Jacorey “JJ” Harding Jr., só sei porque há seis anos, no sexto ano, os idiotas dos meus amigos perseguiram Tremaine no vestiário dos garotos e enfiaram ele no armário minúsculo do zelador.

O cara ficou lá, esmurrando o armário e gritando: “Me deixa sair, cara! Não tem graça!”. E mesmo que eu não fosse um dos babacas segurando a porta pra ele não sair, eu sabia que meus “Vai, gente. Deixa o cara sair” eram fraquinhos demais pra me levarem a sério... Não é motivo de orgulho, mas sei lá.

Bateu o sinal e a gente caiu fora.

Se Tremaine tivesse aparecido na aula alguns minutos atrasado, como eu esperava, eu nem teria pensado no assunto. *Se ele não se machucou, não tem problema*, achava meu eu mais jovem (e idiota).

Mas ele não apareceu.

O tempo passou. O lugar de Tremaine continuou vazio. E eu me lembro de olhar ao redor, viajando, tipo, pensando se *mais* alguém tinha percebido que o atraso do cara tinha virado ausência. Foi aí que comecei a ficar nevoso. E se alguma coisa tivesse acontecido

com ele? Pior (pelo menos na minha cabeça de doze anos): e se ele tivesse denunciado a galera e me incluído como cúmplice? Provavelmente era a minha consciência pesada me atacando por não ter ajudado *de verdade* o cara, mas o garotão aqui estava em choque, tá ligado? Eu sentia o suor na minha testa descer pro sovaco. E se eu me encrencasse? Meu pai não me deixaria jogar basquete. Foi o que ele disse no começo do ano.

Na metade da aula, não deu mais pra aguentar. Pedi pra ir ao banheiro. Tive que fazer muita força pra não *correr* até o vestiário. Passar pelos sanitários até o armário do zelador foi, tipo, os quinze segundos mais longos e assustadores da minha adolescência, juro por Deus. Não vinha nenhum barulho do outro lado da porta. O que, pro meu eu-fã-de-filmes-de-terror significava que ele tinha ou (1) caído fora e estava denunciando a gente naquele momento, ou (2) caído fora e não ia voltar... ou seja, estava morto. Tinha batido as botas, ou qualquer coisa assim.

Fui *eu* quem gritou quando abri a porta e encontrei ele sentado entre uma torre enorme de rolos de papel higiênico e um balde com esfregão dentro, daqueles grandes e amarelos — cheio de uma água cor de catarro de gárgula.

A parte mais doida? Ele nem levantou a cabeça. Continuou olhando pra frente, pra dentro de alguma coisa que deveria ser um tipo de abismo *do além* ou algo assim.

— Hmmm... Tremaine? — eu me abaixei e toquei no ombro dele. — Tremaine! — Dei uma chacoalhada. Ele despertou e se virou pra mim.

Foi *então* que gritou. E derrubou a torre de papel higiênico. Depois ficou sentado lá, com a respiração pesada.

Espiei atrás de mim. Assustado.

— Ei, você tá bem, mano? — Ótimo, o cara estava vivo, mas ser pego *ali* na hora da aula não seria bom. — A gente, ééé... meio que precisa sair desse armário...

Tremaine olhou pra mim de um jeito esquisito... tipo, confuso, mas também meio triste com uma pitada de surpresa? Difícil descrever.

Então ele fez que sim.

— Não gosto de lugares fechados — disse. Direto assim.

— Tranquilo. Vamos sair daqui. — Fiquei de pé e estendi a mão. Ele aceitou. Se endireitou.

Olhou ao redor pros rolos de papel higiênico espalhados.

— A gente deveria, é...

— Não, não — falei. — Eles não vão saber que foi a gente. Deixa pra lá.

Tremaine concordou, e a gente saiu do vestiário em silêncio, mas assim que passamos a linha do meio da quadra, ele disse:

— Hmm... podemos não falar nada sobre isso?

— Hã?

— Toda a... coisa da *claustrofobia*. Sei que vocês gostam de me zoar e tal, mas eu ia preferir se eles não tivessem algo extra pra usar.

— Ah. — Fazia sentido. — Sim, pode deixar. — E então aquela culpa por não fazer nada começou a tomar conta de mim. Fazendo a minha garganta coçar. — Eu, é... sinto muito por não ter impedido.

(E ao mesmo tempo eu estava esperando que ele não dissesse nada sobre aquilo. Péssimo.)

— Ouvi você pedindo pra me deixarem em paz — disse Tremaine.
— Vou te dizer, fiquei chocado.

— Ah.

— Você poderia ter tentado mais? Sim. — Ele então olhou pra mim. — Mas pelo menos voltou pra me buscar. — E sorriu. Juro que eu conseguia ver o aparelho dele inteiro. As borrachinhas se intercalavam, azuis e verdes. Desviei o olhar rapidinho porque aquele sorriso dele fez o meu rosto esquentar um pouco.

Aquela merda era desconfortável, mas eu não sabia exatamente o porquê.

— Agradeço por essa parte — disse Tremaine.

— Tudo bem, cara. Deixa pra lá. Eu vou, hmm... eu vou tentar ser mais firme se eles te incomodarem de novo.

— Seria bom — disse ele.

E foi isso. A gente se separou na diretoria porque ele precisava pegar um aviso de atraso, e eu voltei pra sala como quem foi ao banheiro.

Nenhuma manifestação quando ele finalmente chegou na aula — nem da minha parte nem da dele.

Mantive minha palavra e falei pros caras deixarem ele em paz. E deixaram. Mas entre mim e Tremaine? Nem uma palavra (que *e/le* saiba, pelo menos) nos quase seis anos desde o incidente.

Nenhuma manifestação.

Mas agora? Neste vagão escuro? Tremaine Wright é a única coisa que vejo.

Faz pouco mais de quatro minutos desde que as luzes se apagaram e o metrô desacelerou até parar. A gente está na linha A,

sentido Brooklyn. Entrei na estação de sempre — a da rua 145, literalmente a três quarteirões do nosso apartamento. Então, na parada da rua 125, as portas abriram e Tremaine entrou.

Meu primeiro pensamento foi *O que é que Tremaine está fazendo aqui se as aulas já acabaram?* Mas aí percebi que ele estava com sua boa e velha câmera, então pensei que talvez estivesse tirando fotos ou algo assim. O cara está no grupo que cuida do anuário desde o oitavo ano. Sempre com uma câmera.

O vagão está cheio, mas não lotado — todos os lugares estão ocupados e tem umas pessoas em pé: uma senhora empurrando um carrinho; um barbudo meio hipster com uma bicicleta; um trio de meninas com roupas de balé que não podem ter mais do que treze anos; uns dois caras que *presumo* que sejam um casal de tão perto um do outro que estão.

No entanto, mesmo não estando tão cheio, tem gente o suficiente pra que o arquejo simultâneo que a escuridão gerou me causasse a sensação de que todo o ar foi sugado do universo.

Em segundos, a voz entediada do condutor fez um estalo no autofalante, avisando sobre “dificuldades mecânicas”.

O ar preso logo se tornou um suspiro coletivo. Murmúrios. Resmungos. Suspiros.

E então as lanternas dos celulares começaram a acender.

Estava bizarro pra caramba no começo, mas depois de alguns minutos, quando meus olhos se acostumaram, relaxei um pouco. O bastante, até, pra olhar na direção de Tremaine.

Tanto as pessoas ao lado dele quanto as três sentadas do outro lado do corredor estão com os celulares ligados, então apesar de ele estar no escuro, está claramente visível. Quando Tremaine

entrou, tentei não pensar se ele tinha me visto ou não — e é claro que só consegui pensar nisso —, mas agora ele está com a cabeça apoiada em um daqueles pôsteres que dizem *Se você vir alguma coisa, fale*. E de olhos fechados.

Eu quase diria que ele parece bem tranquilo, mas a intervalos de segundos — e sim, estou observando o bastante pra perceber — ele faz um bico como se fosse assoviar. E então torna a relaxar a boca.

Olho pro peito dele pra ver se consigo perceber quando está subindo, e ao fazer isso sou arremessado de volta ao passado, pra um momento que devo ter escondido num lugar bem profundo, onde ninguém encontraria — nem eu mesmo:

Começa comigo. Ano passado. Eu era o único cara do segundo ano a fazer parte do time da escola, uma honra que eu carregava por aí como um emblema de super-herói invisível no peito. Me *achando*. Isso até o quarto jogo, quando tentei fazer uma cesta suavíssima, levei um esbarrão e caí bem feio sobre meu tornozelo direito. Uma distorção pesada. Nunca senti tanta dor na vida.

Fiquei sentado no chão, de olhos bem fechados, abraçado ao joelho. Assustado pra caramba, mas sem querer deixar que ninguém percebesse, porque, de acordo com todo treinador que já tive, *Homens de verdade nunca demonstram medo*. A treinadora estava levando numa boa: “Inspire pelo nariz... *mmhmm*, isso aí. Agora faça um bico e expire pela boca. Isso mesmo”. Ela mandou dois caras do último ano virem me ajudar, enquanto eu saltitava com meu ego murcho pro vestiário. Quando eu estava em um pé só, olhei pra multidão. E quem estava me encarando?

Tremaine Wright.

Ele estava de pé na arquibancada, a algumas fileiras do chão. Uma câmera grande nas mãos. Apenas me encarando. Todo... preocupado.

O autofalante chia no trem: “Tudo bem, pessoal, a informação lá de cima é que a cidade está passando por um apagão. Não há muito o que possamos fazer porque o sinal caiu. Então segurem as pontas, e eu vou informar assim que souber de alguma coisa”.

Mais murmúrios. Resmungos. Suspiros.

Todos se acomodam.

Exceto Tremaine. O peito dele está expandindo e contraindo com força agora. Respirando fundo, eu acho.

E a perna está tremendo muito. Tipo um controle de videogame numa partida insana de *Call of Duty*. Acho que eu nem sabia que uma perna *podia* balançar rápido assim.

Meus olhos vão até os pés dele — sem minha permissão expressa, fique sabendo — e quando vejo seu Jordan Retro 1 branco-branco-mesmo totalmente imaculado (*tão* imaculado que praticamente brilham no breu do vagão), olho pro outro lado.

Atualização rápida: os dois caras estão agora sentados no chão olhando alguma coisa em um dos celulares, as cabeças literalmente juntas (só podem ser um casal). O trio de bailarinas está juntinho, parece uma coisa só, como se desejassem que os pais estivessem aqui. O cara da bicicleta ligou a luzinha do capacete e direcionou pro teto. Parece muito orgulhoso da ideia.

O bebê começa a chorar do outro lado do vagão, e eu olho (mesmo que seja o único — #NovaYork). A mãe está com o celular apoiado no topo do carrinho, com a lanterna pra cima, então consigo

ver que se abaixa para pegar o carinha. Em seguida, rápida como um raio, está com um peito pra fora e a criança começa a mamar.

Isso me faz sorrir. Ao menos uma pessoa aqui não vai ficar com a barriga roncando. E, falando sério, admiro essa mãe por não se cobrir e tal. Tudo bem, está escuro pra caramba e ninguém consegue ver nada *mesmo*, mas ainda assim. Pessoalmente, eu não acho que uma mãe *tenha* que cobrir o bebê quando ele está... ou *ela* está, ou... eles... na hora da alimentação.

Não que eu fosse dizer uma coisa dessas em voz alta.

Balanço a cabeça.

Bela hora pra um apagão. Estou aqui preso dentro desta maldita lata com Tremaine sem previsão de sair, justo nesta noite que deveria ser um recomeço. O final da temporada de basquete foi difícil — perdi meus poderes por um momento —, mas o garotão aqui estava *em chamas* durante toda essa primeira semana do treinamento de verão.

Os caras do time estavam me incentivando. Eu me sentia uma nova versão de mim mesmo. E mais do que isso, a prima do Langston — Kayla, que está vindo de algum lugar do sul — viu uma foto dele comigo e aparentemente gostou de mim. Eu não sou bem do tipo que curte a *ideia* de passar de um certo nível de interação com o parente de algum colega (leia-se: nada além de esbarrar no corredor e mandar um *e aí*). Mas foi Lang quem me contou que ela estava a fim. *E* ela é linda.

Então.

Quando recebi aquela DM perguntando se eu toparia ir com ela numa festa no Brooklyn hoje à noite, eu disse sim. Falei pro Lang que ia na casa dele ajudar a escolher a roupa que ele usaria e tal, e

pensei que se eu saísse bem cedo poderia passar no meu avô (tem que curtir muito morar no Harlem — basicamente do lado contrário de onde todas as coisas em que *eu* estou interessado acontecem). Pra início de conversa, é por isso que estou neste vagão: nova temporada, nova mina, novo começo. Novo eu.

Bem... até onde as *outras* pessoas sabem... *Antigo* eu. Saca só: JJ “Joga-Joga” Harding. (E mesmo que o “JJ” tecnicamente signifique “Jacorey Jr.”, funciona bem, né não?)

Eu contaria a alguém que não estou mais *curtindo* o basquete? Que antes jogar era a luz do meu caminho/minha razão de viver/minha única fonte de expectativa e agora é só... uma *coisa*? Talvez até um pouquinho tediosa?

Não antes de dizer que penso que mulheres deveriam poder dar de mamar sem se cobrirem e fazerem o bebê passar calor.

Falando em calor, talvez seja eu, mas este vagão está começando a parecer um forno.

Agora *eu* que respiro fundo. Dou mais uma espiada em Tremaine. Os olhos dele ainda estão fechados, e ainda dá pra ver que ele está respirando rápido e forte, e agora são as duas pernas que tremem. Alternando como um par de baquetas numa bateria. Por mim, eu ia lá ver se ele está bem, mas depois do que aconteceu há dois meses... cara, sei lá.

Meu palpite é que ele estava indo pra mesma festa que eu. Afinal de contas, o DJ é o ex-namorado da irmã mais velha dele, e eu ouvi dizer que Tremaine tira todas as fotos do cara “na atividade” pro site e ganha muito bem por isso. (Quero dizer, por que *mais* alguém seguiria o ex-namorado da irmã com uma câmera por aí?)

Espio de novo o par de Jordan branco reluzente antes de fechar os olhos e deitar a cabeça no mapa do metrô atrás de mim. Na real, parece um pecado fazer isso, considerando o corte que dei no cabelo hoje à tarde. Estou tentado a acender a lanterna do *meu* celular e apontar pra minha cabeça pra que as pessoas possam ao menos ver as maravilhas que meu barbeiro faz.

Penso no peito de Tremaine e tento sincronizar minha respiração com a dele.

Inspirar pelo nariz. Expirar pela boca.

Os tênis dele tomam conta da minha cabeça.

Alguma hora vou ter que parar de ficar guardando tudo só pra mim.

Doze minutos já se foram.

Eu menti antes.

Aquela parada de “nenhuma manifestação”?

É... não é verdade. Nem um pouco.

Sempre quis que fosse, mas vou ser sincero — afinal, é só o que me *resta* neste vagão escuro sem nada pra me fazer companhia além dos pensamentos que geralmente abafo arrumando qualquer merda para fazer —, desde aquele dia no vestiário, tantos anos atrás, “nenhuma manifestação” tem sido impossível.

E eu meio que odeio isso. Não só porque sei, e sempre soube, o que isso quer dizer (embora admitir pra alguém — inclusive pra mim — seja uma ponte que ainda não cruzei), mas também porque não sou a única *manifestação* para o cara. Ele podia conseguir quem quisesse. Tipo... de todo o *espectro de gênero*, como diz minha irmãzinha, Jordy.

Não posso dizer com *certeza* porque nunca cheguei perto o suficiente dele pra confirmar, mas acho que temos a mesma altura. Os dois com mais ou menos um metro e noventa. Talvez ele até tenha uns dois centímetros a mais.

O maluco também não é magrinho, não. Essa é a parte doida. Ele é tão forte quanto metade dos caras do meu time. Essa é uma das coisas que me incomodam, na boa. Ninguém vai admitir, mas todos sabemos que as pessoas esperam que caras como eu e Tremaine — altos e “atléticos”, de certa cor (reviro os olhos pra valer agora) — sejam atletas. Que joguem basquete. Que tenham “mãos” boas pra arremessar e pegar tipos diferentes de “bolas esportivas” (outra coisa que minha irmãzinha diz). Sério, eu tinha quatro anos na primeira vez que meu pai colocou uma bola de basquete na minha mão.

Mas Tremaine nunca pareceu dar a mínima pra esse negócio de *expectativa*. Eu me lembro de estar no corredor da escola uma vez e escutar um dos imbecis do meu time dizer: “Que merda que um mano com tua altura e porte prefira usar uma câmara em vez de uma bola” (se referindo à esfera laranja e preta do esporte que eu escolhi).

Nem acreditei no quanto eu quis socar o cara, mas Tremaine só sorriu e disse: “Alguém tem que tirar a foto pro seu futuro pôster, parceiro”.

O palhaço do meu time nem conseguiu formular uma resposta. Só ficou lá com a boca aberta, como se tivesse testemunhado alguma coisa sobrenatural.

Pensei naquela merda por *semanas*.

Sei lá. Tem uma parte de mim que queria ser tão... de boa quanto Tremaine parece ser. Confortável *consigo mesmo* ou sei lá como dizer isso. É louco pra mim saber que sou um dos dez melhores jogadores do estado, e constantemente sinto como se nada disso fosse de verdade. Como se a qualquer momento alguém fosse descobrir o *verdadeiro* eu. Aí fico bugado pensando qual seria o problema nisso.

Mas o Tremaine? As pessoas falam todo o tipo de maluquice sobre o cara — há rumores de que ele “deflorou” o novo quarterback e a namorada do novo quarterback —, mas isso nunca parece incomodá-lo. São só ele e a câmara. O cara é todo limpinho (tipo, o guarda-roupa dele é imaculado) e supertranquilo. Tirando foto de tudo.

Normalmente.

Neste exato momento, o peito dele está subindo e descendo um pouco mais rápido que antes, e por mais cafona que eu me sinta por isso, estou ficando preocupado.

Fico cada vez mais pilhado de ir até lá ver se está tudo bem...

Mas eu não tenho nenhum contato *real* com o cara há anos. O que é que ia parecer, eu chegando nele num vagão escuro, durante um apagão, todo *preocupado* como se a gente fosse amigo ou algo assim?

O cara ia me olhar cheio de desconfiança.

Não ia?

É, no sexto ano eu deixei de lado meus “aliados”, como diz Jordy, e voltei pra ajudar ele. E, na real, se ele ainda tem a coisa da claustrofobia, pode ser que esteja surtando por dentro agora, preso neste vagão estreito pra caramba.

Mas e se eu estiver errado?

E se ele estiver com raiva porque eu não falo nada com ele desde o ensino fundamental?

E se ele entender tudo errado?

Os tênis brancos reluzentes dele atraem meu olhar de novo.

E se ele entender tudo *certo*?

Dezoito minutos.

O pessoal está ficando impaciente.

O casal de caras com certeza é um *casal*/ casal. Um está segurando o outro, que está de olhos fechados. Me lembra um pouco como os dois pais do Langston sentam juntinhos nos nossos jogos, torcendo pelo filho como se fosse a coisa mais normal do mundo. O que... é, né? Meus pais vão aos nossos jogos e ficam se agarrando. Por que os pais do Lang não fariam isso?

Por que estou evitando tanto essa merda?

Enfim, o hipster da bicicleta agora está sentado no seu corcel de duas rodas, pés nos pedais, parecendo pronto pra cair fora daqui assim que as portas se abrirem.

As bailarinas estão grudadas.

O bebê está desmaiado (imagino) no carrinho, mas a mãe parece muito agitada, mexendo o negócio pra frente e pra trás como se fosse cair no choro se parasse.

E Tremaine... bom, não consegui tirar os olhos dos pés dele.

Queria que tivesse sinal de celular neste túnel. Outro detalhe sobre a minha irmãzinha: ela sabe coisas sobre mim que ninguém mais sabe. Pura intuição. Não confirmei nem neguei nenhum dos palpites, mas ultimamente ela vem dando a entender que tem

algumas *ideias* sobre mim. Tipo, em março, estava me perguntando sobre meus “planos pro baile”.

Ela: “Então, o que vai rolar?”.

Eu: “Como assim? Tipo, que mina vou convidar?”.

Ela: (dando de ombros) “Ou cara. Afinal de contas, estamos há duas décadas no século XXI”.

Em abril, numa das raras ocasiões em que estávamos os dois fazendo o dever de casa na mesa da cozinha, ela do nada lançou:

— Sabe de uma coisa, JJ? — espiando por cima dos óculos iguais aos do Malcolm X. — Estou ansiosa pelo dia que você vai trazer uma paixão. — (Que pessoa de catorze anos fala assim?)

— Jordy, do que você tá falando? — perguntei.

— Só acho que você será um excelente par romântico pra alguém.

— Você tá dizendo que quer que eu arrume uma namorada?

Ela deu de ombros. (Sempre dando de ombros.)

— Ou um namorado. Tanto faz. Tenho certeza de que nossos pais vão ficar felizes também. Então para de achar que eles não vão gostar.

Jordy também foi a primeira a perceber a minha derrocada no final da temporada... e a chamar minha atenção:

— Você tá *pra baixo*, Jacorey Jr. — disse ela um dia no café da manhã. — E sei que alguma coisa aconteceu. Você deveria apenas... assumir.

— Eu deveria o *quê*?

— ... o PROBLEMA. Você deveria assumir o PROBLEMA. Seja lá o que está te *incomodando*, sabe?

— Não sei do que você tá falando, cara.

Mas é claro que eu sabia. Sei. Do que ela estava falando.

Não que ela saiba *disso*, mas mesmo com meus olhos fechados agora, posso ver os tênis do Tremaine. Porque eles estão presos na minha memória.

Quanto mais o tempo passa neste negócio, que está ficando parecido com um caixão gigante de metal — os vagões meio que *têm* mesmo esse formato, né? —, mais eu quero ligar pra Jordy. Queria simplesmente ter *contado* a ela naquela hora.

Porque ela estava certa. Alguma coisa aconteceu.

Vinte e dois minutos.

Menti de novo. Sobre aquilo de não ter contato real com Tremaine há anos.

Dou mais uma espiada no casal de caras. Agora eles estão abraçadinhos, os dois de olhos fechados.

Torno a fechar os meus.

A merda começou de verdade em janeiro. Eu estava meio triste. E não era por causa de nada específico. De um jeito bem geral. Fico um pouquinho pra baixo todo inverno — não que alguém além de Jordy saiba disso. Sobre essa merda de tristeza e sobre toda essa coisa de *medo*, os treinadores têm a mesma opinião. Pode acreditar.

Enfim, joguei muito mal um dia: foram duas infrações por mexer os pés enquanto estava com a posse da bola, uma punição desnecessária por ficar com a bola além do tempo, tropecei sozinho enquanto corria pra quadra e arrebentei meu lábio, não consegui acertar nenhuma cesta e tive quatro faltas antes do intervalo.

Eu só estava... desligado.

Tão desligado que a treinadora me colocou no banco.

Nunca tinha acontecido antes. E por mais dramático que pareça, com todos os olhares de pena, os tapinhas nas costas e os “Não se preocupe, JJ. Você vai voltar no próximo jogo”, senti como se estivesse afundando mais e mais. Afundando tipo sendo-jogado-no-mar-com-pesos-amarrados-nos-tornozelos.

Quando cheguei em casa, fui direto pro quarto e tranquei a porta. Entrei na internet atrás do, é... *conteúdo* a que assisto quando quero desestressar, manja? Me deparei com uma coisa diferente do que geralmente procuro. (Quando penso de novo nessa sequência de eventos, fico tentado a olhar pro casal de caras. Porque... é.)

O lance é que não odiei o que encontrei... mas também fui interrompido. Pelo meu pai. Batendo na porta e dizendo que queria saber se eu estava bem. E mesmo ele não tendo visto nada, fiquei tão envergonhado que não peguei o meu tablet por uma semana.

Agora eu *olho* pros dois caras de novo.

O doido nisso tudo é que eu tenho certeza de que Jordy está certa: nossos pais — incluindo meu pai — não teriam problema comigo... gostando de quem quer que seja. Cara, ele e minha mãe se conheceram em um show de drag queens. O melhor amigo dela da faculdade estava se apresentando e meu pai era o segurança do clube. Nunca conheci esse amigo porque ele mudou para Atlanta antes de eu nascer, mas, pelo que entendi, foi quem juntou meus pais.

Mesmo assim: não consegui me livrar do medo de ser descoberto. Ouvi histórias de caras como eu que são pegos vendo essas coisas, sabe, e aí acabam se ferrando com o resto do time.

Então minha estratégia foi ficar na minha. Porque eu comecei a ter esses... sonhos. Sobre mim. E indivíduos como eu. Eu *com*

indivíduos como eu.

Caras, quero dizer.

Corta para fevereiro. Eu me cadastrei (obviamente com um nome diferente) numa newsletter com diferentes eventos para caras que gostavam de caras na cidade. Eu dava uma olhada sem a real intenção de ir a nenhum e deletava meu histórico depois, até que apareceu um que ia acontecer no dia seguinte ao meu aniversário de dezoito anos. Um baile de máscaras.

Fechei a página.

Chegou meu aniversário e os caras do meu time me fizeram uma *baita* festa. O pai do nosso pivô é dono de uma boate no centro, e eles reservaram o lugar inteiro pra mim. DJ fodão, minas bonitas pra todo lado. E uma delas de outra escola, Shelley era o nome dela, gostou mesmo de mim. Me levou pra um canto pra dançar e começou a beijar meu pescoço.

E eu beijei ela também — Shelley beijava bem, objetivamente falando —, e quando ela tentou avançar um pouco mais as coisas, eu deixei. Mas a gente estava numa boate. Então é claro que tinha um limite.

O doido é que... fiquei aliviado. Que a coisa só podia ir até ali. Shelley me deu o número dela e me disse pra ligar.

— Você pode ir lá em casa e a gente termina o que começou — ela disse.

Os caras do time ficaram doidos, claro.

— Cara, você conseguiu a melhor mina do colégio Bed-Stuy!

Mas eu sabia que nunca ia usar aquele número. Então deletei.

Na noite seguinte, estava no metrô com um terno na bolsa.

E uma máscara.

Vinte e sete minutos neste trem.

Eram 22h29 quando cheguei ao prédio em frente ao do baile de máscaras. Tinha um cantinho na sombra onde eu podia me esconder e tal.

Troquei de roupa no banheiro da Herald Square, mas eu estava usando um casaco comprido, então ninguém podia ver que por baixo tinha um terno. O prédio era suspeito pra caramba. Um bloco de cinco andares na Bowery com um restaurante chinês no térreo. O convite dizia pra entrar, falar a senha para a pessoa no balcão, e ela me levaria até onde eu deveria ir.

Me senti um completo idiota.

E se fosse uma armadilha? Eu ia entrar numa seita? Estava prestes a ser assassinado? Meus pais — que achavam que eu estava na casa de um cara do meu time — tinham me avisado sobre esse tipo de coisa, e mesmo assim lá estava eu, de pé do outro lado da rua, diante de um prédio muito suspeito, literalmente do lado oposto da cidade, longe do calor e aconchego do meu cafofo no Harlem. Só Deus sabe que destino terrível poderia estar me esperando.

Aí então, da minha direita, vi um cara se aproximando do restaurante.

Ele também estava de casaco e usava um chapéu quase tapando o rosto. Mas eu teria reconhecido aquele passo — e os tênis — em qualquer lugar.

Assim que ele alcançou a porta, tirou o chapéu, e tive um vislumbre rápido do rosto de Tremaine Wright antes de ele colocar a máscara. Então ele entrou, e eu vi pela grande janela da frente quando ele ergueu a mão pra mulher do balcão, que abaixou a

cabeça e o cumprimentou com um sorriso. Depois, ele seguiu pro que parecia um tipo de corredor escuro onde os banheiros deveriam ficar.

Corri pra atravessar a rua.

Assim como Tremaine, coloquei minha máscara antes de entrar. Era uma parada que cobria o rosto todo, estilo Pantera Negra. Eu não ia arriscar ser reconhecido.

E acabou que não precisei da senha. “Pelo corredor, a última porta à esquerda”, a mulher disse sem nem tirar os olhos do que quer que estava fazendo.

Segui as instruções. Estava curioso demais. Entrei pela porta indicada e desci um lance de escadas. Cheguei a um lugar diferente de tudo que eu já tinha visto: caras em ternos de cores e estampas diferentes, usando uma variedade de máscaras.

Um monte de “sentimentos”, como Jordy diz, me atingiram ao mesmo tempo. Tinha um pouquinho de medo, sim. Ainda não estava muito disposto a ser reconhecido. Mas também tinha uma sensação de... não estar sozinho. Não dava pra chamar de *pertencimento*. Eu, sem dúvida nenhuma, ainda estava (estou) tentando me entender. Mas entrar naquele lugar — com a música rolando, os caras conversando e todo mundo estiloso — fez algo com o meu coração, por mais brega que isso soe.

Primeira coisa engraçada da noite: a única pessoa no lugar *sem* máscara era o DJ. E eu o reconheci. Não sei o verdadeiro nome dele, mas todos o chamam de Twig (e ele meio que parece aquele personagem que é uma árvore daquele filme de super-herói sobre uma galera que fica rondando o espaço com a moça verde e um guaxinim falante).

E eu o reconheci porque ele tinha sido o DJ da minha festa de aniversário na noite anterior.

Agora que eu não ia tirar minha máscara *mesmo*.

Se bem que, pelo visto, ninguém tiraria. Tinha tipos diferentes de máscara por todo o salão. Algumas cobriam só os olhos; outras, o rosto todo. Tinha um maluco em um terno de lã azul com uma máscara de veludo com penas. Um mano todo de preto com uma máscara digna de *O fantasma da ópera*. Outro de vermelho que estava tirando onda com uma estilo arlequim.

Em todo canto, por todo lado, pessoas parecidas comigo arrumadas e com o rosto coberto.

Alguns conversavam concentrados. Alguns seguravam bebidas. Mas tinha também uns coitados mexendo no celular.

Basicamente uma festa do ensino médio.

Mas acho que eu também estava bem deprimente.

— Primeira vez — alguém disse à minha direita. Me virei e vi um cara num terno azul-petróleo de um tecido que parecia cetim, com uma máscara com penas de pavão.

Bem direto esse cara.

— É... acho que sim — respondi.

— Gosto do seu estilo — continuou o cara, me dando uma olhada de cima a baixo. — Muito clássico. A máscara também é perfeita. Deliciosamente exagerado. Você tem cara de homem que sabe o que quer.

O cara sorriu, mostrando seus dentes tortos.

Era hora de ir embora.

— Obrigado — falei. — Tenha uma boa noite. — E me virei pra ir embora, mas ele agarrou meu braço.

— Ei, não banca o tímido agora — disse, chegando perto demais e roçando o hálito quente na minha orelha. — Estamos todos aqui pelo mesmo motivo...

Bem quando eu estava prestes a partir pra cima do cara, surgiu uma voz e alguém segurando meu ombro.

— *Aí* está você. Te procurei por toda parte.

— Hããã... — Mas antes que eu conseguisse terminar de calcular como derrubaria *dois* caras e fugiria daquela festa maldita sem ser descoberto, olhei pra baixo. E vi um par branco-branco-de-verdade de Jordan 1.

Congelei.

— Mil perdões — o Pavão Abusado disse, olhando pra Tremaine do mesmo jeito que olhou pra mim. — Não percebi que ele estava acompanhado.

Tremaine sabia que era eu? O terno dele era cinza-carvão, e o paletó não tinha lapelas. Estava impecável. E a máscara dele era simples e preta, cobria o espaço entre as sobrancelhas e o nariz. Me lembrou os filmes do Zorro que meu pai adora. O visual todo fez meu estômago revirar de um jeito esquisito.

— Tudo bem, cara — disse Tremaine. — Roupa foda, por sinal. Vem, amor. — E então pegou minha mão e me levou pra longe.

Eu estava chocado demais pra fazer qualquer coisa que não fosse ir junto.

(Mas, *amor*?)

Quando a gente chegou numa mesa alta e vazia nos fundos do salão, ele soltou minha mão.

— Desculpa — pediu Tremaine, balançando a cabeça. — Geralmente eu não seguro a mão das pessoas sem ao menos saber

o nome delas, mas aquele cara é um sem noção de marca maior e você *obviamente* é novo por aqui. Eu sou Tremaine.

Confirmado.

Era estranho ver ele sem a câmera. Também fiquei chocado por ele usar o nome verdadeiro.

Minha garganta apertou. *Como* o cara estava tão tranquilo com tudo? Como é que *eu* ia chegar a esse ponto?

Ele se aproximou.

— E você é?

— Ah... é... me chamo Tobias.

Esperei que Tremaine risse e me desmascarasse. Qualquer coisa que confirmasse que ele sabia exatamente quem eu era.

Mas nada.

— T e T! — disse ele, apontando pro peito e depois pra mim. — Legal!

Isso me fez rir. E me soltar um pouco... mas não tanto quanto gostaria, considerando que minha culpa por mentir na cara (máscara) dele resolveu enrolar suas garras no meu pescoço como um cachecol horroroso.

Causa uma sensação meio agridoce pensar nisso agora.

— Então me conta sobre você, *Tobias*.

Tremaine enfatizar meu nome daquele jeito foi meio suspeito, mas preferi ignorar.

— O que você quer saber?

Ele deu de ombros.

— Você tem algum hobby?

— Ah, essa é fácil: basquete.

Me arrependi no mesmo instante.

Mas ele nem percebeu.

— Ah. Um cara dos esportes.

Ri de novo.

— Como assim?

— Não temos muitos atletas por aqui. — Tremaine escaneou a sala e eu fiz o mesmo. — E aposto que você não vê muitos caras como os daqui nos seus jogos. Isso aqui é muito desconfortável pra você?

— Éééé... — E decidi falar a verdade. — É, um pouco, sim. Cá entre nós, não sei se os caras do meu time levariam numa boa se soubessem que eu vim aqui. — Não percebi quão ridículo aquilo era até que as palavras saíram da minha boca. Mas não consegui pensar em como voltar atrás. — Você, é... vem muito aqui? — perguntei, tentando mudar de assunto.

— *Muito*, não. Eles fazem coisas assim toda semana, mas esta é só a terceira vez que venho. É um lugar interessante pra observar as pessoas.

— Observar as pessoas?

— É. Eu curto muito fotografia e gosto de observar as pessoas mesmo quando não estou com a câmera.

— Quantos anos você tem, se não liga de responder? — perguntei, querendo saber se ele diria a verdade.

— Fiz dezessete em dezembro. — Tremaine se aproximou mais de mim. — Não conta pra ninguém, mas eles só me deixam entrar porque conheço o DJ. Fotografei muitos tramos dele. Tecnicamente, eu deveria ter dezoito pra entrar. E você deveria ficar de olho em impostores.

Ele olhou bem nos meus olhos quando disse isso, e juro que parei de respirar.

Mas então continuou:

— E você... tem quantos anos?

— Eu... tenho dezenove. Calouro de faculdade. Bem... quase do segundo ano agora.

— Você está sendo sincero? — E ele me deu uma piscadela.

Se fosse possível me teletransportar pra fora dali? Acredite, eu faria.

Acho que meu silêncio foi revelador, porque ele disse:

— Tô brincando com você. O que você estuda?

— Hmm... engenharia mecânica. Mas tô considerando trocar de curso.

(Eu *sei* que estava soando ridículo demais. Por que o cara continuou me ouvindo está fora da minha compreensão.)

— Um cara dos esportes *inteligente*! Golpe duplo. — E Tremaine deu aquele sorriso que faz todas as minas se derreterem e ficarem de queixo caído nos corredores da escola. Não vou mentir: quando foi pra mim, o efeito fez todo o sentido.

A partir dali, grande parte da noite é um borrão. Em alguns minutos, eu entraria no que, acho, é uma versão dos sonhos do que eu poderia um dia ser: um cara abertamente bissexual prestes a começar o segundo ano no City College com uma vida rica no campus que incluía associação de estudantes, basquete de quadra e uma fraternidade Alpha Phi Alpha.

E era muito fácil conversar com Tremaine. Na verdade, quanto mais a gente falava, mais coisas da minha vida *real* escapavam. contei a ele sobre estar confuso porque, mesmo sabendo que

algumas minas me atraíam, eu também tinha certeza de que gostava de caras. (Sobre isso, ele disse: “Eu também. E não deixe ninguém te convencer que seus sentimentos são errados. Eu percebi que me sentia atraído por *pessoas* no segundo ano. Você não acreditaria como uma galera reage quando percebe que não pode te rotular.”)

Contei a ele sobre a minha Jordy. (“Ela parece incrível. Nada como o apoio da família.”)

Contei a ele sobre meus treinadores. (“Masculinidade tóxica pura, meu amigo.”)

E contei a ele sobre estar nervoso por no fundo ter *dúvidas* sobre tudo. (“Bem-vindo ao clube. E não tô falando deste aqui.”)

Fiquei *tão* relaxado perto de Tremaine Wright que, quando ele perguntou se eu estava namorando alguém, o bom e velho *Tobias* respondeu:

— Bom, de acordo com o que você falou pro Pavão, estou namorando você.

A gente riu e continuou conversando.

Falamos mais sobre família: a pessoa favorita dele é a irmã mais velha, Tammi, mas o pai, Sean, que é motorista de ônibus de turismo, vem logo em seguida. Contei pra ele a história de como meus pais se conheceram, e ele me contou a história dos dele: a mãe, Camille, era uma estagiária de fotografia que tinha vindo da Virginia. Ela ficou perdida na cidade e decidiu subir num ônibus de turismo. Logo, eles estavam se aproximando do Flatiron Building e o estúdio pra onde ela ia era do outro lado da rua... então ela foi até o motorista e pediu pra descer, mas era um ônibus sem paradas, e ele

negou. Camille insistiu, e, quando Sean enfim olhou pra ela, ficou tão distraído por sua beleza que bateu no táxi na frente deles.

— Era o terceiro dia dele no trabalho — disse Tremaine. — Foi demitido na hora.

Falamos sobre comida: ele é metade jamaicano, mas ama lámen e churrasco coreano. Contei a ele que meu avô nasceu na Georgia e falei todo poético sobre meu amor pela comida típica do sul.

Falamos sobre amigos: ele admitiu que, mesmo sabendo que muitas pessoas eram “interessadas” nele, nunca teve amigos muito próximos, principalmente caras. Era uma coisa que esperava mudar quando entrasse na faculdade. Contei a ele que, mesmo tendo amigos próximos — a maioria do meu time —, eu ficava com medo de como eles podiam reagir quando soubessem que não sou hétero.

— Ouvi dizer que times masculinos podem ser um ambiente bastante homofóbico — foi a resposta dele.

Falei que ele parecia bastante confortável consigo mesmo e que eu não tinha certeza de que algum dia chegaria naquele nível. E ele *garantiu* que não foi sempre daquele jeito, e que obviamente teve seus momentos de insegurança.

— O negócio é o seguinte — disse Tremaine —, se eu não posso *me* amar e *me* aceitar como sou, por que esperaria que outra pessoa fizesse isso?

Obviamente fazia sentido.

Quando me dei conta, ele estava olhando o relógio e dizendo que precisava ir embora pra não perder a hora.

E eu sabia que não podia ir junto. Arriscado demais.

Então falei que tinha sido legal conversar com ele (Cara, quem eu estava pensando que *era?*), e que esperava que a gente se

encontrasse de novo.

Tremaine estreitou os olhos e curvou os cantos da boca pra baixo por um *breve* momento, mas foi rápido demais pra que eu mencionasse isso sem demonstrar que o observava muito atentamente.

— É, cara, com certeza — disse ele. — Nos vemos por aí então.

Mas quando ele se virou pra ir embora, fiz uma coisa que ainda não consigo acreditar.

— Ô, Tremaine — falei. E toquei o braço dele. Quando Tremaine se virou pra mim, levantei minha máscara, fui até lá... e o beijei na boca.

— Ok, então — foi tudo o que ele disse quando a gente se separou (depois... de algum tempo).

Pareceu que tinha passado uns oitenta e três minutos, mas provavelmente foram só alguns segundos esquisitos.

— Você deveria, é... ir andando, né não? — falei pra quebrar o silêncio profundo.

E talvez porque estivesse sentindo muitas coisas de uma só vez: choque pela minha coragem; culpa por não ter perguntado antes de dar o beijo (tá aí uma *certeza* que tenho sobre meus pais: eles levam bem a sério essa coisa de *consentimento*); tristeza por estarmos prestes a nos separar; entusiasmo pelo beijo; medo do que aquele entusiasmo confirmava pra mim. O que senti ao beijar Tremaine foi *bem* diferente do que senti com Shelley na noite anterior.

Que parada assustadora.

— É... — disse ele. — Acho que devo ir...

Há um *baque* alto e outro arquejo coletivo no trem, e meus olhos se abrem de repente.

— Meu Deus, ele tá bem?

Entendo as palavras antes de entender o monte caído no chão, mas meu cérebro finalmente liga os pontos entre o assento vazio de Tremaine e os tênis brancos-muito-brancos presos ao corpo no assoalho sujo, e estou perto dele antes de me dar conta.

— Ô, Tremaine! — Sacudo o ombro dele. O pânico começa a encharcar minhas mãos e meu sovaco... assim como no sexto ano.

É de se imaginar que eu teria aprendido a ser um pouco mais útil, não é? Que vergonha.

— Tremaine! — Sacudo de novo. — Cara, você tá bem?

Que pergunta imbecil.

Mas ele geme.

Pelo que entendo, é um bom sinal.

— Tremaine, sou eu, JJ — digo, virando-o de costas para o chão. — Vou te tirar daqui, cara, mas agradeceria se você me ajudasse um pouquinho me indicando que tá me ouvindo.

Ele geme de novo.

Estendo a perna dele e depois volto pra cabeça. Começo a abanar o rosto, como vi pessoas fazerem em filmes.

Na real, *não tenho ideia* do que estou fazendo.

Mas parece funcionar. A cabeça dele vira lentamente pra direita, e então pra esquerda. E quando volta pro meio, os olhos se abrem.

Acho que é como se meu coração dançasse sapateado ou coisa parecida.

— Graças a Deus — digo. Literalmente fazendo o sinal da cruz.

— Ô, você consegue se mexer? Quero te colocar de pé e te tirar

desse trem, mas se eu tiver que te carregar, vou ter que pensar em...

— JJ? — pergunta ele, todo grogue e confuso. (Droga, e o misto de amor e ódio que tenho com a minha reação? Preciso evitar olhar pra boca dele.)

— É, cara. Sou eu.

— O que rolou? Onde a gente tá? — Os olhos dele tornam a se fechar.

— Não, mano. Você precisa ficar acordado. A gente tá no metrô. Teve um apagão e estamos presos em um túnel faz uns trinta minutos.

— Odeio lugares fechados.

— Isso eu já sei. Mas o que *preciso* saber é se você acha que consegue andar. Vou abrir a porta e te ajudar a ficar de pé, aí você me diz, beleza?

— Mmhmm — ele responde. Ou melhor, *murmura*.

Rápido como um raio eu tiro minhas chaves do bolso e tento com uma daquelas miniferramentas dobráveis do meu chaveiro abrir o painel acima das portas do meio do vagão (graças a Deus sou alto o bastante pra alcançar com facilidade). Tenho certeza de que a maioria das pessoas nem nota esse negócio quando entra e sai do trem, mas quando eu era pequeno, meu pai me fez aprender como sair de *qualquer* transporte público em caso de emergência.

Ele também é a pessoa que me faz carregar as ferramentas.

Quando consigo abrir o compartimento, aciono as duas alavancas vermelhas — o *clique* das portas destrancando quase soa como música — e jogo todo o meu peso pra abrir.

Então volto pra Tremaine.

— Ok, vou te erguer pelos ombros pra colocar você sentado, depois vou passar meus braços por baixo dos seus e te puxar pela cintura pra te fazer ficar de pé, tranquilo?

Desta vez, não espero a resposta.

Depois que Tremaine fica de pé — observação: o cara é *pesado* — e eu seguro sua cintura enquanto ele firma os pés, pergunto de novo:

— Acha que consegue andar?

A cabeça dele desaba no meu ombro. (E quase me mata de susto.)

— Sim. Com ajuda.

— Tô contigo — digo. — Quase certeza de que a gente vai ter que andar juntos pra sair daqui, mas você pode se apoiar em mim.

Vou pro lado direito sem soltá-lo totalmente, puxo seu braço sobre o meu ombro e me posiciono na frente dele. Alguém se aproxima e me entrega nossas mochilas, e, como se por mágica, consigo colocar as *duas* no peito — graças a Deus *não* estão pesadas. Tremaine apoia o peso em mim, e a gente vai até as portas abertas.

Em questão de segundos, estamos do lado de fora. Sei que algumas pessoas nos seguem, mas me concentro em levar *nós dois* até o espaço aberto.

Revelação: estar a pé num túnel de metrô? Assustador. Como me arrependo da minha fase de filmes de terror na escola. A luzinha da lanterna do celular quase não ajuda.

Nós caminhamos, muuuuuuuito devagar, pelo que parece uma eternidade, a parte da frente inteira dele contra as minhas costas inteiras (o que é *muito*). Estou segurando o braço direito dele contra

o meu peito com a mão esquerda pra segurar a luz com a direita. O metrô estava perto da estação da rua 96.

Foco todas as minhas energias no peso que estou carregando e repito mentalmente que depende de mim *tirar* Tremaine deste maldito buraco subterrâneo. Por alguma magia bizarra, são essas coisas que mantêm meus pés em movimento.

Logo o espaço começa a se abrir, e eu não poderia ficar mais aliviado.

— Posso andar com mais facilidade agora, acho — diz Tremaine quando estamos quase na estação.

Ele alivia um pouco o peso em cima de mim, depois me solta de vez.

— Tem certeza?

— Sim. Também posso ser útil. Me dá essa mochila.

— Não, cara, relaxa. Tá tranquilo.

— Quer dizer que JJ Harding é um cavalheiro, hein? — Não consigo enxergar o olhar dele, e fico feliz porque isso quer dizer que ele também não consegue ver o meu.

Verdade seja dita, eu não prestei atenção na direção que pegamos, mas assim que chegamos na plataforma, que sinceramente parece mais escura que o trem, é como se toda a energia fosse drenada do meu corpo.

— Ô, você se importa se a gente descansar aqui por um minuto?

Antes que ele possa responder, estou tateando a parede e escorregando como uma gota na lateral do copo. Provavelmente não é o chão mais limpo pra sentar — muito menos com meus jeans novos —, mas eu não conseguiria levantar agora de jeito nenhum.

Sinto um corpo sentar ao meu lado. Tipo muuuuuuito perto.

— Você tá bem, cara?

A voz de Tremaine está baixa mas grossa na escuridão. Posso ouvir outras pessoas chegando na plataforma — muitas conversas sobre encontrar uma saída —, mas o braço nu de Tremaine contra o meu me faz sentir que tudo bem só... ficar sentado.

— Vou admitir: já estive melhor.

Ele dá risada. E há quinze minutos eu podia não estar pronto pra admitir o que sua risada me causa, mas agora? Com ele perto assim... e em segurança?

É incrível. Estou feliz de verdade por estar escuro, porque senão eu provavelmente estaria olhando pros lábios dele.

— Te entendo muito — diz Tremaine. — Quando o metrô parou... bom, vamos apenas dizer que eu sabia que as coisas se complicariam logo. Qualquer lugar fechado é um terror pra mim. Estar no metrô não me incomoda tanto, desde que esteja em movimento. Mas parado? Em um *túnel*? A claustrofobia bateu *forte*.

— Tipo no sexto ano? — pergunto.

— Sim, tipo isso.

— Eu, é... — Vou mesmo dizer isso? — Vi que você tava com um pouco de dificuldade. Sinto muito por não ter feito nada antes.

— Bom, com o seu histórico... — E ele bate o ombro no meu.

Meu estômago parece que fez uma enterrada com giro de trezentos e sessenta graus na minha garganta.

Pigarreio.

— Mas você tá bem? — pergunto.

— Ah, é aquilo, né... só quase desmaiei no meio de um vagão de metrô cheio de estranhos.

— O lado bom é que ninguém podia te ver.

Ele ri de novo.

É demais pra mim, cara.

— Sabe, vou te contar — ele diz —, apesar da coragem que te deu, você fica muito melhor sem a máscara do Pantera Negra.

Não consigo nem respirar, muito menos falar.

— Te vi na Herald Square aquela noite. Você tava saindo do banheiro de terno, muito estiloso por sinal, aí eu te segui. Peguei o mesmo vagão que você na F, só que do outro lado. E pensei... torci, na verdade... que talvez você estivesse indo pro mesmo lugar que eu, mas isso parecia impossível. Joga-Joga Harding em um baile de máscaras queer?

Não vou mentir: apesar de tudo o que ele está me contando, sorrio ao ouvir Tremaine dizer meu apelido. Também notei esse *torci*.

— Quando você desceu na Segunda Avenida, fiquei chocado. Te segui até que você se escondeu no prédio em frente à festa. E depois de esperar alguns minutos pra ver o que você faria, entrei, esperando que você fosse me seguir.

— E eu segui.

— Pois é.

Respiro fundo. Pra ser sincero, um pouco aliviado... mas, pra ser mais sincero ainda, também incomodado.

— Então você sabia quem eu era o tempo todo.

— Com certeza. E vou ser franco, JJ, fiquei bem bravo com você. Te falei o meu nome de *verdade* esperando que te encorajasse a me falar o seu. Mas não.

Bem. Lá se vai *minha* irritação.

— Por semanas, SEMANAS, JJ!, fiquei num dilema. Você era meu crush mesmo *antes* do que aconteceu no vestiário no sexto ano. Amei conversar com você e descobrir mais sobre a sua vida. Você não reparou, mas chamou sua irmã pelo nome.

— Ai, droga.

— Pois é. Você era *você*... mas fingindo que não era. E eu não sabia o que fazer. Especialmente porque você sabia que eu era eu. E aquele beijo...

— Aquele beijo. — As palavras saem antes que eu possa segurá-las.

— É — diz Tremaine. — Não me entenda mal, eu gostei. E tenho certeza de que você notou: não te afastei.

Estou feliz pela escuridão porque ouvir isso me faz derreter como uma criança que ganhou um dez num desenho de giz de cera.

— Mas eu também meio que me odiei por ter sentido *qualquer* prazer com a situação, JJ. Você tava mentindo pra mim na cara dura e ainda me beijou sem minha permissão. Foi confuso.

— Me desculpa, Tremaine. Tipo, me desculpa *mesmo*, cara.

Ele não diz nada, e eu também não, ficamos apenas sentados. Dou uma olhada no celular e fico surpreso ao ver que usar a lanterna por quarenta minutos não afetou tanto minha bateria.

Me pergunto se isso é algum tipo de metáfora.

— Ô, e por que você não falou nada? — pergunto a Tremaine.

— Sabe, eu não tenho certeza — responde ele. — Tenho me perguntado isso há semanas. Por que eu não te desmascarei? Ainda não tenho uma resposta. Acho que... bom, entendo que é preciso de espaço e tempo pra se descobrir. Mas tenho que dizer:

considerando o que você me contou sobre seus pais, acho que sua irmã está certa: eles provavelmente vão te apoiar.

Faço que sim.

— Sabe, isso foi o que percebi enquanto a gente saía daquele túnel, T. Não é que eu pense que pros meus pais vai ser um problema eu gostar do que gosto. A questão mesmo é o basquete. Só teve um jogador da NBA abertamente gay.

— Jason Collins.

Fico impressionado.

— Isso. E sim, ele tem um monte de apoio e tal. Mas já faz alguns anos, e ninguém mais se assumiu. Nos esportes tem esse... — Paro de repente, sem saber que palavra usar.

— Estigma — completa ele.

Acho que posso dar um ok no item “terminar minhas frases” na lista do Parceiro Ideal.

— É. E por mais que meus pais não se importem com a minha... orientação, acho que é essa a palavra, eles não vão ficar felizes se eu largar o basquete. Na cabeça deles, e até pouco tempo na minha, o esporte é a minha garantia de uma bolsa de estudos. E mesmo que eu não tenha certeza de que *quero* continuar jogando, me *assumir* significaria *ser excluído* pelos meus colegas de time e treinadores, o que, é claro, me faria mal. Sei que eles *diriam* que me apoiam, ninguém quer ser chamado de homofóbico. Mas lá no fundo é diferente, cara.

Ele suspira.

A gente fica quieto por alguns minutos enquanto meu dilema se instala na escuridão ao redor. Não tenho ideia do que farei.

Mas preciso dizer: parte da pressão no meu peito se dissipou. Saber que *mais alguém* sabe do meu segredo e não está olhando de outro jeito para mim... ajuda.

Um pequeno avanço, eu acho.

— Você tava indo para aquela festa no Brooklyn em que o Kareem vai tocar? — pergunto só para dizer alguma coisa.

— É. Tinha que tirar fotos.

— Foi o que pensei. Eu também tava indo.

— Não me surpreendo. — Posso ouvir o sorriso na voz dele.

— Então, é... Como é que a gente vai chegar lá agora?

Tremaine olha para a placa da estação.

— Quero dizer, a gente *tá* perto do parque... — Ele se vira para mim. — De bicicleta? Tenho certeza de que a gente consegue alugar umas duas. Claro, a gente vai chegar lá todo suado... mas pelo menos vai chegar. Bora?

— Pode crer, bora. Acho que vai ser divertido.

— Ei, JJ?

É louco o quanto eu gosto dessas duas letras saindo da boca dele.

— Fala, Tremaine.

— Podemos combinar que você nunca mais vai mentir pra mim daquele jeito?

Esse negócio me atinge de um jeito.

— Claro, cara. De novo, me desculpa.

— Eu te perdoo. Desta vez.

Dou risada. É muito bom sentir isso.

— Justo.

— Se quer a verdade... E não vai usá-la contra mim, hein? Não acho que eu conseguiria ficar *mesmo* com raiva de você.

— Quer saber, acho que eu também sentia coisas por você, desde aquele dia no sexto ano — finalmente admito. — Mesmo que eu obviamente tenha tentado negar.

Agora Tremaine ri.

— Bom saber, cara.

Tornamos a ficar quietos, mas a escuridão está começando a me incomodar.

— Você acha que a energia volta logo? — pergunto.

Ele não responde imediatamente, mas eu não pressiono. Apenas... fico sentado. Não faço ideia do que vai acontecer a seguir ou pra onde iremos daqui.

Mas também percebo que não me importo. Não agora.

Quando acho que Tremaine não vai mais responder, ele responde:

— Não sei. Mas espero que sim.

Aí me toco:

— A escuridão tá atacando a sua claustrofobia? Posso fazer alguma coisa pra ajudar?

Tremaine volta a rir.

— Não, não é isso — diz ele, se inclinando para cima de mim.

Juro, se pessoas pudessem de fato *derreter*, eu teria virado uma poça de gosma no chão.

Tremaine continua:

— Pode apostar que não tô com medo nenhum agora. Só ansioso pra te ver sem máscara.

A LONGA CAMINHADA

Segundo ato

Tiffany D. Jackson

Central Park, 18h05

Quando Kareem e eu descemos a Broadway, fico com dificuldade de respirar por causa da umidade e da sensação de estarmos andando pela superfície do sol. Ou talvez o problema seja Kareem, que está andando como o maldito Speed Racer, e eu tenho que correr para acompanhar. Chego ao Central Park pingando de suor.

— Caramba — digo, ofegante. — Por que você tá andando tão rápido?

Ele puxa o ar entre os dentes.

— Por que você tá andando tão devagar? Às vezes as pessoas têm compromissos!

— Nossa, ela realmente te domou, hein?

— Quê? — Kareem se vira e dou de cara com o peito dele.

Kareem está com... músculos? Desde quando? Os braços estão fortinhos. E ele tem até alguns pelos no rosto.

Eu me recomponho, ansiosa, e passo por ele.

— Nada.

Kareem fica para trás, como se avaliando se deveria mesmo continuar com seu plano louco. Estive me fazendo a mesma pergunta pelos últimos trinta minutos.

Não posso ficar presa na cidade sem dinheiro, e ele nem a pau vai querer abrir mão de mim e do meu celular, seu único contato com o mundo. Só temos um ao outro agora, gostando disso ou não.

Kareem me alcança, diminuindo o passo um pouquinho, e caminhamos em silêncio por alguns minutos, descendo a Central Park West, contornando o maior parque de Nova York. Bem no meio de Manhattan. Tem campinas, árvores, fontes, lagos, jardins, parquinhos, restaurantes, um zoológico e até um castelo. Também é cheio de gente metida a rica com seus cachorros que mordem tornozelos (gosto mais do Prospect Park, no Brooklyn).

Meu pai sempre ri quando conta histórias de turistas que ficam perdidos por horas porque não conseguem encontrar a saída do parque. Espero que hoje eles encontrem antes que anoiteça.

— Não que seja da sua conta — começa Kareem —, mas vou ser o DJ na festa do Twig hoje à noite. Vai fechar o quarteirão.

Festa? De fechar o quarteirão? Eu não estava sabendo disso. Acho que é mais uma consequência de terminar com alguém: a gente deixa de ser convidada para coisas como a festa de arromba do vizinho. Todo mundo fica sabendo, menos você.

— Como é que vão fazer uma festa sem energia?

— Ele falou que vai arranjar um gerador de emergência.

Balanço a cabeça.

— Isso não faz sentido.

— Não tem que fazer sentido. Twig tá me pagando oitocentos contos por essa festa e preciso do dinheiro. Mas ele não vai me

pagar nada se eu não estiver lá pronto para tocar.

Dou de ombros.

— Bom, com todas essas festas na sua agenda, talvez no fundo você não precise daquele estágio.

Kareem gargalha.

— Boa tentativa. Mas cada dólar conta. Você não é a única tentando entrar na faculdade neste outono.

Quase caio no choro na hora, mas ele provavelmente não consegue ouvir por causa do engarrafamento, então mantenho o rosto impassível. Nós íamos para a faculdade juntos. Esse era o nosso plano. Agora ele tem novos planos. E eu estou totalmente por fora. Não deveria ter deixado de seguir as redes sociais do Kareem. Assim, saberia para qual universidade ele vai. Não é como se eu quisesse perguntar, porque aí ele ia achar que me importo, e eu com certeza não me importo.

— Ah — murmuro, tentando com todas as forças esconder a mágoa na voz. — Bom, vamos ver qual de nós ela vai escolher.

— E pra que você precisa de emprego? Seu pai não vai pagar a sua faculdade?

Há amargura na pergunta, mas eu ignoro.

— Vai.

— Mas?

Nem dá tempo de resistir ao impulso de contar para ele.

— É que... tem um programa especial que vai me deixar começar as aulas mais cedo e conseguir créditos.

— Mais cedo? Tipo, começar as aulas antes?

— Oito de agosto — digo, orgulhosa. — E estou tentando pagar sozinha!

Kareem vira o rosto, estalando os dedos.

— Ah. Então... você vai estar longe nos nossos aniversários?

— Ah. É... sim. Acho que sim.

O aniversário de Kareem é no dia catorze de agosto. O meu é no dia treze. Ele brincava dizendo que amava a ideia de estar com uma mulher mais velha por vinte e quatro horas inteiras. Não passamos sequer um aniversário longe em sete anos, e só senti a dor do fim dessa tradição agora que ele mencionou. Reconhecendo que nada nunca mais será do mesmo jeito, entre nós ou na vida no geral.

Mesmo assim (e sim, eu sei que não deveria estar pensando nisso), é muito bom andar com ele, lado a lado, só nós dois de novo. Fazíamos longas caminhadas o tempo todo. Bom, não tão longas *assim*, mas só por alguns quarteirões. Isso aqui está em outro nível. Mas antes aquelas noites quentes de verão sempre nos deixavam animados, como se estivéssemos nos apaixonando pela primeira vez. Nós caminhávamos devagar pelas ruas, nos esbarrando, como se não lembrássemos como andar direito, só parando para ele amarrar meus cadarços como fazia quando éramos crianças. Nada como sorrisos melosos, mãos dadas e beijos.

Muitos beijos.

Cenas daqueles filmes românticos antigos com pessoas negras da década de 90 que minha mãe me fazia assistir. Do tipo que eu quero escrever e dirigir um dia. Bom, talvez. Não sei se ainda acredito em finais felizes. Provavelmente vou acabar fazendo um daqueles filmes alternativos depressivos mesmo.

— Ouvi dizer que você está indo para a Clark Atlanta — diz Kareem, seco. — Parabéns... certo?

Afasto a lembrança da cabeça, cruzando os braços.

— Certo? Você sabia que eu queria ir para lá.

Era para a gente ir juntos, quase acrescento, mas me seguro.

— Eu sei! Você tinha aquela lista, mas achei que a Universidade de Nova York fosse sua primeira opção. Faculdade de audiovisual.

Só de ouvir “Universidade de Nova York” a minha garganta aperta.

— É... bom, a Clark Atlanta também tem esse curso.

— Hm. Acho que nunca pensei que você quisesse mesmo ir para tão longe de casa... tão cedo. — Ele dá de ombros. — Pelo visto as coisas mudam.

— Ou melhor, você mudou, né? — estouro.

Quando chegamos na esquina da rua 86, ele ignora essa última alfinetada e rapidamente estende o braço. Meu coração infla. Kareem continua não gostando que eu atravessasse sem dar a mão para ele, mesmo com o trânsito parado. Sempre tão protetor...

— Ei, me deixa ver o celular rapidinho — pede ele, balançando os dedos.

Pop! Coração murcha.

— Pra quê?

— Como assim “pra quê”? Eu preciso fazer uma ligação, ué!

— Pra quem você tem que ligar?

— Ô, você tá querendo meter o bedelho nas minhas coisas?

Ele já ligou para Twig e para a mãe. Quem mais resta a não ser...

— Aff! — grito. — Você tá falando sério?

— O quê?

— Você quer ligar para ELA? Do MEU celular?

Ele respira fundo.

— Calma aí, né, eu não sou idiota.

— Então pra quem você vai ligar?

— Ei, para de brincadeira. Te falei, a gente precisa resolver isso juntos, e então...

— E então o quê? Você pode voltar a me ignorar? É isso o que você quer, não é?

Tiro o celular da bolsa e taco na mão dele.

— Aqui. Liga pra quem quiser!

Kareem olha o celular por um minuto, segurando com força, prestes a despedaçá-lo.

— Engraçado que você tenha tanto pra me falar agora sendo que foi você que ficou me ignorando!

— O quê? É você que tá todo diferente...

— Ei, pra que ser tão chata justo agora? Acho que é você que quer voltar logo pra casa pra ficar com o seu verdadeiro amor, a TV...

Golpe. Baixo.

— Não tenta disfarçar que essa garota te jogou um feitiço tão forte que você está tentando cruzar a cidade a pé só para ir correndo atrás dela!

— Cara, e daí? Foi você que terminou *comigo*. Tá lembrada?

Isso... não é bem verdade. Sim, eu mandei uma mensagem pra ele. Mas não querendo exatamente terminar. Não falei “acabou”. Só deixei as coisas um pouco confusas. Então, na verdade, foi o silêncio dele que acabou com tudo. Pelo menos é isso o que eu digo a mim mesma.

— O que foi? De repente ficou sem nada pra dizer? — Kareem rosna antes de virar de costas para mim e atravessar a rua, deixando o trânsito abafar sua voz.

Ele não quer que eu saiba com quem está falando, sendo que antes nós contávamos tudo um para o outro. Acho que isso não importa mais.

Uma garota de macacão sai do parque com um pitbull preto enorme. Abrimos caminho pra ela, que dá uma olhada de arrancar pedaço em Kareem ao passar.

Espera... ela estava mesmo dando mole pra ele? Na minha frente! Como se eu não estivesse aqui... bom, a dois metros dele?

Todo mundo me avisou para tomar cuidado com Kareem. “Amiga, vai ser difícil continuar com ele!”, minhas primas me disseram quando começamos a namorar. “Alto, dentes perfeitos, um sorriso fofo de matar. Ele é um cara bonito. Não dá pra confiar nesse tipo.”

Sim, acho que ele é bonito mesmo, mas é o *Kareem*, que arrota o alfabeto, quase nunca usa os talheres direito e acha que *As tartarugas ninja 2* merecia um Oscar. Achei que eu não fosse ter que me preocupar muito.

Até que eu mesma vi. Como todas as garotas sutilmente deixavam claro que queriam ficar com ele. Mensagens de texto aleatórias, corações nas fotos, pedidos de música na aula. Ele não parecia notar, mas eu notava. Só nunca imaginei que ele fosse provar que todo mundo estava certo.

“Vocês provavelmente iam terminar depois do ensino médio mesmo”, disse minha irmã quando aconteceu. “Quero dizer, você é bonita e tudo, mas ele provavelmente quer ficar com minas que saem de casa, dão rolê. Você não curte nem ir ao supermercado quando tá cheio. E se acha que as meninas da escola são difíceis, saiba que as da faculdade são ainda piores. Fique feliz por ter acontecido agora.”

E estou feliz... na maior parte do tempo. Segui em frente, comecei a ir à escola por outro caminho, vendi meu ingresso do baile, aceitei a Clark Atlanta e proibi o assunto Kareem em casa. Para mim, ele tinha deixado de existir. Nem sequer penso nele... bom, não muito... agora. Mas vê-lo hoje me deixou totalmente cega. Tudo o que sei é que preciso daquele emprego para sair da cidade.

Aí nunca mais vou ter que ver Kareem de novo.

FEITAS PARA SE ENCAIXAR

Ashley Woodfolk

Um prédio, 18h37

Estou literalmente apagando *um incêndio* com os pés quando ela entra com o cachorro. E todos os idosos estão gritando.

— Nella, toma cuidado!

— Não distrai ela!

— Isso é culpa sua, para começo de conversa!

— É, Mordy!

— Ah, dá pra calar a boca, Aida?

— Você quer que a gente acabe debaixo da ponte?

— Ou pior... morto!

— Tanto faz, não vai demorar muito pra você mesmo.

— Será que vocês podem calar a boca?

Segundos depois, estou respirando fundo, em cima de uma carta de baralho chamuscada ainda parcialmente grudada na sola da minha bota. Os residentes mais velhos da Althea House, um funcionário da ala deles e a moça na porta estão me encarando. Estou olhando para o carpete. Há um buraco de queimado no tapete meio verde e meio azul, posso ver claramente o piso embaixo,

embora a sala de recreação esteja iluminada apenas por uma dúzia de velas.

— Uau — sussurra a moça na porta, cercada por um halo de luz do sol, que não se pôs ainda.

Embora a sala esteja bastante escura, ainda há luz suficiente para vê-la. E ela é linda.

A moça está de macacão e top branco, e eu me sinto a mais gay de todas quando meu olhar é atraído na mesma hora para a faixa de pele negra aparentemente macia que o jeans revela. Ela tem um cabelão volumoso e escuro, preso em duas tranças pesadas, apoiadas nos ombros estreitos. Cada pulso tem várias pulseiras prateadas tilintando toda vez que seu cachorro se mexe; ela não está segurando a guia com firmeza.

O cachorro — um pitbull todo preto com focinho enrugado — está com uma bandana azul amarrada no pescoço e uma roupinha com os dizeres AMOR DE QUATRO PATAS. O rabo balança tanto que ele parece estar rebolando.

Os óculos de armação vermelha da moça estão tortos e escorregando no nariz. Ela ajeita, sorri para mim e aplaude devagar.

Não tenho orgulho em admitir, mas encarar é um dos meus (muitos) vícios. E ainda estou encarando a garota quando meu celular começa a vibrar na minha perna. Sabendo que é uma mensagem de Bree, pulo como se tivesse sido pega no flagra; meu coração está batendo forte, mas não sei se é por causa do meu mais novo bico de, literalmente, extintor de incêndio, da mensagem esperando por mim ou da moça na porta.

Olho o celular. É uma mensagem da Bree. Engulo em seco e não respondo.

— Ok! — diz Mimi, a diretora de atividades. Ela estava liderando as dinâmicas e foi quem sugeriu jogar cartas em uma sala cheia de velas. Eu sugeri *não* fazerem isso em uma sala sem janelas durante um apagão, mas ela discordou. Disse que criaria uma “atmosfera”. Encaro enquanto ela bate palmas uma vez, alto. — O jogo de cartas acabou.

— Não me diga, Sherlock — zomba Queenie, minha coroa favorita aqui, jogando o resto das cartas dela na mesa.

— Eu não sou boa em poker mesmo — diz a srta. Sadie, dando de ombros.

Era professora de jardim de infância, e dá para notar. Tudo, desde seu casaco rosa até a voz suave, me faz querer recitar cantigas de roda.

Pearl, que finge estar acima disso tudo, acotovela a melhor amiga, Birdie, que acabou de se mudar para cá, e diz: — Te falei que esse povo era doido.

Birdie, parecendo nervosa, acrescenta:

— Sim, mas pelo menos assim eu não penso na escuridão que isso aqui vai ficar em algumas horas.

Aida balança a cabeça, ajusta seu hijab e revira os olhos para o marido, Mordechai, cujo quipá está torto na cabeça calva. Ela também larga as cartas. (Ainda não sei como esses dois acabaram juntos.) Vovô Ike suspira e coloca a mão pesada no meu ombro.

— Bom trabalho, menina — diz ele, olhando para o tapete queimado.

Mas eu ainda estou olhando para *ela*.

— Graças a Deus você está aqui, Joss — ouço Mimi dizer, indo até a moça na porta. — Sei que será uma longa noite, e Mordechai

já quase incendiou o lugar. Se Nella não estivesse aqui...

Então essa é a Joss. O que significa que o cachorro é o famoso...

— Ziggy! — grita Mordechai, empurrando a cadeira de rodas pela sala, se inclinando para acariciar a orelha do cachorro.

— Ah, você se lembra de Ziggy hoje, hein? — diz Joss. — E eu? Quem sou eu, sr. M?

— Você é Jocelyn Williams, claro — diz Mordechai, sem hesitar, e eu sorrio, agradavelmente surpresa. Hoje em dia a memória dele vai e volta. — Como é que vocês jovens dizem? *Dã*?

Joss está rindo e agora abraça Mimi, dizendo que veio o mais rápido que conseguiu. É como se todos os moradores da Althea House tivessem esquecido o perigo mortal que vivenciaram segundos atrás só porque Joss e Ziggy estão aqui agora e nada mais importa. Ziggy ainda está balançando o rabo e lambendo o rosto de Mordechai, e nunca vi o sr. M tão feliz. Até Aida, geralmente tão mal-humorada, está sorrindo, e quando Ziggy deita de costas, ela se inclina e faz carinho na barriga dele.

Joss vem até mim e estende o braço barulhento. Olho para as pulseiras e então para os olhos dela. São de um castanho tão escuro que parecem pretos, e o olhar dela tem uma presença tão pesada quanto a cor.

— Ei. Você deve ser a neta do Ike. Ele fala de você o tempo todo. Sou a Joss, e não conte a ninguém, mas — ela se aproxima e sussurra — seu avô é o meu favorito.

Vovô escuta e ergue as sobrancelhas.

— A recíproca é verdadeira, mocinha — diz ele.

Estou lembrando de todas as coisas que vovô Ike disse sobre Jocelyn, a menina que leva seu cão terapeuta habilitado para a

Althea House toda terça à tarde. Que ela é bonita e doce e tão, tão inteligente. Que o cão dela tem a alma mais pura da Terra. Que eles parecem bons demais para serem verdade. Que eu gostaria muito dela se a conhecesse. “Acho que Joss também gosta de moças, querida”, ele me disse, semana passada, com uma piscadela; a cereja do bolo sabor Ela-É-Perfeita-Para-Você que ele vinha preparando desde que as férias de verão começaram e passei a vir visitá-lo. Nunca tive namorada, e pelo visto todo mundo está empenhado em me arrumar uma antes que eu vá para a faculdade.

É por isso que evitei visitá-lo às terças — não queria dar de cara com Joss e Ziggy, a dupla dinâmica pela qual, ele se convenceu, eu ficaria obcecada.

Mas agora, em plena sexta-feira, eles estão aqui. E eu estou aqui. Não posso mais me esconder dessa possibilidade, mesmo na escuridão cada vez maior.

Engulo em seco e pego a mão dela, me lembrando que não posso me apaixonar por outra garota perfeita. Quando as pessoas parecem boas demais para serem verdade, em geral não são verdade mesmo, e se eu aprendi alguma coisa com Bree, foi isso.

— Oi — digo, tentando afastar os pensamentos de Bree para bem, bem longe. — Cachorro fofo.

— Eu sei! — diz Joss, admirando ele. — Zig é o melhor. — Ela olha para o tapete queimado e faz careta. — Então, tipo, o que aconteceu exatamente?

Althea House é uma casa de verdade: uma construção de tijolos com cerca de cem anos, coberta de hera, no Upper West Side, onde duas melhores amigas, Marie-Jeanne Beauvais e Althea Walker,

moraram juntas depois que seus filhos cresceram e os maridos faleceram. Elas foram amigas literalmente para sempre, e quando Althea morreu de repente, há uma década, Marie-Jeanne transformou a casa em um lar para idosos, batizada em homenagem à amiga. Ela queria que a casa tornasse felizes os últimos anos de vida de outros idosos, da mesma forma que tornou os delas.

Todo mundo chama Marie-Jeanne de Madame da Althea House, e embora a neta dela, Lana, esteja sempre por aqui, raramente vemos a própria Marie-Jeanne.

Os dois últimos andares da casa são o lar de doze residentes — divididos em sete quartos (quatro duplos, três simples) e o apartamento do sótão onde Marie-Jeanne mora —, e no térreo tem uma sala de estar e jantar espaçosa, a sala de recreação e uma grande e brilhante cozinha. O porão é ao mesmo tempo sala dos funcionários, lavanderia e enfermaria. Althea House tem sido meu refúgio por todo o verão, único lugar que frequento além da minha casa e do trabalho. Vovô Ike também gosta daqui, e ele não tem gostado de muitas coisas desde que a vovó Zora faleceu em janeiro, então já é um grande feito.

Me jogo no grande sofá em L e inspeciono a sola das minhas botas. A borracha não parece ter derretido, o que deve ser um pequeno milagre.

— Depois que as luzes apagaram e todo mundo entrou em pânico, Mimi achou uma boa tentar fazer algumas atividades que ela já tinha planejado para a tarde. Sabe, para manter todos ocupados e, com sorte, calmos, assim todos passariam pelo apagão sem surtar. Então foi poker o que aconteceu — respondo à pergunta de

Joss. — O jogo estava esquentando um pouco — continuo, e vovô dá uma risada. Reviro os olhos e bato no braço dele. — Sem trocadilhos. Mas aí o sr. M ficou irritado quando teve que desistir da mão pela terceira vez seguida.

— Ele jogou as cartas — diz Pearl, e Birdie assente.

— Que nem criança fazendo birra — diz Queenie da outra ponta do sofá, examinando as unhas pintadas.

— Nós poderíamos ter *morrido* — o sr. Alec Montgomery-Allen acrescenta dramaticamente, agarrando suas agulhas de tricô, um bolo de lã clara e o que parece ser o começo de um cobertor. O marido dele, Todd (o outro sr. Montgomery-Allen), assente e ajeita o casaco (tricotado por Alec) nos ombros, embora esteja ficando cada vez mais quente, já que o ar-condicionado parou de funcionar com a queda de energia. Espero que a umidade não encolha o meu black.

— Uma das cartas atingiu uma vela, pegou fogo e caiu no carpete — explico, voltando à história. — Aí o sr. M soprou em cima. Tipo, acho que ele pensou que podia apagar como se fosse uma velinha ou algo assim.

— Só que o chão não é um maldito bolo de aniversário — diz Queenie, afofando seu black prateado, quase tão grande quanto o meu.

Eu bufo.

— Exato — concorda o sr. Todd Montgomery-Allen. — Certamente não é.

— Eu teria feito a mesma coisa, querido — sussurra Birdie para Mordechai e lhe dá um tapinha na perna.

— Aí a *fogueirinha* cresceu — diz vovô, como se estivéssemos sendo ridículos. E meio que estamos, mas era um princípio de

incêndio. — Foi quando a ursinha entrou em ação. — Ele aperta o meu ombro de novo, como se estivesse orgulhoso.

Sadie entra na conversa, sussurrando:

— Mimi estava mandando mensagem, então só percebeu quando gritei. Dá pra acreditar?

Joss contrai os lábios, acho que para segurar uma risada, mas então balança a cabeça com seriedade. Segundo seus olhos, ela consegue até visualizar a cena. Mimi ama os residentes, mas a mulher manda mais mensagem do que eu e a Bree. (E isso é *muito*.) — Enfim — continuo. — Pisei na carta. Àquela altura todos já estavam gritando, não só a srta. Sadie. Foi quando você entrou.

— Uau — diz Joss, os olhos escuros em mim de novo. — Parece que você salvou o dia.

Não acho que fiz nada excepcional. Estou muito acostumada a ser salva, não a salvar. Mas com Joss olhando para mim desse jeito, como se eu fosse algum tipo de heroína, não consigo deixar de me sentir um pouco heroica.

Bem rapidinho depois disso, todos vão para a sala de estar onde, felizmente, ainda não precisamos usar velas. Os Montgomery-Allen voltam a tricotar, Queenie pega seus óculos de leitura e um livro com cara de obsceno, a srta. Sadie começa a conversar com Mimi, e todos os outros, incluindo Aida e Mordechai, cercam Ziggy.

Joss enfia a mão na sua pochete rosa e entrega um saquinho cheio de petiscos de cachorro para vovô Ike. Então, sem dizer uma palavra sequer para ninguém, vai toda confiante até o grande piano perto da janela da sacada, onde o sol está abençoando a sala de estar com luz o bastante para destacar os pequenos cachos bagunçados próximos às têmporas de Joss. Tento não encarar. E

quando ela começa a tocar algo contemporâneo e alegre, é difícil não pensar: *Que garota é essa?*

Vovô Ike não vai até Ziggy com os petiscos, embora o cão os tenha visto e sua cauda esteja *batendo, batendo, batendo* de ansiedade no chão. Vovô está me observando observar Joss.

Cruzo os braços e desvio o olhar.

— Que foi? — pergunto, entre dentes.

— Falei que você ia gostar — diz ele, então solta a bomba antes de ir atrás de Ziggy. — Ela também canta.

E não sei como vou sobreviver uma tarde inteira com uma garota como Jocelyn Williams.

Meu celular vibra de novo. Outra mensagem de Bree. Como se ela pudesse sentir meu interesse em outra pessoa.

Ouvi dizer que teve um apagão na cidade.

Você tá bem?

Minha ex-amizade-colorida-imaginária (como chamar alguém que a gente sonhava em beijar mas que nunca chegou nem perto de beijar de verdade?) está passando o verão no Haiti, trabalhando em um hospital infantil que fica sem luz regularmente, e *ela* está perguntando se *eu* estou bem. Se sou uma heroína, ela é a Mulher-Maravilha. O que é irônico, porque ela parece um pouco uma Gal Gadot afro-latina (pele mais escura e cabelo mais crespo, mas a beleza é igual).

Estou bem, respondo rápido. Preciso forçar meu dedo a não rolar a conversa para cima, para que eu não fique perdida nas coisas que *dizíamos* uma para a outra. (Reler mensagens obsessivamente é outro vício meu.) Também tem outra mensagem nova: essa é do meu primo, Twig.

TWIG: Ei, prima, que horas vc vai voltar pro Brooklyn?

NELLA: Bem oi pra você também Twiggyzinho.

TWIG: Ow, não me chama assim em público, viu.

NELLA: Hahaha. Sei lá. Umas nove? Com esse apagão, talvez eu nem consiga ir.

TWIG: Você **TEM QUE VIR**, prima! A festa vai ser doidera. Não tem mais nada pra fazer nessa noite sem luz mesmo.

Me faz um favor e traz mais copos?

Deixo meu celular de lado e enfio as mãos nos bolsos. Meu primo Twig é outra pessoa que está *muito interessada* na minha vida amorosa, então sempre me leva pras festas. Foi ele quem me apresentou a Bree (“Conheço uma mina que acho que também curte meninas, prima!”), me arrastando contra minha vontade pra uma festa. Então não tive coragem de contar para ele quando aconteceu o que aconteceu entre mim e Bree. Ou melhor, o que não aconteceu. Ele e todas as pessoas do bairro estão esperando que eu apareça na festa com ela porque por meses a gente foi inseparável. Eles não sabem a verdade sobre nós, ou, mais importante, sobre *ela*. Assim como eu não sabia. Suspiro, mas ninguém percebe.

— Conheci Zora num desses — ouço vovô dizer assim que os dedos de Joss param no piano. Os Costa, que não estavam no andar principal com o resto de nós, descem a longa escadaria principal. Joss se vira, os vê e sorri.

— Maria! Santiago! Que bom que vocês puderam se juntar a nós — diz ela, alegremente.

— Bom, quando escutamos o piano, pensamos que poderia ser você — diz Maria, e eu sinto meu queixo cair. Só vi os Costa uma vez durante todo o verão porque geralmente eles estão escondidos no quarto vendo novela e se agarrando como adolescentes. E nunca vi Marie-Jeanne. Nem sequer sei se ela existe mesmo.

— Num desses o quê? — pergunta Joss, se virando para o vovô. De alguma forma, ela ouve todos ao mesmo tempo.

— Ele tá falando do apagão de 1977 — digo.

— Isso mesmo, ursinha. Isso mesmo. Foi em 1977. Nunca vou esquecer.

Vovô fica com aquele seu olhar distante, típico de quando fala da vovó. Meu coração aperta porque sinto mais falta dela quando ele a menciona, mas em compensação ele fica tão feliz que nunca peço que pare.

— Bom, não para de falar agora — diz Joss. — Preciso ouvir o resto da história. — Ela fecha o piano e se apoia na tampa. Suas tranças grossas caem atrás dos ombros.

Vovô sorri.

— Eu reparei nela logo de cara. No dia em que se mudou para o bairro. Foi o sorriso dela. Eu nunca tinha visto uma mulher com covinhas tão profundas. Mas ela nem sabia que eu existia — diz ele, e todos, até Ziggy, parecem prestar atenção.

O cachorro se deita aos pés do vovô e apoia a cabeça grande na bota ortopédica de Aida. Queenie fecha o livro, Alec e Todd param de tricotar. Pearl e Birdie sorriem. Mimi até larga o celular.

— Eu era o síndico no prédio dela. E estava tentando dizer aos inquilinos para ficarem dentro de casa, porque a cidade inteira estava uma bagunça, as pessoas estavam enlouquecendo, saqueando, ateando fogo. Mas ela estava decidida a ir até o outro lado da cidade para ver se a mãe estava bem.

Sorrio. Já ouvi essa história dezenas de vezes, mas continuo amando, ainda mais desde que perdemos a vovó Z há alguns meses. Eu me viro e me ajoelho no sofá para olhar bem enquanto

ele conta essa parte. Era a cara da minha avó fazer o impossível por quem amava.

— Aquela garota. Cabeça dura que nem uma pedra, já naquela época. Ela não me ouvia. Os trens não estavam funcionando, nem os ônibus, e, sem brincadeira, era uma caminhada de meia hora. Discutimos por quase quarenta e cinco minutos. Mas como eu tinha uma queda por ela há meses, finalmente cedi. Falei que se ela fosse, eu iria junto. E ela deu um sorriso tão grande, com aquelas covinhas profundas tomando conta do rosto todo, que eu soube que não importava o que acontecesse, eu tinha feito a escolha certa.

— Tá, olha só, eu preciso muito escutar o resto da história — interrompe Joss. — Mas você tem uma foto dela? — Ela olha ao redor e diz: — Não posso ser a única que quer ver as covinhas!

— Ah, precisamos saber como ela era — diz Todd.

Todos na sala concordam.

Vovô Ike mostra sua foto favorita da vovó o tempo todo. Com certeza todos já viram, e estou muito surpresa que Joss ainda não. Sadie até pintou um retrato da vovó Zora baseado na foto e deu de presente de aniversário para o vovô. Está pendurado no quarto dele.

Com um sorriso, vovô Ike enfia a mão no bolso e pega a carteira. Mas quando afasta a camada fina de plástico que geralmente fica por cima da fotografia desgastada da vovó Zora, faz uma careta.

— Hm. — Ele vira de costas para nós, esvazia a carteira e os bolsos. Notas fiscais dobradas, cartões de crédito, algumas notas amassadas e uma dúzia de moedas tilintam na mesinha perto dele.

— Você tá bem? — pergunta Queenie.

Mas vovô olha para a mesa e então se vira.

— Hm — diz novamente.

Ele vai até o cabideiro perto da porta e puxa os bolsos de seu casaco para fora. Depois de esvaziá-los, vovô começa a ficar preocupado.

— É, Mimi? Você viu a foto da minha Zora por aí?

Mimi balança a cabeça.

— Acho que não.

Vovô vai até o sofá e levanta as almofadas. Até pede para que eu e a Queenie fiquemos em pé, para procurar melhor.

— Não sei onde pode estar — diz ele. — Nella, você sabe o quanto eu amo aquela foto.

Faço que sim, pensando no dia em que soubemos o diagnóstico da vovó. O dia em que ele enfiou a foto na carteira e tudo começou a mudar.

— Vovô. Não se preocupe. Está aqui em algum lugar. Faz três dias que você não sai da Althea House, né?

Ele confirma, mas seus olhos vasculham a sala como se a foto estivesse bem debaixo do seu nariz e ele não conseguisse enxergar.

— Então todos vamos procurar quando as luzes voltarem — prometo a ele. — Vamos encontrar.

Mas vovô balança a cabeça.

— Não, filha, você não entende. Não tirei os olhos daquela foto desde o dia em que saí do nosso apartamento. Preciso dela *agora*.

Vovô é tranquilo com tudo. Exceto quando se trata da vovó Zora. Ele ficou bem deprimido quando ela faleceu. Por isso minha mãe pensou que seria uma boa ideia trazê-lo para cá. Foi uma luta para conseguir tirá-lo daquele apartamento de dois quartos no Harlem, onde ele morou com a vovó por quarenta anos, mas aqui ele tem

amigos, não tem contas para pagar, e eu e minha mãe não precisamos nos preocupar se ele está comendo ou se está sentado sozinho o dia inteiro.

Vovô vai até as escadas e tropeça no primeiro degrau, provavelmente porque o corredor está mais escuro que o normal.

— Vovô! — Corro e agarro o braço dele, puxando para cima. Mas ele conseguiu se segurar para não cair. — Vou procurar a foto agora, ok? Vai descansar na sala. Não quero que invente moda e dê um jeito de se quebrar todo.

Ele dá um sorriso muito sem vontade. Talvez o apagão esteja despertando lembranças demais do verão em que conheceu vovô.

Levo meu avô de volta para o sofá na sala de estar. Sadie afaga seu ombro e Aida entrega os petiscos de Ziggy, que caíram quando ele começou a procurar pela foto.

— Ziggy — chama Joss do piano. Ela, que deu um pulo quando vovô Ike tropeçou, agora vai até o sofá e aponta para ele. — No colo! — diz.

Ziggy, então, se aproxima e coloca as patas nas coxas do vovô, e então apoia a cabeça. É a coisa mais fofa que já vi. Vovô acaricia a cabeça de Ziggy e então Joss manda Ziggy descer. Vovô dá a ele um petisco e suja os dedos de baba.

— Bom garoto — diz vovô, mas soa triste.

— Vou encontrar a foto — digo. — Não se preocupe. Por que você não termina de contar a história? Tenho certeza de que está em algum lugar no seu quarto. Já volto. — E vou para as escadas.

— Joss, por que você não faz companhia a ela? — sugere vovô.
— Você se importaria?

— Claro que não — diz Joss. Ela vem atrás de mim, com Ziggy em seu encalço. — Não, Zigs, eu já volto. Fica aqui, tá? Ike, pode dar outro petisco a ele?

Vovô assente, e Ziggy vira assim que os outros o chamam. Ouço vovô dizer:

— Então, onde é que eu estava?

Mimi diz:

— Vocês iam cruzar a cidade.

E posso ver o sorriso de vovô voltar, embora com certeza esteja um pouco menos reluzente que antes.

Olho para Joss. Ela também sorri. Me sinto estranha porque ela é muito bonita, e mesmo assim quero conhecê-la.

Engulo em seco e sorrio também. Então ambas saímos da sala iluminada e entramos na escuridão.

As pulseiras dela são uma rebelião de sinos.

Acendo a lanterna do celular na escada escura para conseguir procurar a foto nos degraus e no chão do corredor do andar de cima. Mesmo sem olhar para trás, sei que Joss também está vindo por causa das pulseiras.

— O quarto do vovô é no fim do corredor — digo quando chegamos no topo. — Aposto que a foto caiu lá.

— Tranquilo. Fico feliz em te ajudar a procurar.

Abro a porta do quarto e entro. Puxo minha saia jeans um pouco para baixo porque os modelos mais curtos sempre vão para cima quando subo escadas. Está um pouquinho mais claro no quarto, talvez porque aqui seja mais estreito. A única janela fica de frente à

parede de tijolos da casa ao lado, então embora o sol ainda brilhe, longas sombras pintam o chão.

Coloco meu celular na mesa do vovô, e Joss coloca o dela na penteadeira. Os dois feixes emitem uma luzinha branca pela sala escura. Meu avô deixou um casaco jogado no braço da cadeira e a cama está desfeita, mas fora isso o quarto está arrumado. No meio há um cobertor aberto no chão com pacotinhos de biscoito e salgadinhos num potinho de louça chique, uma chaleira de cerâmica e copos com borra de chá. Eu corro, um pouco envergonhada, quando Joss pergunta: — O que é tudo isto?

— Ah, hm.

Ela é fofa. Eu sou esquisita. Achei que teria um pouquinho mais de tempo antes que ela visse a loucura que estou sempre tentando esconder.

— De vez em quando fazemos piqueniques com tema de festa do chá, com coisas compradas na máquina de lanche — digo, baixinho.

— Máquina de lanche... festa do chá... piquenique? Mas não tem nenhuma máquina dessa na Althea House, tem? — pergunta Joss.

Fico mais envergonhada, ainda olhando para outro canto.

— Não — respondo.

Remexo os lençóis na cama do vovô como se estivesse procurando a foto, mas só estou tentando *não* olhar para ela.

— Compro na máquina do meu trabalho; sou salva-vidas na YMCA, e trago algumas coisas quando venho visitar meu avô.

— O quê? — pergunta Joss. Parece que está sorrindo, mas não me viro para ver. — Por quê?

— É bobagem.

Joss me dá um tapinha no ombro, então eu viro. Ela está sorrindo para mim e é tão bonita, mesmo com o rosto encoberto por sombras. Também está com a testa um pouco franzida, confusa.

— Nella.

É a primeira vez que me chama, e meu nome na voz dela me dá ainda mais calor. Coro, grata pela pouca iluminação e por minha pele escura. Acho que não dá para notar.

— Não é nada de mais. Nós fazíamos isso com a vovó Zora quando ela estava no hospital. Sabe. Perto do fim.

Joss balança a cabeça, sem entender, então continuo falando.

— Festas do chá e piqueniques eram as coisas favoritas da vovó. Ela não podia mais sair, e quando ficou doente também teve que parar com as tardes de chá. Aí um dia eu tive essa ideia. Peguei a louça favorita dela na casa deles. Pedi que vovô e minha mãe comprassem um monte de coisinhas naquelas máquinas, aí nós espalhamos comidas e bebidas na cama de hospital e fizemos esse piquenique com chá. Ela ficou muito feliz e nós nos animamos também. Então às vezes, quando estou triste, vovô me diz para “trazer reforços”. — Aponto para o chão. — Sempre se referindo a isso.

Joss sorri.

— Ah. Meu Deus. Isso é muito fofo.

Coro ainda mais.

Um instante depois, ela está engatinhando pelo chão, colocando a louça e o cobertor de lado gentilmente. Percebo que está procurando pela foto e lembro que é por isso que viemos. Então abro gavetas e remexo em casacos, meias, calças e camisetas do meu avô. Mas não vejo a foto em lugar nenhum.

— Minha avó morreu há dois anos — diz Joss, baixinho. — Era treinadora de cães. Tipo, aquelas mulheres que correm com cachorros por um tapete azul enquanto eles fazem truques.

Sorrio um pouco, assentindo.

— Não se vê muitas pessoas negras fazendo isso — digo.

— *Pois é.* E ela era muito boa. Todo cachorro que ela treinou virou o melhor da competição em algum momento. E então, quando ficou mais velha, começou a treinar cães terapeutas. Exigia um pouco menos fisicamente, mas ela ainda conseguia ficar cercada de animais o dia todo.

Penso em Ziggy e pergunto:

— Ela treinou o seu cachorro?

Joss balança a cabeça e empurra os óculos para cima.

— Eu que treinei. Mas ela me ensinou tudo o que sei.

— Quanto tempo levou? — pergunto. Abro a última gaveta do vovô e reviro o que tem dentro.

— Alguns meses. Adotei Zigs quando ele tinha mais ou menos um ano. Ele era um filhote muito doido. Mas muito doce e fofo. Deu para perceber, só de ver os cachorros com que minha avó trabalhou, que ele tinha o temperamento certo para ser um cão terapeuta. Não consegui entender por que ninguém o adotou mais cedo.

— Um monte de gente pensa que pitbulls são assustadores — digo. — Tem muita bobagem na internet.

— Ah, eu sei. Me deixa tão triste. Você sabia que pitbull é a raça que mais sofre eutanásia? E que cachorros pretos, não importa a raça, têm menos chance de serem adotados?

Fecho a janela e viro para Joss.

— Sério? Caramba. Não sabia. É como se fosse... racismo canino.

Joss balança a cabeça.

— É *exatamente* isso. Mas enfim, Ziggy se adaptou ao treinamento rapidinho. Queria muito agradar. Muito gentil. Muito amigável com estranhos. Começamos visitando crianças no hospital e depois indo a lares de idosos. Visito hospitais uma vez por mês com ele, mas não posso ir com muita frequência pela minha própria sanidade mental.

Joss fica de pé e levanta uma pilha de livros da mesinha de cabeceira. Então folheia um a um, o que não pensei em fazer. Fotos são ótimos marcadores de páginas.

— Esta aqui é ela? — pergunta Joss, e por um momento penso que ela encontrou a fotografia perdida.

Mas vejo que ela está apontando para a pintura da vovó Zora feita por Sadie, pendurada perto da porta. Abro um pequeno sorriso.

— É.

No retrato, assim como na foto, vovó está com o cabelo longo e grisalho alisado, mas caindo sobre os ombros em ondas volumosas porque ela sempre o enrolava antes de dormir. Está com um vestido verde-esmeralda, sentada à mesa da cozinha com o cotovelo apoiado no tampo segurando um cigarro, o culpado pelo câncer de pulmão que tirou ela de nós. Ela está linda e durona, lembrando muito minha mãe. Desvio o olhar.

Às vezes sinto pânico quando olho para fotos dela por muito tempo, porque percebo que um dia minha mãe vai partir também.

— Ela é linda — diz Joss, e de alguma forma ouvir isso assim, no presente, faz meu coração desacelerar, minha respiração

normalizar.

— Sim. Ela é.

— Você se parece com ela — diz Joss. E eu pisco muito rápido algumas vezes.

— Sêrio?

— Sim — confirma Joss, mas ela não está mais olhando para mim. Está agachada, procurando debaixo da cama do vovô. Mesmo assim, a voz dela soa alta e clara como as pulseiras tilintando: — Você também é linda.

Quero dizer que estive pensando a mesma coisa sobre ela desde que a vi entrando na Althea House, mas não consigo achar a minha voz.

Então não digo nada.

Procuramos por mais um tempo. Uso a lanterna para iluminar a cômoda e o guarda-roupa, e Joss tira a almofada da cadeira do vovô para vasculhar as costas e as laterais. Mas não encontramos a foto.

— Ike foi a mais algum lugar da casa? Quero dizer, além de, tipo, o banheiro e tal. Ah, quem sabe o quarto da Queenie?

— Ah, é — digo, olhando para a bolsa do saxofone do vovô no chão. — Eles sempre tocam juntos.

— Eu sei — diz Joss, sorrindo.

Quero perguntar *como* ela sabe, mas não pergunto.

Um minuto depois, estamos fora do quarto, indo para o outro lado do corredor.

— Por que você estava triste? — pergunta Joss quando passamos pelo banheiro. Inclino a cabeça e olho para o piso de

azulejo, mas não tem nada lá.

— Hã?

— Você disse que Ike manda trazer reforços quando você está triste. Foi por isso que fizeram o piquenique?

— Ah, sim — confirmo, me lembrando.

— Por que você estava triste?

Afofo meu cabelo.

— Para ser sincera, estou bem pra baixo desde o último dia de aula — confesso. — Minha amiga foi passar o verão no Haiti, mas só me contou na véspera da viagem.

— Ai — geme Joss. — À distância é difícil.

— O quê? — pergunto, percebendo que cometi um erro. — Desculpa. É amiga *amiga*.

— Ah.

— É. Eu... na verdade era bem a fim dela. E quando ela me contou que estava indo, foi como se me dissesse: “Você é pegajosa pra caramba. Vou para outro país ficar longe de você. Tchau”.

— Ai. — Joss parece desconfortável.

Será que falei demais?

— Quero dizer, estou simplificando, mas nós éramos só diferentes, sabe?

Puxo minha saia de novo — um mau hábito que ainda não adicionei à minha lista de vícios porque, como vovô disse na minha cara, eu poderia simplesmente usar saias maiores.

— A diferença pode ser o fim — diz Joss, e estende a mão para a porta do quarto de Queenie.

Me sinto um pouco estranha por entrar no quarto sem permissão. Hesito, volto e grito lá para baixo: — Queenie, você se importa se

procurarmos a foto no seu quarto? Talvez vovô tenha deixado cair lá?

Ela grita um segundo depois:

— À vontade, querida. Mas não toque na primeira gaveta.

Joss dá um risinho.

— Aposto que ela guarda pornografia lá — sussurra.

Um segundo depois, Aida grita:

— É onde ela guarda suas antigas *Playgirl*!

Joss e eu trocamos um olhar e damos risada.

— Cala a boca — ouço Queenie dizer.

Não conseguimos ouvir a resposta porque entramos no quarto, mas tenho certeza de que elas ainda estão discutindo.

Olho ao redor. Vejo as almofadas estampadas e as cortinas com lacinhos, a colcha de retalhos na cama e as pilhas e mais pilhas de livros sobre astrologia e cristais e tarô.

— Parece... parece um cenário de fotos para um catálogo hippie. Só que com menos vibe de garota branca boho e mais realismo, sabe?

— Meu Deus — diz Joss, assentindo —, essa é a descrição *perfeita*.

Inspecionamos o chão com nossos celulares, e olho atrás da bateria de Queenie. A coroa toca com meu avô algumas vezes por semana e eles estão falando em formar uma banda, mas duvido que vá dar em algo.

— Toco piano com eles às vezes — diz Joss, depois de termos conferido o quarto em silêncio. — Trago meu teclado para que Queenie não tenha que descer com a bateria. Falei para eles que

deveríamos formar uma banda, fazer shows no pequeno restaurante da esquina. Às vezes tem música ao vivo lá.

— Então é assim que você sabia que tínhamos que procurar aqui. E foi você quem deu a ideia a eles — digo, dando uma cotoveladinha nela, que ri.

— Eu confesso, a culpa foi minha — responde Joss, então fica com uma expressão que não consigo interpretar direito. — A diferença *pode* ser o fim — ela repete o que falou no corredor quando contei sobre Bree. — Mas acho que, não importa quão diferente você seja de alguém, se quiser fazer funcionar e as duas pessoas estiverem dispostas a tentar, geralmente dá pra encontrar um jeito. Quero dizer, olha o Ike e a Queenie. São como opostos, seu avô é superlógico, todo arrumadinho, e o quarto de Queenie é cheio de... — Joss pega um grande pedaço de quartzo rosa de uma pequena prateleira e arregala os olhos. — Mas eles têm essa, tipo, química musical inegável. Querer tocar juntos basta pra eles. Discutem o tempo todo, mas fazem funcionar.

Dou de ombros.

— Acho que é verdade. Aida e Mordy também.

— Exatamente. O que estou dizendo é que as *diferenças* geralmente não são motivo para um relacionamento não funcionar. A questão é mais o que as pessoas querem de verdade. E o quanto querem. Se alguém não quis ficar com você — ela gesticula para mim com o quartzo rosa, como se algo em mim fosse tão precioso, tão imperfeitamente bonito quanto —, quem perde é essa pessoa.

Engulo em seco e vou até a penteadeira de Queenie.

— Você é... um amor — confesso.

A parte da história de Bree que não contei a Joss? Dias antes de ela deixar o país, eu me apoiei numa cerca ao lado dela, segurei sua mão, coloquei uma mecha de seu cabelo cacheado atrás da orelha e sussurrei: “Não sei se você sabe, mas eu acho que te amo”.

Ela soltou minha mão e se afastou de mim.

“Mas, Nella... você sabe que sou hétero, né?”

E eu senti meu coração partir.

“Mas nós passamos o tempo todo juntas, de mãos dadas. Vamos ao cinema juntas e tomamos sorvete tarde da noite.”

“É. Mas faço isso com todos os meus amigos.”

“Mas... Twig viu você beijando outras meninas nas festas. Foi por isso que ele nos apresentou.”

Bree mordeu o lábio. “Putz. Cara, é só uma coisa que faço quando bebo.”

Não acreditei nesse papo de hétero. No entanto, mais forte que minhas questões sobre como ela se identificava foi meu constrangimento: eu achei que estivesse namorando uma pessoa que não achava que estava me namorando.

Três dias depois ela me disse que estava indo embora. Simples assim. Além da humilhação, ganhei uma decepção amorosa — levei um fora de alguém que nem beijei.

Então junto os elogios de Joss como se fossem moedinhas brilhantes encontradas no chão: guardo no bolso por segurança. São bonitos, legais de ouvir, mas valem muito pouco. Afinal, se alguém com quem fiquei por meses pôde me dispensar tão fácil, pra que ligar se uma garota bonita que acabei de conhecer acha que sou uma pretendente interessante?

Joss percebe.

— Você não acredita em mim? — pergunta ela.

Dou de ombros.

— É mais fácil acreditar nas coisas ruins do que nas boas.

Ela fica pensativa por um momento e então diz:

— Eu tento ao máximo sempre dizer a verdade. Minhe ex também era muito diferente de mim, gostava mais de metal do que de pop. Usava mais preto do que rosa. Gostava de gatos... *gatos*, Nella. Mais do que de cachorros. Babaca! Quem perde é ele.

Dou risada. Só conheço ela há uma hora (sem contar todas as histórias que vovô contou), mas já não consigo imaginar Joss com alguém assim.

Ela pega um batom de Queenie e continua falando.

— Taylor era o nome dele. Apelido Tay-Tay. Tay foi a primeira pessoa com quem dormi, então provavelmente vou amá-lo para sempre. Mas por mais que eu quisesse Tay do jeito que ele era, Tay queria alguém com mais coisas em comum. E não dá para obrigar alguém a te querer.

Sei bem.

Joss se aproxima do espelho de Queenie e passa o batom de um índigo profundo nos lábios.

— Ela já me deixou experimentar essa cor antes — o reflexo de Joss diz. — Juro. Eu não usaria se não soubesse que ela não ligaria.

E agora, além de Joss ser muito fofa e muito confiante e muito gentil... sua boca de repente está muito, muito chamativa.

Olho para o outro lado e lembro que eu deveria estar procurando a fotografia, e não encarando os lábios de Joss. Procuro no chão e

na cama, na prateleira com todos os livros e cristais e então na mesinha de cabeceira. Enfio a mão num pote de balas de caramelo e pego algumas. Queenie sempre está distribuindo essas balas por aí, então, assim como o batom, sei que ela não vai se importar.

Jogo uma para Joss e sento na cama.

— Amo. — Ela senta numa das almofadas de chão, desembulha a bala e joga na boca perfeita e arroxeadada.

Joss pega um livro de uma das pilhas perto dela e pergunta meu signo.

— Peixes — respondo, e então, por ela parecer tão confiante em ser quem é, tão segura de si mesma, pergunto: — Você sabia, quero dizer, antes de Taylor, que era queer?

— Não. — Ela nem hesita.

Então aponta a lanterna do celular para a página e lê meu horóscopo do livro grande que tem em mãos. Diz algumas coisas vagas sobre ambição e transição, menciona contar com pessoas amadas em tempos difíceis, mas não presto muita atenção. Estou observando Joss.

Quando ela enfim olha para mim, sorrio.

— Quando você soube?

— Conheci Tay-Tay quando tínhamos doze anos. Mas só começamos a andar juntas no ensino médio. Eu sentia tipo um calor quando estava com ele. Éramos como ímãs. Não conseguíamos manter as mãos longe ume de outre. Sabe, nós entrelaçávamos os mindinhos e brincávamos com nossos cabelos e ficávamos de conchinha quando assistíamos filmes e éramos melhores amigas. Eu não pensava muito. Aí, ano passado, ele se assumiu para mim uma noite. Me disse que era não binária e queer, e que gostava de

mim. Tay parecia tão confiante sobre tudo. Dava para perceber que tinha pensado muito naquilo tudo. E acho que ele percebia que eu ainda estava na dúvida. contei a Tay que eu não tinha certeza sobre minha identidade, e ele pareceu bem desapontado. Mas então falei: “Não sei se posso te dizer onde me encaixo. Mas sei que gosto de você também”.

Assinto.

— Foi tipo assim comigo também. Um dos caras mais populares da escola, Tristán, me deu uma carta de amor no primeiro ano, e quando eu a mostrei para a minha melhor amiga achando que ela ia rir, ela me disse para ir em frente. Ela não conseguia entender por que eu nem falaria com o cara. Mas eu não estava interessada nele porque minha crush era *ela*. Para resumir: ela não gostava de mim. Ficou esquisita. Fiquei apegada. Paramos de ser amigas.

— Que droga.

E ficamos caladas por um tempo. Levanto da cama e sento na almofada ao lado dela. Pego o livro de astrologia e ela posiciona a lanterna do celular para que eu possa encontrar seu signo, touro. O horóscopo dela fala em oportunidade e ser aberta ao que o universo mandar. Os olhos dela brilham um pouquinho na escuridão.

— Acho que a foto está em outro lugar — digo, embora parte de mim queira ficar aqui com ela por mais tempo.

— É — diz ela, mas também não se move.

— Talvez a gente precise de ajuda — sugere Joss alguns minutos depois.

Ela se levanta, se inclina sobre mim e estende a mão macia. Eu aceito. Ela me puxa, mas não solta imediatamente, e amo como o

metal gelado dos anéis faz um contraste tão intenso ao calor da mão dela. As pulseiras de Joss chacoalham quando ela abre a porta.

— Ajuda? — pergunto, seguindo-a.

Joss desce até a sala de estar, onde Mimi e todos os outros olham esperançosamente para nós.

— Desculpe, vovô, não tivemos sorte — digo.

— Que merda — ele pragueja.

— Mas tenho uma ideia — acrescenta Joss. — Ike, posso ver sua carteira?

— Hmm, ok.

Ele pega a carteira do bolso, e Joss chama Ziggy. Ela segura a carteira, e o cachorro a cheira prontamente.

— Não sei se vai funcionar — diz Joss. — Mas acho que a foto deve ter o cheiro da carteira, né? Já que ficava ali? Talvez tenha cheiro de couro. Talvez Zigs seja mais eficiente procurando.

Mordo o lábio para evitar sorrir demais. Essa *mina*.

— Isso é brilhante — diz Birdie.

— Genial — murmura Mordechai.

— Joss poderia ajudar a combater o crime — concorda Mimi, sem tirar os olhos do celular.

Os Costa e os Montgomery-Allen riem.

— Não sem meu fiel escudeiro. Vai na frente, Ziggy — diz Joss, e então olha para mim. Estou encarando de novo. — Que foi?

Balanço a cabeça.

— É só... você — digo.

E vou atrás de Ziggy. Quando não ouço as pulseiras, me viro e vejo que Joss está parada no mesmo lugar.

— Só eu, né? — retruca ela, sorrindo.

— Ah, meu Deus. — Cubro a boca, percebendo o que deixei escapar. Mas quando nossos olhares se encontram, decido ir na onda. Seguro a mão dela de novo porque pareceu tão normal fazer isso lá em cima. Tão natural. — Vamos.

Ziggy trota pelo corredor mal iluminado que leva à cozinha, e vamos atrás. Há velas eletrônicas pelo chão para que os residentes encontrem o caminho do banheiro se precisarem. Mas a cozinha, com suas muitas janelas, está iluminada.

O cachorro vai até as portas de vidro de correr da pequena varanda nos fundos e fareja, deixando uma pequena marca de focinho no vidro, no formato de coração.

— Eu... acho que ele não está nos levando até a foto — digo.

Abro a porta e Ziggy pula para fora, fareja um pouco mais e ergue a perna antes de fazer xixi em um arco perfeito que pula o corrimão e a lateral da varanda.

— Ziggy, não! — grita Joss, mas é tarde demais e estou rachando de rir.

— Com sorte, não tem ninguém lá embaixo — digo.

Vou até a beirada e espio. E demos sorte mesmo: há apenas uma mancha molhada no concreto.

— Bom garoto — digo. Faço carinho na cabeça dele e acaricio suas orelhas de veludo. A língua rosada está pendurada para fora, parece que ele está sorrindo.

— Isso não foi nada bom! — responde Joss.

— Pelo menos não fez xixi na varanda.

Sento em uma das cadeiras de madeira e Ziggy enfia a cabeça na minha mão até que eu faça mais carinho.

— Eles tiveram uma boa ideia — diz Joss.

Ela senta na cadeira em frente à minha e olha para o prédio do outro lado da rua. As pessoas pegaram uma churrasqueira e estão ouvindo música em uma caixinha de som bluetooth. Dois coroaas estão dançando, enquanto os amigos aplaudem.

É esquisito sentar na luz sabendo que há apenas mais algumas horas de claridade. Me pergunto o que faremos, e como todos se sentirão, quando o sol se pôr.

— É estranho pensar que estamos tão acostumados a ver tudo. Aposto que foi bem assustador para meus avós fazerem todo aquele trajeto no escuro. Ainda mais com os roubos e tudo o que estava acontecendo na época.

— Pode crer — diz Joss de repente. — Não consegui ouvir o resto da história. — Ela empurra os óculos nariz acima e estende a mão para Ziggy. Ele vai até ela na hora e sobe na cadeira. É muito engraçado e fofo ver o corpo enorme dele espremido sobre o dela. — Me conta?

De repente me sinto sozinha vendo os dois na mesma cadeira, e eu a poucos (mas impossivelmente distantes) noventa centímetros. Concorde e olho para o corredor de novo.

— Eles caminharam do prédio ao norte da Morningside Park até a casa da minha bisavó, no East Harlem, na rua 116 com a Segunda Avenida. E voltaram.

— Uau! — exclama Joss.

Não vejo o rosto dela, mas posso ouvir as pulseiras e o ofegar de Ziggy. Brinco com meu colar, um medalhão rosa-dourado que Bree me deu de aniversário e que me deixa ainda mais consciente da

minha solidão, que faz a distância de Joss parecer ainda maior. Paro de mexer nele e continuo falando.

— É. Mas eles conversaram o caminho todo. Ela contou como foi crescer no Harlem, porque meu avô tinha acabado de se mudar para Nova York. Ele contou como era a vida em Charlotte, Carolina do Norte, onde ele nasceu, e quão feliz estava por ter vindo para o norte. Quando eles passaram pelo teatro Apollo, vovó contou que tinha ido na noite de calouros com a mãe e que tomaram milk-shakes de morango depois. Contou que ficava triste porque não tinha mais shows ao vivo no teatro, só filmes. Foi quando vovô disse que, se algum dia tivesse outra noite de calouros no Apollo, esperava que ela topasse ir com ele.

— Ele tinha que tentar — diz Joss, as pulseiras cantando.

— Sim. E então, quando passaram pelo caminhão de sorvete, ele comprou uma casquinha de morango com granulado para ela e disse algo como: “Não tinha mais milk-shake”. Sei que vovó amou — digo, sorrindo. — E acho que vovô a conquistou aí porque, alguns quarteirões depois, ela segurou a mão dele quando passaram por uma loja que estava pegando fogo e não soltou até o final da caminhada. Quando chegaram no prédio da minha bisavó, sabiam o nome do meio um do outro, tinham confidenciado seus sonhos e esperanças e descobriram, como o vovô diz, “que nossas mãos eram feitas para se encaixar”.

Joss dá um suspiro contente.

— Qual é o seu nome do meio? — pergunta.

— Rose. E o seu?

— Mae — responde Joss. — Meus avós se conheceram em um jogo de beisebol. Meu avô era jogador, e minha avó pegou a bola

fora dele. Depois do jogo, pediu um autógrafo, e ele aproveitou para anotar o número de telefone.

— E os seus pais? — pergunto, sorrindo.

— Eles se conheceram na faculdade. Ela era da Delta, e ele era da Q. Se conheceram em um jogo e juraram que era destino. Os seus?

— Namorados de colégio. Se divorciaram quando eu tinha dez anos, mas ainda são bons amigos. É esquisito às vezes. Mas legal.

— Penso nos dois indo comigo à parada LGBTQIAP+, ambos com os mesmos shorts e blusas de arco-íris. Foi tão brega e fofo. — Eles são fofos.

— Ai ai. Espero ter uma experiência assim um dia. Tão romântico.

E acho que estar sentada aqui com ela, contando histórias de amor, é muito romântico. Estou prestes a dizer isso quando meu celular vibra. Tiro do bolso, e é ela.

Ainda sem energia? Onde você está?

— Ai, Zigs, você está em cima da minha bexiga — resmunga Joss, gentilmente tirando Ziggy do colo. — Já volto, Nella.

— Beleza — digo, me perguntando se ela precisa mesmo fazer xixi ou se viu o nome de Bree na minha tela.

Contrariando meu bom senso, rolo para cima minhas mensagens com Bree até chegar nas que são boas. As piegas e doces que trocamos antes que ela me rejeitasse e fosse embora.

NELLA: Sinto falta do seu rosto.

BREE: Não tanto quanto sinto falta do seu.

NELLA: Você tem o cabelo mais lindo da Terra.

BREE: Bom, o seu black é muito maneiro também.

NELLA: Você me entende. Como é que você me entende?

BREE: Não sei, amor.

NELLA: Como é que a gente não se conheceu antes?

Deveria ser: Como é que eu não percebi antes?

Meu coração aperta com alguma coisa que parece saudade, dor.
Volto para baixo e respondo.

NELLA: A energia ainda não voltou, mas nem escureceu ainda. Estou no vovô. Estou bem, não esquento.

BREE: Me liga. Preciso ouvir sua voz para saber que você está bem.

NELLA: Não.

BREE: Por quê?

NELLA: Porque você pisou no meu coração.

Ouçõ a porta se abrir e coloco o celular no bolso.

— Peguei a carteira do Ike. Vamos tentar de novo — diz Joss.

Ela estende a carteira para Ziggy fungar, e eu fungo também.
Droga.

— Ei — diz Joss. Ela coloca a mão no meu ombro e se inclina para ver meu rosto. — Ei, você está chorando?

— Só um pouquinho.

— Espera, o quê? Por quê? O que aconteceu?

— É bobagem — digo, e esfrego os olhos com o braço.

— Lágrimas nunca são bobagem.

— É só a ridícula da minha ex. Ou seja lá que merda ela é. Quando estávamos juntas, achei que ela gostava de mim. Tipo *gostava* gostava de mim. Isso é tão vergonhoso, mas eu na verdade achei que estávamos *namorando*. E ela só estava sendo legal. O tempo todo, ela só queria que fôssemos amigas, mas eu jurei que algo mais estava acontecendo. Agora, quando ela me manda mensagem, me sinto podre. Como se ela me visse como uma criancinha perdida que precisa dos seus cuidados. Me enlouquece, mas sinto tanta falta dela que aceito. Que ódio.

Joss se ajoelha na minha frente e seca minhas bochechas com o dedo. Só que acaba cutucando meu olho.

— Ai — reclamo. E então estou rindo.

— Putz, desculpa. Você precisa de um abraço.

Aceito e seguro a mão dela. Ficamos de pé juntas.

Nos abraçamos. É bom. A pele dela é macia e tem cheiro doce e fresco, como pão assado ou donuts. E temos a mesma altura, então eu simplesmente me encaixo.

— Agora vamos achar essa foto — diz Joss.

Ziggy é um cachorro em ação. Ele volta para a cozinha e não tira o focinho do chão. Nos leva até a escada do porão, e quando abrimos a porta ele desce correndo como se tivesse nascido para buscar e resgatar fotos.

— A lavanderia — digo. — Como não pensamos em olhar na lavanderia?

Se a foto tivesse caído da carteira do vovô para dentro do bolso, quem quer que lavou a calça deve ter encontrado.

— Ziggy é um gênio — diz Joss.

No topo da escada há uma lanterna, que Mimi provavelmente deixou caso precisasse descer para pegar alguma coisa. Acendo, e nós três vamos até a lavanderia, convencidos de que estamos prestes a resolver esse mistério juntos.

Coloco a lanterna no topo da máquina de lavar e usamos nossos celulares para procurar nas prateleiras e no chão pelo que pode ter sido encontrado nos bolsos. Tem bolinhas de gude, moedas, notas fiscais, botões, canetas e chaves em pequenos potes ao lado da

lavadora e da secadora. Mas, mesmo com as prateleiras cheias de tranqueiras, nada de foto.

— Aff! — exclamo. — Estou cansando. Onde mais pode estar? Aqui nem é tão grande. Vovô nunca vai a lugar nenhum. Não deveria ser tão difícil.

Joss ainda está procurando. Suas pulseiras cantarolam, e Ziggy a segue de um lado a outro. Ela lambe os lábios, ainda com aquele batom. Eu tinha esquecido, já que estava evitando olhar para ela na varanda, tentando muito não ficar encarando.

— Você não precisa fazer isso, viu — digo.

Começo a ficar com medo de que ela só esteja me ajudando por pena. Penso em tudo o que contei e me sinto mesmo muito patética. *Minha avó morreu. Minha melhor amiga me rejeitou. Fui dispensada por alguém que eu nem sequer estava namorando oficialmente.* E ainda chorei. Meu Deus.

— Não ligo, Nella. — Joss encontra um cesto cheio de roupas limpas e começa a verificar meticulosamente cada peça.

— Joss, para.

Ela para. Olha para mim. A boca está tão roxa.

— Está tudo bem — digo. — Você não precisa me ajudar.

— Eu não estaria aqui se não quisesse te ajudar.

Pisco um pouco.

— Beleza. Mas a questão é justamente essa. Acho que tem algo em mim que faz as pessoas quererem me ajudar. Tipo, as pessoas devem olhar pra mim e me achar meio patética. Quero dizer, eu passei dois meses crente que estava namorando uma garota, e até meus parentes estão sempre tentando me ajudar com a minha vida amorosa. Aí, sabe, as pessoas querem ajudar, cuidar de mim e tal,

mas acaba sendo essa necessidade de ajuda que faz com que desistam de mim.

— Você não precisa que cuidem de você, Nella. Não é uma criancinha indefesa.

— Eu sei.

— Sabe mesmo? — pergunta Joss, e soa um pouco irritada. — Não estou te ajudando porque você é patética. E para ser mais clara, você não é patética. Você é sensível. Você tem coração mole. Você é vulnerável e gentil.

Pisco rápido algumas vezes, meus olhos ardendo e úmidos.

— Estou te ajudando porque queria uma desculpa para falar com você, para te conhecer, para te seguir por esta casa no escuro. Você é, sei lá... incrível. Como Ike disse. Mas até que perceba isso, o que as outras pessoas ou eu penso não vai importar.

Não sei bem o que dizer, então por um longo minuto não digo nada.

— Aquela mina... ela provavelmente te enganou, de propósito ou não, porque você é sentimental e gentil e doce. Provavelmente só está percebendo o erro agora. Você é como o quartzo rosa no quarto de Queenie: emana amor.

Engulo em seco.

— Não sei, não — digo, e logo estou falando mais rápido do que gostaria. — É você que é incrível. Você treinou seu cachorro para ajudar outras pessoas. Você é voluntária em hospitais de crianças, abrigos de animais, asilos e instituições mentais. Você toca piano como uma musicista clássica, e vovô me contou que você também canta! Ou seja, *olha* pra você. Todo o seu... *ser* é uma obra de arte.

Eu não planejei dizer essa última parte em voz alta. Mas é verdade. Já encarei bastante ela para saber. Puxo a saia.

Joss se aproxima de mim, e vou andando para trás até encostar na máquina de lavar.

— Ok — diz ela, baixando o tom de voz de uma maneira que faz meu rosto ficar quente. — E você deu um jeito de fazer sua avó feliz. Você foi corajosa o suficiente para se declarar pra sua amiga e lutou para continuarem amigas, mesmo quando ela não correspondeu ao seu amor. Você ainda é gentil com a garota que te magoou. Vi você mandando mensagem pra ela. Você apagou um incêndio com nada além da sua bota! E nem vamos falar sobre quem aqui é uma obra de arte porque... — Joss dá um passo para trás, me olha de cima a baixo e diz: — Que mulher.

— Ah. Sim, mas...

— Mas nada, Nella Rose Jackson.

Perto assim, percebo de novo que temos exatamente a mesma altura. E vejo que a armação dos óculos dela é rosa-dourado, como meu colar.

Nós combinamos.

Os olhos dela, por outro lado, são da cor deste cômodo — cor de um cômodo com todas as luzes apagadas —, mas brilhantes e com um toque dourado no centro, como a lanterna ao nosso lado. E aqui posso ver que a pele dela é um pouco mais clara que a minha, como a casca de uma avelã, ou o papel-toalha no banheiro do antigo cinema no centro da cidade. Toco uma de suas longas tranças, que é macia e substancial, assim como tudo nela.

— Beleza. Jocelyn Mae Williams — respondo. Ela sorri um pouco.
— Beleza. Entendo. Mas acontece que...

— Você tem medo — ela me interrompe.

E eu concordo, pensando em Bree. Pensando em amor e em desilusão amorosa. Pensando no quanto dói.

— Posso ser corajosa o suficiente por nós duas, se você precisar — acrescenta ela. — Mas algo nisso, em nós, parece especial.

Nunca beijei Bree porque tinha muito medo. E parece perigoso e muito cedo para deixar alguém novo entrar no meu coração despedaçado. Mas de repente percebo que não dá para ser corajosa sem um pouco de medo.

Olho para o batom escuro de Joss, para seu cabelo escuro, para seus olhos escuros. E antes que ela possa dizer mais alguma coisa, engulo o medo e me aproximo.

Quando nos beijamos, é lento e quente. É doce, como o caramelo que pegamos da mesinha de Queenie, mas há algo por baixo do sabor adocicado que eu sei que deve ser da própria Joss. Quero provar mais. Beijo com mais vontade e me pergunto por que gastamos tanto tempo uma de cada lado do cômodo, tanto tempo falando, tanto tempo fazendo outras coisas.

Na primeira vez que interrompemos o beijo, Joss diz:

— Teremos que trabalhar o seu pessimismo. Não acha mesmo que isso pode ser bom? Que talvez, quem sabe, não cause desastre nenhum? E se descobirmos que nos encaixamos, como seus avós de mãos dadas? E se você, com sua doçura e seu coração mole, com seus olhos bonitos e saias *muito* curtas, seja exatamente o que eu estava esperando?

Eu corro.

Não sei. Não tenho como saber. Mas acho que quero investigar.

Me inclino e beijo Joss de novo.

Na segunda vez que interrompemos o beijo, sou eu quem fala:

— Eu sou chorona.

E ela ri.

— Eu aguento.

— Mando mensagem pra Bree o tempo todo — digo.

— Talvez você deva parar de mandar mensagem para ela e mandar para mim.

— Eu não queria te conhecer. Sabia que isso ia acontecer.

— Eu estava esperando para te conhecer desde a primeira vez que Ike falou o seu nome — diz Joss, e então estamos nos beijando de novo.

Coloco a mão na faixa de pele que não consigo parar de olhar desde que ela entrou na Althea House. Agradeço ao universo e à moda e ao próprio Deus por esse top e a área livre que ele proporciona. Sou eternamente grata por seja lá qual hidratante ela usa, porque sua pele é macia e sedosa. E então ela está tocando as minhas coxas e, não me importo quantas vezes tive que me ajeitar hoje, estou *tão* feliz por não estar usando uma saia mais longa.

Quero beijá-la e tocá-la até de manhã, mas logo Ziggy se enfia entre nós.

— Agora não, Zigs — diz Joss contra meus lábios, tentando ao máximo não interromper o beijo pela terceira vez, mas quando abro meus olhos, vejo vovô na porta da lavanderia.

— Vovô! — digo.

Seguro a mão de Joss e a puxo para meu lado.

— Nós... íamos pedir uma pizza — diz ele, sorrindo. — Vim ver se vocês querem também.

— Ah, sim, claro — Joss e eu respondemos ao mesmo tempo.

— Você está com uma coisinha aqui — diz vovô, passando o dedão no lábio.

O batom. Provavelmente tem batom na minha cara inteira.

Cubro o rosto, e vovô e Joss gargalham. Então ela limpa minha bochecha.

— Cadê a minha carteira, mocinha? — vovô Ike pergunta a Joss.

Ela pega no bolso e entrega a ele. Achei que ele fosse sacar o cartão de crédito ou algumas notas para pagar a pizza, mas vovô tira um pequeno retângulo que só pode ser...

— A foto? — pergunta Joss.

— Onde estava? — questiono, sem entender, até que vovô me lança aquele olhar.

— Nunca estive... desaparecida, né? — pergunta Joss.

Vovô dá de ombros.

— Você estava tão pra baixo, ursinha. E passando tanto tempo aqui desde que Bree foi embora. Só queria que você conhecesse uma menina legal da sua idade. Queria que fizesse uma amiga. Não achei que fosse se *desenvolver* tão rápido. Mas também não vou dar bronca por causa disso. — Ele sorri mais.

Vou até ele e dou um soquinho em seu braço.

— Não *acredito* que fez isso. — Mas meio que acredito, sim.

Ziggy olha de vovô para mim e para Joss, o rabo balançando.

— Obrigada — digo ao vovô, então acaricio seu braço e o abraço.

— Então, que sabor de pizza vocês querem? — pergunta ele, se virando para subir.

Eu volto para a secadora e pego a lanterna. Pego a mão de Joss também. E posso estar delirando um pouco pelo beijo e pela escuridão, mas acho que algo em nós... se encaixa.

— Gosto de havaiana, e Ziggy come qualquer coisa — diz Joss.

— Pepperoni serve — respondo. — Mas prefiro você — sussurro no ouvido de Joss.

Meu celular vibra. Outra mensagem de Twig.

TWIG: Você vai trazer os copos ou não????

NELLA: Vou. Caramba. Relaxa, Twiggizinho.

TWIG: Ei, o que eu te falei sobre me chamar assim?

Sorrio, guardando o celular de volta no bolso.

— Não tenho ideia de como chegaremos lá, mas quer ir à festa do meu primo no Brooklyn mais tarde? Vão fechar o quarteirão.

Ela sorri.

— É claro. Talvez possamos ir andando como seus avós fizeram. E tomar um sorvete de morango no caminho...

Sorrio mais, me inclino e a beijo na bochecha.

Quando voltamos lá para cima, os moradores estão sussurrando.

Os Montgomery-Allen sorriem para nós.

Birdie e Pearl se entreolham de sobrelanceiras erguidas.

A srta. Sadie murmura algo sobre “paixonite adolescente” para Mimi.

Queenie olha para nossos rostos corados e faz: “Hmmmm”.

Aida e Mordechai estão brigando, nem aí para nós.

Há uma linda senhora que nunca vi antes sentada no centro do sofá em um robe de pelos e franjas, segurando uma taça de vinho.

— Vocês duas parecem confortáveis — diz ela.

— Madame Marie! — grita Joss.

— Marie? — pergunto. — A Marie-Jeanne Beauvais?

— A própria, querida. — Ela nos encara e bebe o vinho. Faz carinho em Ziggy como se ele fosse um gato. — Vocês duas estão com a mesma cara que meu filho fez da primeira vez que eu o peguei beijando um garoto.

Engulo em seco, olhando para baixo. Os dedos de Joss ficam parados, entrelaçados aos meus.

— Ah, eu não ligo, queridinhas. Nem um pouco. Amor é amor, meninas. Melhor aprenderem isso desde já.

Eu coro, muito. Joss ri, alto.

Solto o ar, olho para Joss e digo:

— Talvez a gente deva começar nossa caminhada para o Brooklyn agora?

Marie-Jeanne ouve.

— Caminhada? Para o Brooklyn? Ah, não, docinhos. Nada disso. Estou planejando passar a noite na casa do meu filho e do meu genro em Bed-Stuy, já que minha neta e eu temos um voo no JFK amanhã de manhã. Vocês precisam de uma carona?

Joss olha para Ziggy.

— Se a senhora não se importar de levar o Zigs.

— Qualquer amigo seu é meu amigo, querida — Marie-Jeanne diz.

Joss aceita, agradece e dá um sorriso.

— Vamos pedir a pizza ou o quê? — grita Mordy.

E quando Joss aperta a minha mão, eu aperto de volta.

A LONGA CAMINHADA

Terceiro ato

Tiffany D. Jackson

Columbus Circle, 19h02

Continuamos andando: pela Broadway, além do Lincoln Center, até a rua 59, na Columbus Circle, que está parecendo um estacionamento. O trânsito está tão tenso que carros e táxis estão com os para-choques colados desde a rua 72. Esta cidade fica uma bagunça sem energia. Faixas da polícia bloqueiam a entrada da estação da rua 59. Nada de metrô ainda?

— O metrô vai estar funcionando quando chegarmos no centro, né? — deixo escapar.

Kareem dá de ombros, sem olhar para mim.

— Talvez.

— Mas... eles provavelmente vão consertar logo.

Pelo menos alguns trens *têm* que estar funcionando antes da gente chegar no centro. Não quero saber.

— É, tá bom. — Ele ri, passando pela multidão na esquina. — Nada nesta cidade é consertado rápido.

— Aff! Tô tão cansada deste lugar. Esquenta um pouco e a cidade toda para.

— Caramba, você não vai mesmo sentir falta de Nova York?

— Pff! Sentir falta do quê? Com Atlanta e Hollywood chamando o meu nome ainda por cima?

Kareem abre a boca, então fecha, voltando para o celular enquanto abano meu rosto. Parece que estamos andando há horas.

— Ei, podemos fazer uma pausa? — grito.

— Cara, a gente não tá nem na metade da cidade ainda! Você quer parar agora?

— Kareem, tá quente pra caramba aqui — disparo, o suor descendo pelas minhas costas. — Você pode continuar andando se quiser. Mas estou cansada, estou com sede e preciso de uma pausa!

Kareem bufa e enfia até os punhos nos bolsos. Ele sabe que não adianta discutir quando chego no meu limite. Abrimos caminho até um banco que acabou de vagar perto da entrada do parque. Há alguns vendedores de rua na esquina. Um vendendo cachorro-quente, o outro, castanhas assadas, um terceiro com acessórios de celular.

Kareem dá uma olhada na barraquinha enquanto passamos.

— Talvez eu devesse comprar um desses carregadores portáteis.

— *Pff!* E desperdiçar todo o seu dinheiro? Quer tanto assim se livrar de mim e do meu celular?

Ele joga as mãos para o alto.

— Ô, Tammi, nem tudo é sobre você! Tem gente que tem mais o que fazer!

— Foda-se, faz o que você quiser, é seu o dinheiro. Vou esperar ali!

Não espero a resposta dele antes de sair batendo o pé até o banco. Eu poderia torcer meu vestido de tão encharcado de suor. Faço um coque nas tranças de novo e olho o celular. Sessenta e cinco por cento de bateria. A última ligação de Kareem deve ter drenado o telefone. O que vai acontecer se meu celular morrer? Eu não vou ser mais útil para ele. Ele pode até me deixar, tudo por causa da festa do Twig. Por causa da Imani. Vou ficar sozinha. Sem celular, sem dinheiro, sem ter como voltar para casa se o metrô não voltar a funcionar logo.

Abaixo a cabeça, respirando fundo algumas vezes.

Tá tudo bem. Tá tudo bem. Tá tudo bem!

— Toma. — Kareem está na minha frente, enfiando uma garrafa de água na minha cara.

Olho para ele.

— Você disse que estava com sede, certo? — pergunta. — Não é aquela água chique com eletrólitos, mas foi o que deu, e custou três dólares aqui perto do parque com todos esses turistas, então é melhor você gostar.

Não quero aceitar. Não quero que ele pense que preciso dele para... qualquer coisa. Mas planejo usar meus últimos cinco dólares para pegar o metrô para casa assim que chegarmos ao fim de Manhattan. Porque a energia tem que voltar até lá. Não quero saber. E se eu não colocar um pouco de água no corpo, vou desmaiar de calor.

— Obrigada — murmuro.

— Você, é... você não está prestes a ter, é, um ataque de pânico de novo, né?

Minha bochecha pega fogo. Me viro para beber minha água.

— Não — digo. — Está quente, é só isso.

Menti. Um tremor esteve crescendo no meu peito, ameaçando explodir desde que as luzes se apagaram, e fiquei muito abalada para dizer qualquer coisa. Muito envergonhada para dizer que preciso dele e que...

Não!

Não, não preciso de Kareem.

Tenho ficado bem sozinha, sem a ajuda dele nesses últimos quatro meses.

Kareem não está com cara de quem acredita em mim, mas também não diz nada. Ele senta ao meu lado, bebendo sua própria água, observando os arredores, e eu me reviro com duzentas perguntas gritando dentro de mim. Para qual universidade ele vai? Para quem está tentando ligar?

Espera aí!

Tentando fingir normalidade, enfio a mão na bolsa e procuro o histórico de ligações. Sei que não deveria fazer isso. É tipo invasão de privacidade, mas preciso saber. Vou me sentir melhor quando souber.

É um número 718, possivelmente um telefone fixo. Talvez o telefone da casa de Imani. Quem mais poderia ser?

— É meio doido ver todas essas pessoas aqui fora desse jeito — diz Kareem, observando um senhor parado em seu uniforme tentando ao máximo organizar o trânsito. — Você percebeu que a

gente tá aqui no meio desse... momento histórico? Tipo, vamos poder contar pros nossos filhos que sobrevivemos a isso!

— Por que você está falando como se fosse a Segunda Guerra Mundial? — Dou risada. — É só um apagão.

— Sim, mas coisas loucas acontecem durante apagões — diz Kareem, olhando o celular de novo. Achei que ele tinha dito que estava sem bateria. — Você lembra de todo aquele negócio do apagão da década de 70, né?

Aprendemos sobre o apagão da década de 70 na nossa eletiva de história de Nova York. A coisa toda durou mais ou menos vinte e quatro horas, mas foi tempo o bastante para causar danos enormes na cidade, disparando uma onda de crimes. Não é surpresa que ele queira voltar para casa antes que anoiteça.

— Sim. Eu lembro.

— E se — diz Kareem, com um sorrisinho — aquilo acontecer de novo esta noite?

— O quê? Incendiaram prédios! Roubaram lojas. O Bronx estava pegando fogo!

Kareem ri.

— Mas depois de todos os roubos, descobriram o hip-hop.

Ergo a sobancelha e faço uma careta.

— Pô, tô falando sério! — Ele ri de novo. — Pelo visto eu era o único prestando atenção naquele documentário que você *fez* a gente assistir.

— Ah, tá bom. Dizem que a TV educativa é uma das melhores formas de manter nossa mente afiada para a faculdade. Além disso, meu limite para anime esgota rápido. Planejo fazer filmes sérios. Do tipo que ganha prêmios e vira tema de muitos artigos.

Kareem revira os olhos.

— Enfim... se não fosse pelo apagão, aqueles caras não teriam roubado aqueles toca-discos. E aí nunca teriam dado todas aquelas festas. E a gente não teria hip-hop hoje em dia. Então... talvez alguma coisa boa vá surgir desta vez também. Aquele tipo de magia só acontece no escuro.

Nos encaramos, e eu me coço de vontade de me debruçar nele. Só por um momento. Só para me sentir segura... mas me contenho, o rosto queimando.

— Hm. Aquele apagão durou mais de vinte e quatro horas — digo, olhando o relógio.

— Não esquenta. A gente vai voltar pra casa antes disso — diz Kareem, ficando de pé.

Era com isso que eu estava preocupada.

Ele olha para o celular pela bilionésima vez, de testa franzida.

— Ô, por que você fica olhando o celular? — pergunto. — Pensei que estivesse sem bateria. Era por isso que precisava do meu, não?

Ele grunhe.

— Está com dois por cento. Por que você tá de olho em mim?

— Só procurando honestidade, é isso.

Kareem arregala os olhos.

— Honestidade? O que você tá tentando dizer? Que não sou honesto com você?

Dou de ombros.

— Você que tá dizendo.

— Pô, eu nunca menti pra você. Nem uma vez!

— Mentiu sobre aquela festa.

— É sério isso? Todo esse seu showzinho é por causa daquela festa? Ainda esse assunto?

— Só tô dizendo que se você tá tentando ligar para *ela*... Sabe, né, aquela que você arrumou segundos depois da gente terminar... é só dizer!

Kareem joga as mãos para cima.

— Quer saber? Foda-se. Não vou deixar você me pintar como o cara escroto que mentiu e traiu. Mas já que você quer fazer barraco, tudo bem! — Ele respira fundo. — Tô ligando pra casa de repouso da Vozita. Pronto, tá feliz agora?

— Vozita?

— É. Ela tem medo de escuro. Desde o...

— Apagão — completo a frase, fechando os olhos com força.

Droga, mas é claro!

— É! E minha mãe tá com os gêmeos, então não tem ninguém além de mim para ficar de olho nela. Vozita tá sozinha e não quero que pense que a gente esqueceu dela! Por isso tô andando rápido. Preciso ver como ela tá antes da festa.

A avó dele estava no apagão dos anos 70. É por isso que ele era tão interessado em toda essa história.

Putz, quem tem memória ruim é ele, não eu.

Vozita cuidava da gente depois da escola quando éramos pequenos. Ela não gostava que ficássemos sozinhos, nem por algumas horas. Inventava todo tipo de brincadeira depois da lição de casa, para que a gente não ficasse grudado na televisão. E quando minha mãe chegava do turno, Vozita não me deixava ir para casa sozinha, embora eu morasse a apenas quatro casas de distância.

Ela sempre ia andando comigo, obrigando que Kareem e eu fôssemos de mãos dadas para não nos perdermos.

Ela deve estar tão assustada...

— Ok, só... espera um segundo — digo e me afasto, pegando meu celular. — Oi, mãe.

— Oi, querida. Como está indo?

— Tô... bem. Escuta, você pode me fazer um favor? Pode ir até a casa de repouso da Vozita? Kareem tá muito preocupado com ela. Ela tem medo de escuro.

— Ah. Claro, tudo bem. Vou tentar ir até lá e te mando notícias. Quando desligo, Kareem está estalando os nós dos dedos.

— Minha mãe vai passar na casa de repouso.

Ele fica boquiaberto.

— O quê? Sério? Ela faria isso?

— Sim. Por que não?

— Porque a gente não tá... juntos.

Dou de ombros.

— Não é porque terminamos que esqueci como a Vozita é importante pra você.

Kareem assente, o rosto indecifrável.

— Ah. Bom... valeu.

— Tranquilo.

Nos encaramos por alguns segundos até que ele desvia o olhar e pigarreja.

— Hm. É... a gente deveria ir pela Broadway.

— E esbarrar em todas aquelas pessoas na Times Square? Não, a gente deveria andar até a rua 11 e descê-la todinha.

— Você quer andar por uma terra de ninguém no meio de um apagão? Não, a gente não vai ser assaltado hoje.

Mordo o lábio enquanto a paciência dele diminui.

— Mas...

— Olha, dá pra confiar em mim? Uma vez na vida?

— Como assim? Eu confiei em você.

Ele balança a cabeça, se afastando em silêncio.

Mas eu sigo.

Exatamente como previ, há um caos enorme no centro da cidade — o lugar onde todos vêm ver a bola descer na véspera do ano-novo ou olhar para os enormes outdoors brilhantes. Desta vez, as pessoas estão de pé com os celulares apontados para o céu, registrando uma visão rara: a Times Square escura.

— Uau — diz Kareem, rindo, enquanto passamos pela multidão.

— Ô, nunca vi uma coisa assim! Olha, todas as telas estão apagadas! Isso é irado!

Tomo fôlego e sigo, empurrando cotovelos, pulando carrinhos e passando ao lado daquelas cadeiras vermelhas dobráveis de metal que espalham pela Times Square para os turistas. A maioria deles está de pé nas cadeiras, tirando fotos, espantados.

Kareem para num pequeno espaço vazio perto da bilheteria da Broadway na frente das arquibancadas de vidro que geralmente brilham em vermelho. Uma vez, Kareem me trouxe aqui no Dia dos Namorados porque sabia o quanto eu amava ser desenhada por um artista de rua. Ele até me comprou rosas. Me pergunto se ele lembra disso...

Pode parando. Ele nunca lembra de nada.

— A gente não deveria estar andando? — pergunto, doida pra sair da multidão.

Gente de mais, ar de menos.

Kareem olha para cima com um sorrisinho.

— Tá vendo, garota, esse é seu problema. Você não sabe viver o momento.

— Hã? Claro que sei!

— Desde o primeiro ano, você sempre esteve preocupada com o que vinha depois — continua ele, ainda olhando para cima. — Se perguntando o que a gente ia comer no almoço antes mesmo de o café da manhã ter terminado. Gastou todo o ensino fundamental pensando em qual seria nossa escola de ensino médio, e o ensino médio, pensando na universidade. Você nunca aproveita o que tá na sua frente.

Ele olha para mim e sorri. O tipo de sorriso que costumava me derreter. Agora, o sentimento é... desconfortável. Porque esse sorriso não me pertence mais.

— É você que tá me pressionando para chegar a tempo naquela festa.

— É, mas a gente tá, tipo, vivendo a história. Coisas assim só acontecem uma vez na vida e você nem para um pouco pra olhar. Olha. Pra cima.

Kareem coloca o dedo indicador debaixo do meu queixo e o aponta para cima. O céu é de um azul escuro e estamos engolidos pelas sombras dos arranha-céus. Em qualquer outro dia, ficar aqui seria como estar sentado dentro de uma lâmpada. Mas hoje à noite cada outdoor, cada luz e marquise estão desligadas e quase dá para sentir o mundo inteiro girando devagar. É como se

estivéssemos parados no centro do universo, esperando pelo Big Bang.

— Uau — murmuro.

— Te falei! Foda, né?

Posso sentir um sorriso tomar conta do meu rosto enquanto rimos juntos.

— Cara, não sei por que você tá tentando ir embora mais cedo pra essa faculdade tão longe. Não tem lugar no mundo como a nossa cidade. Você sabe que vai sentir falta.

Contraio os lábios, o sorriso sumindo.

— Ninguém vai sentir minha falta.

— Quem te falou essa mentira?

Pisco, virando o pescoço para ele.

— O quê?

Os faróis iluminam o rosto dele, que continua em silêncio, inexpressivo. Mas seus lábios... seus lábios estão me chamando, e eu estou resistindo. Mente e coração brincando de cabo de guerra. Porque mesmo que eu queira beijar Kareem, isso não muda o fato de que ele não é mais meu.

— Eu... Eu preciso ir ao banheiro — digo.

— Aff! Não dá pra segurar?

— Cara, nós estamos no meio da cidade e ainda temos que percorrer quilômetros! Você espera que eu prenda o xixi por todo esse tempo?

— Caramba — grunhe ele. — Quer agachar num beco ou o quê? E assim, Kareem volta a ser um babaca.

— Tem um McDonald's na rua 42 — respondo. — Vamos lá.

— Ok, mas a gente pode ir mais rápido? Já passou das sete e meia. Falei pro Twig que estaria lá às nove e a gente nem chegou na ponte ainda.

Fico sem fôlego, como se o ar tivesse sido arrancado de mim.

Está tudo bem. Os metrô estão funcionando quando chegarmos na ponte. Não surta.

— Bom, você é que tá parado admirando telas apagadas — solto, me virando de repente e colidindo com um homem de pé em uma cadeira vermelha.

— Ahhh! — ele grita, tombando, e eu caio junto, quase batendo a cabeça no concreto... mas Kareem me segura pela cintura e me levanta.

— Eita! Tudo bem?

Suspensa no ar, olho para ele e então para seus braços, tonta.

— Hm, sim, sim, estou bem — digo, tentando me soltar.

Ele não é meu, repito sem parar, me forçando a esquecer como foi bom estar nos braços dele de novo.

— Ei! — o homem diz do chão. — Você quebrou meu celular!

Ele senta com o celular na mão, a tela despedaçada. *Caramba!*

— Desculpa, eu não vi...

— Você é cega? Não consegue ver uma pessoa bem na sua frente?

— Ei, não fala com ela assim — ruge Kareem. — Foi um acidente, relaxa!

O homem se levanta, limpando a poeira das calças.

— Então, é você ou sua namoradinha que vai pagar pela minha tela?

Kareem entra na minha frente, encarando o homem.

— Cara, eu não vou pagar merda nenhuma. E ela também não.

— Bom, um de vocês vai ter que pagar. Vocês não podem quebrar as coisas dos outros e ir embora.

Kareem zomba:

— Falando desse jeito, você só pode ser turista.

— E foi um acidente — eu grito e me viro para Kareem. — Vamos embora, esse cara tá doido.

— Tá bem, então, vou chamar a polícia.

— Irmão, você tá falando sério? — rosna Kareem. — Olha o que você tá dizendo. A gente tá no meio de uma emergência de verdade. Eles estão um pouquinho ocupados agora.

Uma multidão começa a nos cercar enquanto eles discutem, um monte de celulares prontos para gravar qualquer coisa que aconteça. Estaremos por todas as redes sociais antes que o apagão termine. E se nossas faculdades virem isso e nos expulsarem antes mesmo que a gente tenha oportunidade de começar?

— Kareem, vamos embora — imploro, puxando o braço dele.

— Não, você não vai a lugar nenhum — diz o homem, dando um passo na nossa direção.

— Ou o quê? — berra Kareem na cara do homem. — Vai tentar nos segurar?

O homem hesita, como se estivesse avaliando suas opções. E Kareem não tem intenção de recuar. Então uso uma cartada da época do fundamental, quando ele estava sofrendo bullying dos babacas no bairro: seguro a mão dele entre as minhas e o puxo para perto de mim.

— Kareem — peço, delicadamente. — Por favor. Vamos embora.

Kareem desvia o olhar do homem e olha para mim. Neste momento, somos nós de novo. Palavras ditas pelo mais simples olhar. E embora seja injusto com o meu coração já confuso, é a única maneira de mantê-lo focado em mim.

Kareem assente, hesitante, segurando minha mão. O homem grita atrás de nós enquanto nos afastamos pela multidão. Não paramos até chegarmos à esquina da rua 42 com a Broadway. E damos de cara com o McDonald's fechado.

— Droga — resmungo.

Kareem olha para nossas mãos e solta, pigarreando.

— Hm... tem outro banheiro naquela biblioteca grandona da Quinta.

— Você acha que ainda tá aberta?

— Eles não iam fechar a biblioteca. Isso é tipo, contra a lei ou algo assim.

— Tá. Vamos tentar.

— Espera — diz ele, apontando para uma placa na esquina com os dizeres “SORVETE DE GRAÇA” escritos com setas. Um sorriso se espalha no rosto dele.

— Kareem, não...

Mas é tarde demais. Ele corre pelo quarteirão e desaparece em uma loja lotada. Espero do lado de fora, apoiada numa placa de sinalização. Mesmo anoitecendo, não esfriou nem um pouco e tem um milhão de pessoas nas ruas. Estou surpresa que não desmaiamos ainda.

Olha, dá pra confiar em mim? Uma vez na vida?

Não consigo tirar aquelas palavras da cabeça. O que o fez dizer aquilo? Por que ele acha que nunca confiei nele? E depois de tudo o

que aconteceu, ele não provou que eu estava certa em não confiar?

— Agora sim! — Kareem surge com dois copos. — Bolo de sorvete com biscoitos e morangos para a velhinha. Feliz, hm, aniversário adiantado?

— Uau. Valeu — digo. — Você lembrou.

— Claro.

Seguimos depressa pela rua 42, passando pelas lojas, restaurantes e pelo Bryant Park. Quando chegamos à Biblioteca Pública de Nova York, meu sorvete virou quase um milk-shake.

— Ei, vamos acabar de tomar antes que derreta... aí entramos pra usar o banheiro — digo.

— Belê — concorda Kareem.

Nos sentamos nos degraus de concreto da frente, entre as gigantes estátuas de leão, olhando para o trânsito na Quinta Avenida. Parece que as únicas luzes funcionando na cidade são de carros, caminhões e táxis.

— A gente não deveria comer alguma coisa primeiro? Tipo, almoço ou jantar de verdade? — Dou risada, tirando o plástico do topo do meu copo. — Vozita nos mataria se soubesse que estamos aqui comendo sobremesa antes dos vegetais.

— O que eu vivo dizendo? Isso é besteira, é melhor comermos a sobremesa primeiro — diz ele, enfiando a colher. — Hmm! Mesmo meio derretido, é uma delícia.

Coloco a colher na boca, aproveitando o geladinho e a perfeita combinação de coberturas de sorvete que inventamos juntos num verão. Será que ele já tomou isto com a Imani? Sério, fico imaginando todas as coisas que eu fazia com ele e que agora ele faz com ela.

— Meu pai vai casar.

Chocada, quase derrubo minha colher.

— Quê? É sério?

— É. — Kareem suspira, balançando a cabeça, mas sorrindo. — Em janeiro. Ele vai viajar, casar fora. Me chamou para ser o padrinho. Tô surpreso que sua mãe não tenha te contado. Sei que ela conversa com a minha.

Minha mãe segue à risca a regra de não falar do Kareem, mas essa era uma fofoca que ela deveria ter contado!

— Como a sua mãe está lidando com isso? — pergunto.

— Ela está... irritada. Ou *estava* irritada. Não falou com ele na colação de grau. Mas eu entendo.

— E... como você se sente?

Ele massageia a nuca, respirando fundo.

— Bom, no início eu só pensei... você se muda, coloca uma bateria nova nas costas e usa toda essa nova energia na pessoa errada. Queria que ele tivesse tentado, tipo, tentado de verdade, com a minha mãe. Não só por ela, mas por mim e pelos gêmeos. Falei isso pra ele... porque eu não tinha nada a perder, né? Não é como se ele pudesse me expulsar de casa sendo que nem mora lá.

— Uau — respondo. Kareem é a última pessoa a dizer exatamente o que se passa na cabeça. — E o que ele respondeu?

— Disse alguma coisa tipo: “As pessoas se distanciam, mudam. E não dá pra lutar contra a mudança. Querer impedir alguém de mudar é uma luta contra si mesmo. Só dá para aceitar e amar a pessoa nas condições dela. E se não conseguir, precisa deixá-la ir, pro seu próprio bem”. Acho que entendo. Enfim, a gente conversa agora. Tipo, como se fôssemos amigos. Ele me dá conselhos

sobre... coisas. A namorada dele é bem maneira. Eles viajam, tiram fotos bregas, malham juntos... parecem melhores amigos. Tô feliz pelo cara. Meio que queria que a gente fosse assim antes. Tipo, quatro anos atrás quando ele foi embora.

Kareem ri. E é bom vê-lo tão... feliz. Ele e o pai estavam distantes desde o fundamental, quando a briga começou. Tento ignorar a dor rugindo na minha barriga, o ressentimento. Era eu quem deveria estar lá enquanto ele passava por tudo isso, não Imani. Mas aí eu penso... por que eu não estava lá?

— Você falou a verdade mais cedo? — pergunto. — Que acha... que eu terminei com você?

Devagar, Kareem tira a colher da boca.

— Não foi isso que você fez? — murmura ele. — Praticamente me enviou uma carta estilo *Querido John*.

— Acho que... Bem, deixa pra lá.

Ele arqueia a sobrancelha.

— Não, fala.

— Pensei que você... tinha terminado comigo.

— O quê? — Kareem cospe. — Como? Eu nem disse nada.

— Por isso mesmo, você nem disse nada. Só leu minha mensagem.

— Então por que você não disse nada?

— Porque não! — Golpeio meu sorvete com a colher. — Você foi naquela festa. Sem me contar.

— Pô, eu tava esperando há séculos alguém me deixar entrar. Pensei que você fosse entender.

Faço que não.

— Você estava procurando uma desculpa. Sempre quis ir para todas aquelas festas.

— É! Porque eu gosto de música! Não é culpa minha se você não gosta de multidões.

— E falei como me sentia em relação àquela garota.

— E falei que você não tinha com que se preocupar. Estou com *você*! Quero dizer... estava.

Respiro fundo. A dor do “estava” atinge a minha garganta.

Kareem fica de pé e começa a caminhar de um lado a outro no degrau de baixo.

— Você por um acaso leu aquele lixo de mensagem antes de enviar? — continua ele. — Todo aquele surto por causa de uma festa? Valeu a pena? Foi o meu primeiro trabalho remunerado como DJ! Pensei que você fosse ficar feliz por mim! Ainda mais porque a gente estava sempre fazendo o que você queria. Mas não, você me chamou de mentiroso e traidor sendo que eu *nunca* te traí nem menti. E só comecei a namorar ela depois que você me largou!

— Pela última vez, eu não te larguei!

— Você parou de falar comigo! O que você esperava que eu fizesse?

— Você poderia ter levantado a bunda da cadeira, andado um quarteirão, batido na minha porta como fez um milhão de vezes desde que éramos crianças, e falado comigo. Era o seu dever como meu namorado!

Kareem para na minha frente e se inclina para mim, olhando nos meus olhos.

— Tammi, meu único dever era te amar. Você tá dizendo que eu não fiz isso? Se tá falando em obrigação, então qual era a sua?

Meu coração bate na garganta. Não quero ouvir isso. Não quero ter essa conversa. Não quero falar sobre amor ou sobre qualquer outra coisa. Acabou! Não existe ele e eu, não existe nós, só ele... e ela.

— A gente... a gente tem que ir — digo. — Você tem aquela festa hoje, né?

Kareem abre a boca bem quando um sem-teto passa por nós, subindo a escada e correndo até uma das portas da biblioteca. Ele tenta abrir, mas está fechada.

— Merda — dizemos Kareem e eu. — E agora, o que a gente faz? — resmungo. — Não vou fazer xixi numa droga de beco!

Kareem contrai os lábios antes que seus olhos desçam até os meus pés.

— *Ughhhh!* Você e seus malditos cadarços!

Sigo o olhar dele. De tão acostumada com eles desatados, nem percebi.

Ele se ajoelha, os dedos trabalhando rápido.

— Por que você compra tênis se não consegue amarrá-los direito? — Ele bufa. — Cara, o que você ficou fazendo todos esses meses sem mim? Provavelmente tropeçando nos próprios pés. Tô surpreso que você não tenha quebrado um braço ainda.

Ele termina de amarrar meu cadarço esquerdo e passa para o direito. Eu flexiono meu pé instantaneamente, sinto o tornozelo mais confortável, seguro. Talvez pela primeira vez em meses.

— Obrigada — digo, gentilmente.

Kareem congela, como se as palavras causassem algo dentro dele. Devagar, ele descongela, os ombros relaxam, as mãos se movendo com delicadeza dos meus cadarços para trás da minha

panturrilha direita, os olhos focados nos meus sapatos. Então, ele encosta a testa na minha pele nua e inspira.

Olho a cabeça dele de cima, meu coração bate forte. Desejo me mexer, correr do toque dele, mas ao mesmo tempo estou desesperada para ficar no escuro com ele assim... para sempre.

Kareem vira a cabeça, deixando a bochecha descansar na minha perna.

— O que aconteceu com a gente? — sussurra.

E, pela primeira vez, eu não tenho certeza.

TODAS AS GRANDES HISTÓRIAS DE AMOR... E PÓ

Dhonielle Clayton

Biblioteca Pública de Nova York, 20h03

Algumas histórias são contadas melhor no escuro. Não apenas as assustadoras com uma perseguição no meio da floresta. Ou as de mistério em que vários suspeitos estão presos na mesma casa. Mas até histórias de amor podem brilhar quando as luzes se apagam.¹

Passo pelas portas do Astor Hall na biblioteca. Uma corrente de pessoas inunda a rua, seus rostos cheios de pânico pelo pôr do sol que se aproxima e pela escuridão que está prestes a tomar a cidade. Mas não posso esperar para ver. Duas pessoas estão sentadas ao lado de um dos leões de pedra do prédio, e não consigo parar de observá-los. Quando eu era pequena, vovó me trazia aqui e nós cumprimentávamos ambos, e ela sussurrava que o par de leões — Paciência e Fortitude — protegia os livros da biblioteca de todo o mal. Eu encarava a convencida da minha avó, sempre perguntando por que alguém iria querer fazer mal aos livros, e ela me dava uma piscadela, me lembrando que as histórias que contamos podem ser perigosas.

O garoto se abaixa na frente da garota que parece ter a minha idade, as tranças dela tão grossas quanto as que eu tirei na semana passada, e sua pele quase do mesmo tom de marrom que a minha. Me pergunto se ela tem sardas como eu. Ela olha para o garoto com estranheza, como se tivesse uma pergunta para fazer, uma pergunta como a que carrego dentro de mim.

Me faz pensar se já há uma história de amor entre eles. Ou espaço para uma. E se um dia eu posso ter isso também.

— Rápido, antes que peguem a gente. — Meu melhor amigo, Tristán, acena para que eu entre no Centro Infantil.

Corro atrás dele quando começam a descer manualmente as portas externas e terminam de fechar a biblioteca mais cedo por conta do apagão. O metal chia.

Nós entramos na sala escura na ponta dos pés.

— Lana, só admita que está perdida. Não estou tentando dormir aqui e nem a pau vou perder a festa do Twig por causa da nossa aposta. — Tristán bate no meu braço. — Eu disse pra ele que seria o MC — diz ele com sua voz de podcast. — Não posso decepcionar meu parça.

— Poderia ser tipo *From the Mixed-up Files of Mrs. Basil E. Frankweiler*, mas tipo, a edição na biblioteca — provoco. — Uma festa do pijama.

— O quê?

Ele não lembra quantas festas do pijama costumávamos fazer. Como ele ronca e fala enquanto dorme desde o jardim de infância.

— Lemos esse livro no quinto ano. O professor Ahmed passou.

— Não tenho a mesma memória que você.

Aceno para ele com meu último caderno de recortes.

— Se você refletisse mais e documentasse as coisas, talvez tivesse.

— *Ou* se eu tivesse nascido com uma memória de gênio como você, elephantita.

Tristán tenta tocar o lenço retrô com estampa de elefante que amarrei em volta dos cachos presos. O suor empapa as pontas e eu tato os grampos que o mantêm no lugar. Sinto minha franja começar a ficar volumosa; receita certa para o desastre. Esse look retrô não vai durar até a festa. Má ideia. Julho arruína os looks. Desamasso a parte da frente do meu macacão. Mas preciso que tudo seja perfeito esta noite. Tem que ser.

Respiro fundo e finjo odiar como ele me chama de elephantita por toda a nossa vida — tudo por causa da minha supermemória, da qual os professores e bibliotecários não conseguem parar de falar. Era sempre um elefante novo ou coisa assim todo aniversário ou Natal. Meu quarto está cheio. Pequenas lembranças dele por toda parte, garantindo que eu nunca esqueça.

— Eles têm mesmo boa memória?

— Quem?

— Elefantes.

— É o que todo mundo diz.

— Quem é *todo mundo*?

— Você tá agindo de um jeito engraçado.

Eu o chuto.

— Sua cara parece engraçada.

— As mulheres não reclamam. — Ele tira a minha perna do caminho. — Muito magricela! Nem tente!

Dou um golpe lateral nele enquanto examinamos a sala. Tristán abre o aplicativo da lanterna. O brilho faz a pele negra dele ficar perfeita. Somos gigantes passando por todas as cadeiras e mesas pequeninas. O odor da onda de calor entra, se misturando com os cheiros de papel e tinta e poeira e cola da biblioteca. Quase tudo está suando, se isso é possível.

— Ainda não terminei — digo, entrando em outro corredor de livros.

— Pague. Eu ganhei. Vamos embora. Precisamos chegar ao Brooklyn. Twig está esperando. — Ele olha para mim por cima da estante, o triunfo se instalando no canto de sua boca. — Você está demorando demais.

— A festa só começa depois das dez. Temos tempo. — Corro meus dedos pelas lombadas pequeninas dos livros. — Você está tentando segurar o jogo. Está assustado.

Eu o encaro, embora Tristán não possa me ver totalmente.

— O tempo já acabou. Fomos a *três* livrarias e agora estamos aqui prestes a ficar presos na biblioteca, e você ainda não escolheu nada. — Ele me persegue. — E está quieta demais.²

— Será que não consegue me ouvir falando com você *agora*?

Dou a volta no corredor e cruzo o caminho dele, estendendo as mãos para empurrar seu ombro. Tristán é tão maior que eu. Verão passado ele olhava direto no meu rosto, seus olhos castanhos profundos sempre desafiadores, e agora ele é trinta centímetros mais alto.

— Você entendeu o que eu quis dizer.

— Não entendi... me explica.

Tristán me contorna.

— Tem algo acontecendo. Pode me contar.

— Você está paranoico. — Me afasto dele.

Meu celular acende.

Outra mensagem da minha outra melhor amiga, Grace. Está perguntando se eu já contei a *coisa* para ele.

Não posso. As palavras estão todas desordenadas dentro de mim.

— Isso é porque você está indo embora? Tudo vai estar aqui quando você voltar.³ — Tristán tira mais alguns livros das estantes, apoia o celular de pé para iluminá-los e folheia as páginas. — Eu vou ajudar você e o seu pai com a mudança para seu dormitório superchique na Columbia antes de ir para Binghamton. Relaxa! Posso sentir você surtando.

— Não estou. — Mentira. — Para de me distrair. Você é um trapaceiro.

— Beleza, pede revanche. Sei que você quer. Estou pronto para a choradeira. Ponha a culpa no apagão, Lana.

— Cala a boca. Você está com dor de cotovelo. Está é com medo de que eu ganhe.

— *Eu* geralmente ganho.

— Se você diz — retruco. — Continue mentindo.

— Você não cansa de tentar ganhar de mim?

É um jogo entre nós dois. Cada hora uma aposta sobre quem pode fazer o quê melhor.

Aos seis anos, quando a família dele se mudou para a casa ao lado, Tristán bateu na minha porta e disse: “Aposto que posso andar de bicicleta mais rápido que você”.

Nenhum *oi* nem *olá*, nem mesmo um *hola*. Nenhum *Somos seus novos vizinhos* ou *Acabamos de nos mudar para cá de Miami*. Não. Ele só me deu o bolo *tres leches* que a mãe fez e me desafiou.

Aos onze, ele quase se afogou numa piscina pública depois de dizer que aguentava segurar o fôlego por mais tempo.

Aos catorze, assistia inteirinho ao mais assustador filme de terror já feito, mas fingia que não tinha que dormir com as luzes acesas.

E hoje, aos dezoito, é *isto*: Qual é o melhor livro já escrito?

Mas quando Tristán perde, ele distorce a coisa toda para parecer que ganhou. Essa é a parte favorita dele. Tem sempre uma história que dura mais que a aposta.

Tristán vive pela conversa fiada.

Aperto meu livro de recortes com mais força no peito. As páginas estão quase pulando para fora, o elástico frágil mal segura tudo junto.

— Para de tentar trapacear.

Ergo meu celular, o feixe de luz iluminando milhares de pequenas lombadas enquanto eu vou até os fundos da sala. Tento focar. Tento não deixá-lo entrar na minha cabeça. Tento não me distrair com tudo que prometi que contaria a ele hoje.

— Precisamos voltar para o Brooklyn. Twig está me mandando mensagem. — Tristán vira a tela do celular para mim. Tem um monte de notificações, algumas de Twig, algumas de diferentes meninas enviando emojis de coração e carinhas sorridentes. — Ele fica dizendo que não pode mais contar comigo pra nada.

No início do verão, o pai de Tristán mandou ele e a irmã para morarem no Bronx. Depois que a mãe deles morreu no ano passado, não conseguiram manter os mercadinhos e precisaram

ficar mais próximos das tias e da avó para que elas pudessem ajudar com a pequena Paloma. Agora, nós nos encontramos aqui. Meio do caminho entre Bed-Stuy e Mott Haven. Mas todo mundo na vizinhança antiga sente falta dele. Tristán é do tipo que deixa um buraco por onde passa.

— Você ainda está com o meu microfone na sua casa? — pergunta ele.

— Sim, pela centésima vez. — O equipamento de podcast dele ainda está debaixo da minha cama, onde ele deixou. — Mas uma aposta é uma aposta.

Ele aponta a luz para os murais da sala, imagens coloridas da cidade de Nova York destacadas por papel de parede brilhante.

— Você vai *mesmo* escolher um livro de criança? — Tristán junta seus dreads em um rabo de cavalo. — Essa é sua ideia de melhor livro já escrito?

— Se você gosta de ler, é graças aos livros infantis. — Analiso as prateleiras em busca de *Mufaro's Beautiful Daughters*, de John Steptoe, ou talvez pegue *Honey, I Love*, de Eloise Greenfield, ou *The People Could Fly*, de Virginia Hamilton.

Fui feita para esse desafio. Meu pai é um autor famoso, seus livros sobre política e relações raciais estão na vitrine de qualquer livraria, e papai é um terapeuta que usa os livros para desbloquear os problemas das pessoas. Além disso, minha avó lia para mim em noites de verão como esta. Nós nos enrolávamos no canto da janela do meu quarto com meu irmão mais novo, Langston, e a cada página virada, ela reclamava do barulho da cidade e de como sentia falta de sua pequena biblioteca no Haiti, de quando era criança.

Meu sobrenome francês não deveria ser Beauvais. Deveria ser *Livre* ou *Mots* ou algo que seja traduzível em *livros* ou *palavras* ou *história*.

Ele não vai ganhar de mim.

— Me respeita.

— Você não vai ganhar. — Tristán morde o lábio e aperta a mochila no peito, onde escondeu sua escolha. — Precisamos sair daqui em, tipo, trinta minutos. Os trens não estão funcionando e os aplicativos de corrida estão congestionados. Acabei de olhar e há uma espera de quarenta e oito minutos para conseguir um carro. Então precisamos de uma margem de tempo.

— Não vamos perder a festa. Relaxa — digo.

— Não podemos sair daqui no último minuto sem metrô funcionando. Vai lembrar da hora, elefantita?

— Claro. — É só uma festa, é o que quero dizer.

— É melhor mesmo. Não posso perder a festa só porque você está toda esquisita aí, como se já tivesse superado o ensino médio.

— Você está louco. Eu nem gosto de você.⁴

Meu coração está batendo num ritmo esquisito e tudo indica que não vai se acalmar. Todas as memórias amontoadas no meu cérebro. Todas as preocupações sobre o que vai acontecer se não pudermos passar o verão juntos. Todos os medos sobre o que vai acontecer ano que vem quando estivermos em dois lugares diferentes.

Tudo isso está deixando minha cabeça confusa. Não consigo pensar na nossa última aposta, não consigo arranjar uma estratégia para ganhar dele.

Não foi assim que imaginei esta noite.

Era para ser o início de um novo caderno de recortes. Um novo conjunto de memórias. Um novo conjunto de momentos maravilhosos para reviver na minha cabeça infinitas vezes. Um novo conjunto de fotos para ilustrar e colar ao redor das minhas palavras.

Torno a apertar o caderno de recortes antigo no peito, as extremidades escorregadias por causa das minhas mãos úmidas.

Vovó disse que este seria um verão de novas histórias. Aventuras. Magia. Até romance. Que a Cidade Luz ia me ensinar muito sobre mim mesma, que me daria primeiras vezes extraordinárias, que me ajudaria a encontrar uma história para escrever. Que Paris me ofereceria o suficiente para encher uma centena de cadernos de recortes. Que ela tinha negócios inacabados lá e que me mostraria como terminar algo que alguém começou.

Essa viagem... este verão parece que vai ser um divisor de águas.

Mas agora, presa nesta cidade escura, nesta biblioteca escura, me pergunto o que significará para nós.

— Então que horas devemos ir embora, elefantita? — pergunta Tristán.

Repito exatamente o que ele me disse e digo a ele o tempo estimado que levaremos do Bryant Park até Bed-Stuy, considerando que o trânsito vai estar uma bagunça por causa do apagão.

Ele faz cara feia.

— Ainda bem que você se lembra.

Eu zombo.

— Você é apressado.

— *Responsável.*

— Ok, sr. Responsável.

Posso sentir o sorriso dele.

— O quê?

— Acho que você quer me comprar novos fones de ouvidos. Preciso de um que funcione melhor com meu microfone. Esse será o meu prêmio. — Tristán dá um empurrãozinho no meu ombro. — Um bom presente de despedida para a nossa última aposta de verão. — Ele tenta espiar os livros que estou tirando das prateleiras. — Já que você vai me deixar aqui e tal.

— Você enlouqueceu?

— Com quem vou discutir quando você for embora?

— Keisha.

Ele bufa e me corrige:

— Kelly.

— Ah, desculpa. Garanto que um dia vou acertar o nome de todas elas.

— Parei de falar com ela na semana passada.

— Não era inteligente o bastante? Ah, espera, não, me deixa adivinhar... mau hálito ou dentes tortos?

Minha pulsação acelera. Tem sempre uma garota atrás de Tristán Restrepo. Elas vêm e vão, uma atrás da outra. Ele é o garoto mais inteligente, mais alto e mais charmoso do bairro. Bom, era do bairro, morava na casa ao lado da minha, esperava por mim todas as manhãs. Ele sempre foi o meu vizinho que fala besteira — e melhor amigo. Mas não sei o que vai ser de nós quando passarmos o verão separados e formos para faculdades diferentes no outono.

— Ela não tinha mais o que fazer. Sempre me esperando. — Tristán suspira. — Mas de volta à aposta... se você ganhar, o que é improvável, o que vai querer? Vou ter que arrumar antes de você ir

para o aeroporto amanhã. Agora provavelmente está tudo fechado por causa do apagão.

— E se não for uma coisa que você precisa comprar? — quase sussurro.

— O quê?

— Ainda não vou te dizer.⁵

Quase posso ouvi-lo pensando, tentando descobrir o que eu posso querer. Tristán é sempre tão arrogante, acreditando que sabe o que estou prestes a dizer.

— Vou te comprar um cartão-presente daquele spa que você sempre menciona. Pra você depilar o bigode.

— Se eu tenho bigode, já estou melhor que você.

Faço um biquinho para ele e coloco os livros de volta na prateleira.

— Faça as sobrancelhas de novo então. Ou uma micropigmentação.

— E o que você sabe sobre micropigmentação?

— Sabe a Magdalena Cruz? Ela estudava cálculo com a gente ano passado. Ela fez esse negócio.

Olho para ele.

— Como é que você sabe disso?

Tristán sorri.

— Chutei.

Reviro os olhos.

— A garota nova que acabei de conhecer é metade guianense. Faz toda semana. Sobrancelha fica escura pra caraaaamba.

Meu coração aperta.

— Outra menina. Claro.

— Não posso fazer nada se as garotas me adoram. Sou popular. Mas ela é legal. Você vai gostar. É amiga da prima do Seymour.

— Tanto faz.

— Tanto faz o quê?

— Você está sempre com alguma crush.

— Coração grande. Tanto amor... — Tristán mostra a língua — ... para dar.

— Enquanto eu estiver fora, você vai conhecer uma menina e pronto, vai ficar caidinho por ela. Você venderia sua casa toda para fazer uma garota feliz.

— Tudo menos o retrato da minha mãe. — Tristán pega um relicário dentro da blusa, o beija e faz o sinal da cruz. — E é você quem nunca gosta de ninguém.⁶ — Tristán dá uma batidinha na mochila, onde seus livros estão. — Apenas desista, garota.

Ele coloca as mãos quentes nos meus ombros. O toque inesperado me faz tremer, como se de repente fossem diferentes das mãos que conheço a vida toda. As mesmas mãos contra as quais travei guerras de pedra, papel e tesoura. As mesmas mãos que me afundaram na piscina. As mesmas mãos que estavam úmidas quando agarravam as minhas nos filmes de terror. As mesmas mãos que segurei dia e noite no hospital, vendo a mãe dele morrer.

Mas tudo está tão diferente. Como se fosse haver um antes e um depois de eu dizer a *coisa*. Como se não fosse ter mais volta depois que as palavras saírem. Como se fosse criar uma fissura na memória permanente de nós dois — um nós que fomos e um que seremos.

Esta noite parece uma nova história entre nós.

— Não tão rápido. — Agarro a camisa dele e o puxo para fora da sala. — Agende a corrida, e quando chegar aqui, estarei pronta.

— Para onde vamos agora? — reclama Tristán enquanto o arrasto pelas escadas do térreo ao primeiro andar. — O aplicativo diz que o carro estará aqui em vinte e oito minutos.

Nos esquivamos pela escuridão. A música tilintante das minhas bijuterias ecoa. Eu não deveria ter usado tantas esta noite. Os arcos de mármore branco do Astor Hall se curvam acima de nós. Pequenos círculos de luz dançam no teto, e parece que estamos presos em uma grande caverna.

— É lindo, não é? — Olho para cima, embora já tenha visto mil vezes. Mas nunca desse jeito. Acho que amo isto aqui ainda mais na escuridão.

Lembro como o barulho das pessoas andando ecoava pelo hall. O silêncio é lindo.

— Você está prestes a ver todo tipo de mármore. Arcos e coisas assim na Europa. — Tristán debocha.

— Você tem um gosto terrível. Não sabe apreciar isto aqui. Nunca soube.

— Só não ligo pra essas coisas chiques que nem você. Nossa biblioteca em Bed-Stuy nunca foi boa o suficiente. Você sempre me arrastava até aqui.⁷

— É o meu lugar favorito na cidade inteira. Você sabe disso.

— Eu sei. Vim aqui nas últimas duas semanas só para ver essa sua cara feia.

Não viro para mostrar uma verdadeira cara feia para ele quando começo a subir. Há tantas histórias aqui. Sempre pareceu que talvez

todas as palavras nos livros vazassem de alguma forma, escorressem pelo metal, pela madeira e pelo mármore, tornando o lugar mágico. Um lugar que os amantes dos livros frequentavam, um lugar onde contadores de histórias e escritores nasciam, um lugar onde nada mais importava a não ser o e se...

— Com licença. Vocês dois... PAREM aí! — soa a voz, seguida da luz clara da lanterna. — O que estão fazendo?

Tristán ergue a mão para bloquear a claridade.

— Ok, beleza. — Ele sorri e sussurra para mim. — *Falei* que isso ia acontecer.

— A biblioteca fechou há horas. Vocês não têm autorização — diz o homem branco de rosto vermelho, erguendo o celular, com certeza para chamar a polícia.

Dou um passo à frente de Tristán.

— Desculpe, senhor, eu deixei minha mochila no segundo ou terceiro andar. Não consigo lembrar bem. Mas estávamos procurando por ela em toda parte.

— Vai ter que pegá-la de volta amanhã, quando a biblioteca reabrir — rosna ele.

— Mas minha carteira e todo o resto está lá dentro. Minhas chaves. Não vou conseguir ir pra casa neste apagão — minto.

Ele coloca as mãos na cintura como se estivesse irritado com a gente.

— Vou buscar.

— Mas você não sabe como ela é.

— Descreva.

Dou uma descrição incompreensível.

Ele faz uma careta.

— Está bem, mas *e/e* — gesticula para Tristán — pode esperar comigo.

— Preciso dele — choramingo.

Tristán segura um risinho e dou uma cotovelada nele.

— Tenho medo de fantasmas — completo, e dou piscadelas como se fosse indefesa e não pudesse andar no escuro sozinha.

Um homem sem calças passa correndo pela gente.

— O que esse maluco tá fazendo aqui? — O guarda começa a gritar, apontando sua lanterna.

Corre atrás do cara, deixando nós dois sozinhos.

Corremos na direção oposta, nos esgueirando pela Gottesman Gallery vazia para nos esconder atrás das enormes colunas de pedra.

— Você não tem medo de nada⁸ — diz Tristán, ofegante. — Quase nos fez ser presos.

— Tá com medo? — Escorrego minhas costas pelo mármore frio e sento no chão. — Abra o aplicativo da lanterna de novo.

Ele senta ao meu lado.

— Não estou com medo.

— Tá bom. — Toco um dos seus dreads macios e ele pula. — É o velho medo-do-escuro...

— Cala a boca.

— Você ainda tem aquela luz noturna de tartaruga?

Tiro minha sandália huarache e deixo meus pés suados respirarem. Uma bolha começou a se formar no meu dedinho.

— Donatello está vivendo a melhor época de sua vida. Para com esse ódio. — Tristán recua quando ouvimos um barulho distante. — Você acha que há *mesmo* fantasmas aqui?

— Provavelmente. É onde eu quero viver depois de morrer — respondo.

— Você disse que ia me assombrar — Tristán me lembra.

Quando tínhamos doze anos, Tristán apostou que conseguiria conjurar a avó através de uma tábua Ouija que encontramos em uma daquelas lojas de artigos religiosos, tipo a Botánica Santería. Acendemos todas as velas do altar de oração da mãe dele e nos salpicamos com água de florida e sálvia. Esperamos pelos espíritos por cinco horas. Falei que nenhum viria. Ganhei, e ele teve que fazer meus deveres de casa por uma semana.

Mas, em vez disso, Tristán contou para todo o sexto ano que conhecemos o Biggie Smalls naquele dia.

E acreditaram. As pessoas acreditam em tudo.

— Vamos esperar para ter certeza de que ele não vai voltar — digo.

— Isso é desculpa porque seus pés estão doendo.

Agito uma sandália na cara dele.

— Pés fedidos também — diz ele.

— Cheiram como rosas. Melhores dedos que já existiram. Olha esse dedão sexy pra caramba aqui. E a pintura de bolinhas é superlegal. — Tento tocá-lo com meus pés, mas Tristán se encolhe.

— Você ficaria com mais garotas se gostasse de pés.

— Ou eu seria um tarado esquisito. Como você chama aqueles homens no metrô.

Tristán ia para a escola e voltava para casa de metrô comigo todos os dias, mesmo depois que passamos da idade de nossos pais nos levarem. Sua presença, mesmo quando éramos pequenos,

afastava esse perigo em nosso caminho do Brooklyn para o Upper West Side.

Me esparramo no chão. Ele se deita também, nossas cabeças lado a lado. Um de seus dreads acaricia a minha bochecha. Não o afasto. Ergo meu celular, a luz suave encontrando os mostradores de vidro da exibição. Um pôster anuncia AS MELHORES CARTAS DE AMOR DA LITERATURA. Deixo a luz sobre pôsteres das cartas debaixo de painéis de vidro.

— Lembra quando você escreveu uma carta para a Nella no nono ano?

Posso senti-lo sorrir na escuridão.

— Foi a melhor que ela já recebeu — diz ele.

— Só nos seus sonhos.

— Sou eloquente.

Não posso discordar. Tristán conseguia usar seu charme para sair da detenção ou mudar um B para um A nas provas. Todos os professores do Stacey Abrams o adoram. Ele daria um ótimo apresentador de programa de rádio um dia.

Começa a ler uma carta de amor com sua voz séria de locutor entrando no ar:

— *Eu quase desejo que fôssemos borboletas e vivêssemos três dias de verão... três dias assim com você eu poderia preencher com mais prazer que cinquenta anos comuns poderiam conter.* — A voz dele é de um grave bonito e profundo. Lembro quando tinha aquele agudo de menininho. — O Keats tinha lábia. Provavelmente fez a Fanny enlouquecer.

— Talvez.

— Você morreria por cem cartas assim.⁹ Nem finge que não.

— Sei lá. Vovó ganhou uma carta de amor em maio. Bom, na verdade, um e-mail de amor, e então uma tradicional chegou. É por isso que vamos a Paris.

Tristán se vira para mim.

— Você só está falando por falar? Pô, isso é incrível. Vovó ainda está podendo.

— Cala a boca! — Eu o empurro.

— Quem mandou?

— Supostamente um grande amor dela. Um homem com quem ela pensou que fosse se casar no Haiti. Ela tinha dezoito anos. Disse que ele foi seu primeiro verdadeiro amor. E que foi para Paris trabalhar e nunca mais voltou. E foi um dos últimos desejos de uma de suas melhores amigas, tia Althea, que vovó fosse vê-lo.

— Uau. Vovó está prestes a ficar comprometida. Faz tempo que o vovô faleceu. E agora, a melhor amiga dela se foi também. Ela deve estar solitária.

Lembro do rosto negro e caloroso do meu avô: as rugas ao redor dos olhos, sulcos profundos e pequenos sorrisos, o cheiro do cachimbo no bolso da blusa, o jeito que a boca se movia enquanto ele passava de francês ao crioulo e vice-versa. Parece que sua partida foi há apenas alguns segundos.

Tristán brinca com meu bracelete.

— Você está bem?

Ouçó a preocupação na voz dele. Tristán veio comigo toda semana para ver o vovô enquanto a memória dele se tornava vacilante, sumia, não importava quantos cadernos de recortes vovó e eu fizéssemos para ele.

Faço que sim.

— Mas imagine ter que escrever uma carta toda vez que quisesse falar com alguém. Tipo, como as pessoas começavam a se gostar de verdade ou se amar e a coisa toda?

Reviro os olhos.

— A arte das cartas de amor é real.

— A Nella não achava — rebate Tristán.

— Porque Nella é queer — digo. — Você sempre achou que todo mundo gostava de você desse jeito.

— Deveriam — ele se gaba.

— E por quê? — provoco.

— Sou bonito, inteligente e um homem renascentista.

Finjo ânsia de vômito. Eu estava presente quando ele aprendeu esse termo, há três verões. A mãe dele nos levou para os museus de arte da cidade logo antes de ficar doente *pra valer*. Ela tentou nos ensinar a apreciar a arte para que quem sabe Tristán pudesse levar seu talento de desenho e pintura ao próximo nível. Nós passamos por toda galeria, olhamos cada pintura ou esboço ou escultura, e colecionamos pequenos cartões-postais do máximo de obras de arte que conseguimos. Tristán fez tantas perguntas que um professor perguntou se ele planejava ser um homem renascentista — uma pessoa que queria saber todas as coisas e ter todos os talentos. E foi justamente isso que Tristán passou o verão tentando fazer... e me arrastando junto.

— Você nem consegue soletrar isso — zombo.

— Ah, *consigo*. Eu só amo o *amor* e sou homem suficiente para dizer isso.¹⁰

Aponto minha lanterna para outra carta emoldurada. Depois que a mãe faleceu, Tristán disse que seu coração estaria partido para

sempre. Sempre pensei que fosse por isso que ele não gostava de ficar sozinho. Ou ele estava ajudando o pai em um dos mercadinhos deles, ou ajudando a irmã caçula a fazer alguma coisa, ou na casa ao lado, esparramado no meu sofá... ou com uma das muitas garotas com que ele ficava como se fosse um rodízio.

O celular dele recebe uma notificação.

— O carro vai estar aqui em dezessete minutos, elephantita. Precisamos nos apressar.

O pânico dispara por mim.

— Talvez eu devesse escrever uma carta de amor para essa nova garota. Ela é bem à moda antiga. Pior do que a Fatima era.

Ranjo os dentes e tento não deixar meu estômago revirar.

— Fatima me *odiava*.

— Fatima odiava qualquer um que fosse mais próximo de mim do que ela. Teria odiado a Paloma, se não fosse minha irmã de nove anos.

— Ela seria suas calças se pudesse. Muito apegada.

— Ainda tem alguém aí? — grita uma voz da entrada do hall.

Nós ficamos paralisados.

Feixes de luz iluminam o lugar.

— A biblioteca está fechada.

Esperamos que a pessoa vá embora antes de sentar.

Balanço os pés para calçar as sandálias.

— Você está prestes a perder. Prepare-se para pagar — sussurra Tristán.

Vamos até o terceiro andar na ponta dos pés, passando por murais ilustrando a história do mundo. Eu costumava perturbar a

vovó com minhas perguntas sobre como tudo aconteceu. Puxo Tristán para a Sala de Leitura Rose.

As janelas arqueadas deixam entrar o crepúsculo, revelando os tesouros da sala: longas mesas de madeiras com abajures, ladeadas por fileiras e mais fileiras de estantes, chão com piso vermelho com caminhos de mármore e lustres. Lembro de ser uma garotinha de pé no centro da sala pela primeira vez, apertando meu diário e minha caneta contra o peito e dizendo que queria ser escritora, que teria um livro que poderia morar aqui.

Carrinhos com livros. Tristán começa a olhar cada um, procurando entre eles conforme passamos.

— Chato... — Ele ergue um. — Racista. — Aponta para outro. — Sem sal. — Empurra um terceiro do caminho.

— Aposto que o livro que você escolheu é *sem sal* — provoco.

— Até parece. Mas saiba que é hilário. Um ótimo livro deve te fazer rir. É parte do trabalho dele.

— Ou chorar — completo, passando por entre as mesas.

Alguém deixou os próprios livros para trás. Reviro a pilha. Tem de tudo, desde os que fomos forçados a ler na escola até aqueles que meu pai ama, de romance a fantasia estranha. Me pergunto o que a pessoa estava pesquisando quando deixou todos esses livros aqui. Talvez fossem difíceis demais de levar para casa no escuro? Abro as capas e vejo o mesmo nome escrito a lápis: Eden Shepard. *Por que você os deixaria aqui?*

— Ou pensar. — Tristán pega um deles e balança na frente do meu rosto. — É assim que você gosta que seus homens fiquem?

Um romance com um homem sem camisa me encara.

Reviro os olhos e o afasto.

Tristán faz barulho de beijos.

— Quer arranjar um cara branco assim em Paris? Pierre? Gustave? Pepe? Talvez você dê seu primeiro beijo.

— Já fui beijada antes.¹¹

— Não, um beijo de verdade *de verdade*. Tipo, bom. — Ele finge segurar e beijar alguém. — Quando te beijam você reclama. Então aqueles não contam.

— Caras franceses também têm uma reputação. Ouvi dizer que são bons amantes — me gabo. — Além disso, já falo francês.

— Você sabe que os colombianos são os melhores.

— Zoraida diz que vocês são todos cachorros.

— Zoraida é uma hater. Ela teve um namorado diferente a cada semana ano passado. Quase terminou levando dois caras ao baile. — Tristán coloca o livro de volta na mesa. — Lembra do Chris...

— Aff, lá vai você.

— Você falou com ele por tipo cinco minutos... e ele se vestia como se estivesse se preparando para uma enchente.

— E todas as garotas que você namora são supermodelos por acaso?

— Não, ninguém disse isso. — Ele ergue outro livro de romance da pilha de descartados e tenta reencená-lo, segurando a estante como se fosse uma mulher. — Nenhum livro de romance pode ser o melhor já escrito.

— Beleza, esnobe. São alguns dos livros mais vendidos de todos os tempos. Essas senhoras fazem dinheiro. Vovó adora. Provavelmente lê dois por semana. E se meu livro for uma história de amor?

Tristán zomba.

— E o que é que você sabe sobre amor? Nunca teve namorado... ou namorada, ou seja lá o que for. Como vai escrever sobre isso?¹²

— Como é que você sabe disso?

— Sei tudo sobre você.

— Não, não sabe.

Ele ri.

— Tá bom, Lana. Esse é o jogo que vamos jogar nos quinze minutos que faltam?

Dou as costas a ele.

— Enfim, estou ocupada. — Corro os dedos por mais lombadas.

— E tenho uma imaginação fértil. O suficiente para escrever uma história de amor.

— Você sempre diz isso. Mas nunca dá uma chance a ninguém.

— Por que deveria? Já que você fica por aí tentando bancar o casamenteiro.

Não olho para ele.

— Vai ter uns caras legais na festa hoje à noite. Todos vão dar em cima de você. Última chance de tentar antes de todo mundo ir embora. Confia em mim.

— Tanto faz — digo, tentando não olhar para ele.

— Você está com medo — provoca Tristán.

— *Não estou*. Só é muito barulhento. — Dou as costas a ele.

— Como assim?

— Tipo os meus pais. Eles são tão barulhentos. Como o amor deles. Você sabe como minha casa é. — Penso em colocar meu caderno de recortes na mesa, mas o aperto no peito como se o peso dele pudesse desacelerar meu coração.

— Seus pais estão sempre caidinhos um pelo outro.

— Nojento. — Bufo.

— Ou lindo.

— Langston também odeia.

— Ele está indo para o último ano agora; é claro que odeia. —
Tristán segura outro livro. — Eles têm uma ótima história de amor.
Não se conheceram em uma livraria?

Eu dispenso a lendária história de amor dos meus dois pais. Seu encontro fofo em uma livraria, suas viagens pelo mundo, a barriga de aluguel que eles contrataram para ter meu irmão e eu. Tudo perfeito. Nada pode se comparar. Muito menos eu. É o tipo de amor que acontece uma-vez-na-vida. Eu já visitei cada livraria em cada bairro desta cidade, e ninguém apareceu para me convencer.

— Eu tenho outras coisas para fazer.

— Desculpinhas.

— Nem todo mundo precisa estar atrás de alguém o tempo todo. Eu não tenho medo de ficar sozinha. — Assim que as palavras saem, me arrependo. Sinto o olhar dele mesmo no escuro. — Não foi o que quis dizer... eu...

— Foi, sim. Você disse.

Meu coração acelera.

— Você acha que estou sendo pressionado.

— Não, não acho. Você está distorcendo minhas palavras.

— É normal querer estar com pessoas. É normal gostar de conhecer outras pessoas. Nem todo mundo fica bem sozinho. Você está me julgando por isso.

— Você está colocando palavras na minha boca.

— Ai, tá bom. — Tristán se afasta.

O luar ilumina sua mandíbula apertada de irritação.

Meu coração dá cambalhotas. Eu não quis irritá-lo. Não quis falar aquilo. Não quis insinuar que tem algo errado com ele. Não estava nos planos. Não foi como eu imaginei contar ao meu melhor amigo a verdade.

— Então qual o problema? — pergunta ele.¹³

As palavras não se formam. Tristán vaga até o outro lado da sala. Ombros curvados e passando as mãos no cabelo como faz quando está irritado.

Anda, Lana, digo a mim mesma. Fala alguma coisa. Qualquer coisa.

Grace manda mensagem de novo. A mesma pergunta aparece para mim.

Você contou?

Abandono meu plano de usar um romance... mas talvez uma boa história de amor seja a única maneira de tentar contar para ele. Minha mente passa por todas as possibilidades como se fosse um daqueles catálogos antigos provavelmente guardados em uma das salas dos fundos aqui.

Uma lanterna corta a sala. O barulho de chaves e passos pesados.

Nós dois congelamos.

— Tem alguém aqui? — pergunta a voz. O segurança.

Prendo a respiração. Tristán não diz nada.

Esperamos que o som dos passos do homem desapareça. Olho para a mesa de livros descartados e avanço. Procuo entre a pilha, encontrando *Se a rua Beale falasse*, de James Baldwin. O livro que meu pai chama de uma das maiores histórias negras de amor. O conto agri-doce de Fonny e Tish, amigos de infância que planejam

ficar juntos, mas cujos planos vão por água abaixo quando Fonny é preso e acusado de um crime que não cometeu.

Meu coração aperta.

— Peguei — digo a Tristán.

— Que bom, elephantita. O carro estará aqui em onze minutos.

Prendo a respiração até que ele se vire e me encontre. Pequenas auréolas de luar dançam sobre as mesas e o chão. Tudo está tão estranho. A cidade está tão escura, tão vaga. Nas primeiras horas, tudo parecia preso embaixo de um cobertor, um pouco mais quieto e parado, como se a cidade tivesse escrito uma nova história para si. A caneta parando para pensar pela primeira vez.

Sentamos num ponto que não pode ser visto da porta, encontrando um feixe de luz.

— Você primeiro — diz Tristán, a voz ainda permeada pela raiva.

— Não. Vai você.

— Não, melhor fazer o que sempre fazemos com nossas apostas.

Sento aqui, meus dedos tamborilando na capa grossa do livro, tentando ganhar uma aposta que parece maior que todas as outras que já fizemos.

Ele abraça a mochila e espera.

— Você tinha tanto a dizer antes, e agora nada.

Inspiro fundo e entrego o livro a ele. Tristán examina a capa e então o vira para ler a contracapa.

— Meu pai me fez ler este. — Quase suspiro.

— Mas essa não é uma história triste? Ele vai preso ou algo assim. Eles não têm que esperar para ficar juntos? — As sobrancelhas de Tristán se erguem de dúvida.

— Sim. É agri-doce. Ele é levado embora por um tempo, mas ela o ama tanto que não sai do lado dele. Não deixa de amá-lo nem por um minuto. — Minha voz está vacilante.

Meus olhos começam a se encher de lágrimas. Saio da luz, me inclinando para a escuridão ao nosso redor para que ele não possa ver. Pego meu caderno de recortes de novo.

Tristán lê o primeiro parágrafo do livro e então me entrega para que eu leia o segundo. A memória muscular de como éramos quando crianças volta para mim, nossas pernas negras entrelaçadas no canto da minha janela. Paro depois de uma frase — *Conheço ele desde sempre, e espero que continue assim* — e olho para ele.¹⁴ Quero contar, mas as palavras ficam presas na minha garganta.

— É lindo — admite Tristán. — Me lembro da história agora. — Ele abre a mochila. — Você está pronta para esta obra de arte... para este esplendor... para o melhor livro que já existiu?

— Sim, Tristán — respondo, engolindo o bolo na garganta.

— Feche os olhos.

— Não. O que você está aprontando?

— Só feche, vamos lá. — Ele coloca a mão grande e quente no meu rosto, forçando meus olhos a fechar. — É parte do clima. Vou ler para você. A magnificência do livro precisa ser experimentada assim.

— Tá bom, Tristán. Você age como se tivesse a voz do James Earl Jones ou do Barry White.

Ele pigarreia.

— Você vai engolir essas palavras quando eu for famoso. Meu podcast será o mais ouvido no mundo inteiro. Pode esperar.

— Se você diz.

Ouço o livro se abrir.

— *Eu sou Sam. Sam eu sou. Que Sam-eu-sou! Que Sam-eu-sou!*

Abro os olhos.

— Está falando sério?

Ele sorri.

— *Eu não gosto de Sam-eu-sou! Você gosta de ovos e presunto?*

O enorme livro laranja e verde do Dr. Seuss esconde o rosto dele.

Eu puxo o livro para baixo.

— Por que você está brincando?

— Não estou. Acho que este é o livro perfeito.

Sinto minha própria cara feia.

— Mas por quê?

— É engraçado. Boa paleta de cores. Nunca esqueci as palavras.

— Tristán ergue o dedo. — É o teste de um bom livro. Os versos grudam na cabeça.

— Tristán.

— O quê?

— Sério?

Ele coloca a mão no peito.

— *Sério!*

— O Dr. Seuss fez desenhos racistas. — Reviro os olhos. — Tipo, desenhos horríveis de pessoas negras e asiáticas. Foi ruim, péssimo. Ele tentou consertar, mas tipo...

— Caramba, eu não sabia disso. — A voz dele fica séria. — Não tenho tempo de escolher outro.

Ele me mostra o celular: no aplicativo de corrida um carrinho abre caminho pelo trânsito para vir nos pegar.

— Então você ganhou esta aposta.

— Você vai me deixar ganhar? Não é assim que a gente faz.

— Eu *nunca* deixaria você ganhar, mas... beleza... você ganhou.

— Tristán ergue o *Se a rua Beale falasse*.

— Ah, sério?

— Sim. *Rua Beale* é melhor com certeza. Então o que você quer?

Escolha seu prêmio. O que eu te devo?

— Você não está falando sério. — Suspiro profundamente.

— Estou, sim. Vamos lá. O que você quer?

Tento não morder o lábio enquanto reúno a coragem para dizer o que realmente quero. O calor do olhar dele esquenta minhas bochechas. Não me viro para olhar para ele. Fixo o olhar nos livros acima de sua cabeça.

— Você está prestes a pedir algo ridículo e gastar o meu dinheiro.¹⁵ Sei disso. Ainda vou receber. O dinheiro das aulas só cai na terça, e eu devo o estúdio...

— Não quero nada que custe dinheiro — quase sussurro.

— O quê? — Tristán bate no meu braço.

— Ai! — Eu massageio o local de cara amarrada para ele.

— O que você quer? — Ele me força a olhá-lo.

Todo o meu corpo treme.

— Tenho uma pergunta.

— Você está de sacanagem.

— Não estou.

Ele estreita os olhos.

— O que é? Você não pode querer isso. Acabou de ganhar... de lavada, na verdade. — Um dos dreads dele cai no rosto, e me pergunto quão longos eles vão estar quando eu voltar de Paris ou

se ele vai cortar e ser uma pessoa diferente. — Você ama ganhar.
Não pode querer só uma pergunta.

— Quero, sim. — Meu coração bate forte.

— Você está estranha.

— Não estou. — Minha pulsação acelera.

— Fala logo então. O carro já vai chegar aqui. O Twig está me enchendo de mensagens.

— Deixa pra lá. — Uma ânsia agita o meu estômago. Foi uma má ideia.

As mãos dele encontram meus ombros.¹⁶

— O que foi?

Meus olhos lacrimejam. Balanço a cabeça e afasto o medo. Meus sentimentos começam a se desenrolar.

— Acha que poderia...

O celular dele recebe mil notificações. Passo os olhos por elas.
Tristán remexe o nariz.

— Eu poderia o quê?

— Acha que poderia algum dia me amar do jeito que amou elas?

A confusão toma conta de seu rosto.

— Elas quem?

Abraço meu caderno de recortes com força.

— Todas as garotas de quem você sempre fala.

— Você é minha melhor amiga.

— Sei que você gosta... me ama. Mas... tipo...?

Ele arregala os olhos — uma mistura de surpresa e não sei...

— Ah. — É tudo o que ele diz.

— Deixa pra lá. Esqueça o que eu falei.

— Não dá pra simplesmente esquecer uma coisa assim, Lana.

— Tranquilo... está tudo bem. — Viro de costas pra ele.

Tristán pega a minha mão.

— Para...

A voz dele fica séria. Não há mais riso.

— Não quero mais jogar esse jogo. — Estou segurando as lágrimas, prestes a correr para fora daqui.

Ele me puxa.

— Você não pode dizer algo assim e fugir.

— Você não sente isso por mim... tudo bem. Só me solta. Esquece o que falei. De qualquer forma, preciso ir para casa e fazer as malas. Vejo você quando voltar...

— Por que você não me beija então? — pergunta ele.

A pergunta é como fogos de artifício entre nós.

— Oi? — Procuro os olhos dele, me perguntando se é verdade ou se ele só está sendo legal. Me viro para ir de novo.

Tristán me segura.

— Só espera... diz o que você precisa dizer.

— Tenho medo. — Minha voz falha.

— De quê?

— Tudo — sussurro.

Ele pega meu caderno de recortes.

— Não...

Mas não tento impedir quando ele tira o prendedor e tudo se abre, se expondo... e me expondo. Páginas lotadas de fotos de nós e de todas as coisas que fizemos neste verão. Ingressos de cinema, fotos instantâneas, listas do que planejamos fazer antes que eu fosse embora, transcrições do podcast dele.¹⁷

Ele abre e fecha a boca várias vezes. Tristán Restrepo, o garoto que sempre tem algo dizer, que tem milhares de ouvintes, que nunca segura seus sentimentos, não consegue encontrar as palavras.

— Que lindo, Lana.

Ele olha para mim, o castanho de seus olhos brilhando.

Não consigo sustentar seu olhar.

— Você lembra de tudo. — A mão dele encontra minha bochecha.

— Elefantita.

Meu estômago aperta.

— Sempre amei como seu cérebro funciona. Lembra quando fizemos globos de neve no sexto ano?

Balanço a cabeça, com medo de falar e acabar vomitando. Não é assim que se diz que ama uma pessoa.

O nó aperta ainda mais meu estômago.

Tristán sorri para as nossas fotos. O contorno de sua boca é lindo ao luar.

Respiro fundo e abro o peito. Fala logo. Acaba com isso. Você não pode ir para Paris sem contar a ele.

— Acha que poderia *me amar* me amar? Ou *gostar* de mim assim?

O celular dele recebe uma notificação, anunciando a chegada iminente do carro.

Não foi assim que eu planejei isso na minha cabeça, não era assim que eu queria que tudo fosse documentado no meu caderno de recortes, nem como narrei pra Grace. Eu queria pensar nesta noite e me lembrar do quanto fui corajosa, clara e confiante ao falar,

de como fui mais como ele e menos como eu ao articular meus pensamentos e sentimentos.

— Vocês dois! — O segurança está na porta, a lanterna nos cegando. — Fora daqui. Agora.

Ele nos leva até a saída dos funcionários. Seus gritos de ameaças ecoam na escuridão, mas só consigo ouvir os batimentos do meu coração.

Corremos para a rua. Está escura e assustadora. Me aproximo de Tristán e ele se aproxima de mim.

Sou inundada por memórias.

Aos sete anos, de mãos dadas na plataforma do metrô com nossos pais a caminho da escola.

Aos nove anos, lado a lado caminhando para o hospital para visitar a mãe dele quando ela recebeu o diagnóstico.

Aos doze anos, enrolando a língua em frente ao espelho enquanto ele me ensinava a pronunciar os “r”s em espanhol para que eu não fosse reprovada.

Aos quinze anos, virando a noite lendo *Orgulho e preconceito* para que ele escrevesse uma redação decente de literatura.

Aos dezessete anos, ombro a ombro em frente ao túmulo, vendo a mãe dele ser enterrada.

O motorista liga para Tristán, que o direciona à esquina.

— Você está pronta?

— Não.

Mordo o lábio para evitar tremer. Luto contra as lágrimas fervilhando lá dentro.

Não foi assim que planejei contar que sou apaixonada por ele desde sempre. Não foi assim que prometi a Grace que contaria.

Os olhos dele analisam meu rosto.

— De todas as coisas que você lembra, não consegue somar dois mais dois e saber o quanto eu te amo? Não percebe que sempre foi você?

— O quê? — Uma lágrima escapa do meu olho. — Eu nunca pensei...

Antes que eu possa terminar, as mãos dele estão nas minhas costas, e seu lábio toca meu pescoço, minha orelha e minha bochecha, até que ele me beija. Seu beijo acaba com todas as preocupações. Sua língua responde a todas as perguntas. Seu calor é mais quente que a onda de calor na cidade.

— Sempre te amei, mas nunca pensei que você teria espaço para me corresponder — ele sussurra. E me beija de novo.

Paramos para respirar.

Não consigo evitar um sorriso.

— Você vai se lembrar disto?

— Para sempre.¹⁸

1. A verdade: Eu nunca vivi uma história de amor. Apenas 1 entre 562 pessoas encontra o amor. Supostamente. Li isso ontem e adicionei ao meu caderno de recortes sobre relacionamentos. Recorto histórias de encontros e casamentos que são publicadas no jornal. Mas acho que encontrar o amor é tão raro quanto encontrar flocos de neve iguais.

2. A verdade: Tenho uma coisa pra te contar. E não sei como, então tenho mentido. Quando meu pai faz seu papo terapêutico, ele diz que as pessoas mentem por três motivos: (1) porque temem as consequências negativas da verdade, (2) porque querem que as outras pessoas acreditem em algo sobre elas que não é verdade e (3) porque não querem ferir os sentimentos de alguém. Mas o que acontece quando esses sentimentos são os seus próprios?

3. A verdade: Será que vai mesmo? Ou você vai encontrar outra menina que preencha o espaço que eu vou deixar? Sua memória é tão ruim. Não é episódica como a minha. Você vai lembrar de tudo como eu lembro? Vai relembrar como eu lembro? O que vai acontecer quando nós dois formos embora?

4. A verdade: Não sei mais como me sinto. Encho meu caderno de recortes e meu *bullet journal* com meus sentimentos: recortes de revista com palavras confusas, carimbos, tinta grossa espiralada nas páginas. Tudo reflete a minha mente e seus resmungos. Papai diz que escritores precisam desbloquear seus sentimentos para dizer a verdade na página. Mas o que acontece quando não é na página que você precisa abrir seu coração, quando você precisa dizer as palavras em voz alta?

5. A verdade: Ainda não sei se posso dizer as palavras em voz alta. Embora nossa regra de família seja: *Ninguém sabe ler mentes na casa dos Beauvais-Simmons*. Então palavras e sentimentos são despejados sobre pão de milho e *tchaka*. Mas não sei como fazer isso agora.

6. A verdade: Porque não sei como me permitir. Nem sempre foi assim. Como faz para gostar de alguém tão fácil? Você deixa suas partes duras amolecerem e espera que elas não se machuquem? Me pergunto como é ter esse tipo *real* de amor. A mão de outra pessoa entrelaçada na sua. A boca de outra pessoa colada na sua. Outra pessoa que quer estar enrolada em você.

7. A verdade: Eu só queria que tivéssemos aventuras juntos longe de qualquer um que pudéssemos encontrar por acaso. As pessoas que somos no Brooklyn não são as mesmas que somos em Manhattan ou no Bronx ou no Queens. Você acha que consegue ser uma pessoa totalmente diferente em um lugar diferente? Seu interior e seu exterior se transformarem em outro você?

8. A verdade: Exceto pelo que pode vir depois que eu te disser essa *coisa*. Tenho um armário cheio de medos secretos. Se você entrar e tirar as roupas da frente, há uma portinha escondida que dá para uma salinha escondida. Nunca te mostrei isso, apesar das milhares de vezes que você esteve na minha casa. Eu guardo no caderno de recortes todas as coisas que não quero que a luz da janela do meu quarto encontre. Todos os sentimentos que não entendo.

9. A verdade: Eu morreria por uma carta assim de você. Porque meu cérebro ia registrá-la. Cada palavra, a inclinação dos “e”s e as curvas dos “l”s ficariam costuradas na minha memória. Eu seria capaz de recitá-la para sempre.

10. A verdade: Fácil de amar. Meu pai acredita que as pessoas vêm com dois emocionais: fácil e difícil. Que há aquelas que se movem como a água sobre as pedras, suaves, deslizando, virando para a direita e para a esquerda. Não lutam contra a corrente. E há aquelas que se movem como lama, cheias de sedimentos e pedras e às vezes insetos, e a lama precisa de um pouco de água para se mover. Eu sou lama.

11. A verdade: Não consigo me concentrar quando beijada. Meu cérebro viaja para outros momentos. Momentos com ele.

12. A difícil verdade: Porque eu estive esperando...

13. A verdade: Eu acho que você não me vê.

14. A verdade: Ele quer me conhecer para sempre?

15. A verdade: Algumas garotas querem gastar o dinheiro dele. Elas veem como uma forma de *posse* sobre ele e de prova de amor. Mas ele poderia me oferecer até seu último centavo que eu não ia querer.

16. A verdade: Tudo está diferente agora. Até a textura de suas mãos familiares.

17. A verdade: Tudo o que fazemos juntos é uma memória que eu nunca quero esquecer. Cada piada, cada toque, cada experiência. Meu caderno se abre. Muito grande para comportar tudo o que ele é... tudo o que eu sou... tudo o que nós somos juntos.

18. Isso vai dar uma história muito boa.

A LONGA CAMINHADA

Quarto ato

Tiffany D. Jackson

Washington Square Park, 20h38

Descemos a Quinta Avenida em silêncio, Kareem andando devagar o bastante para não parecer que estou correndo para acompanhá-lo. As ruas estão cheias, todo mundo aparentemente andando na mesma direção, como se por instinto. Parece diferente e ao mesmo tempo igual estar com Kareem de novo. Ou com esta versão de Kareem. Este novo Kareem fala sobre seus sentimentos pelo pai, enquanto ainda lembra minha combinação favorita de sorvete. Quero contar a ele sobre todos os filmes e shows que vi nos últimos quatro meses. Mas não é como se ele estivesse voltando de uma longa viagem. Nós terminamos. Não sei se essas conversas ainda são permitidas. É possível que sejamos amigos de novo? É isso o que eu realmente quero?

Fazemos o caminho pelo meio da cidade até a Union Square, entrando no Village, chegando mais perto do centro. Perto da... ponte.

— Quanto tempo mais você acha que o apagão vai durar? — pergunto, sem me importar em esconder o pânico na voz. — Tipo, não pode durar a noite inteira, pode?

Ele dá de ombros, a cabeça em outro lugar.

— Talvez.

Começo a perguntar o que tem de errado, mas esse não é o meu papel. Ou pelo menos não acho que seja.

— Kareem, eu...

Meu celular vibra. Número desconhecido. Kareem olha e sorri.

— Ah, merda, é o Twig — diz ele, e aperta o autofalante. — E aí!

— Ô, mano! Onde você tá?

— Ainda no centro, mas andando — responde Kareem, checando as horas. — O que tá pegando?

— Nada. É isso que pega. Tô tentando dar a festa do verão e tudo tá conspirando contra. Só vem para cá o mais rápido possível. Valeu!

Clique.

— É. Ele não é muito de falar. — Dou risada.

— Esse é o Twig — confirma Kareem, antes de virar a cabeça. — Ei, tá ouvindo isso?

Música. Um baixo em algum lugar aqui perto.

Kareem me dá um sorriso malicioso e faz sinal naquela direção.

— Ô, vamos dar uma olhada no parque rapidão.

Não discuto. Quanto mais tempo a gente gastar em desvios, mais chances da energia voltar antes que seja tarde demais.

Passamos debaixo do grande arco branco da entrada do Washington Square Park. Quando tem energia, essa coisa emite uma luz branca brilhante que me lembra aquele grande e famoso

arco de Paris sobre o qual aprendemos na aula de história europeia. Leva a uma fonte enorme no meio do parque, cercada de bancos e grama. É aqui onde todos os estudantes da Universidade de Nova York e o povo do Village se reúnem. Mesmo com o apagão, o lugar está cheio, bandas tocando, partidas de xadrez no escuro, adolescentes andando de skate.

— Eca! Não acredito que as pessoas estão nadando nessa fonte nojenta — digo, observando uma mulher branca sentada com água até o pescoço na piscina turva.

— Quem pode julgar? Tá quente pra caramba aqui — rebate Kareem, rindo. — Ei, a Universidade de Nova York não era a sua primeira opção?

Esfrego as mãos no vestido.

— Hm, sim.

Quando eu queria ficar na cidade.

Quando eu ainda queria ser próxima dele.

Quando minha vida e todas as coisas que eu queria o incluíam.

Encontramos a fonte da música: um alto-falante portátil tocando “Is This Love”, do Bob Marley. Um pequeno grupo de hipsters dança e canta junto.

— Ahhhh, sim! Conheço essa música! É a música do seu povo!

Reviro os olhos.

— Mas é claro que os jovens brancos de dreads fumando maconha em um campus de universidade estariam tocando Bob Marley.

— Vamos lá — provoca Kareem em um sotaque jamaicano forçado enquanto dança, gesticulando para mim. — Você tá tentando dar uma rebolada?

— Garoto, para de brincadeira. — Dou risada.

Ele pega minha mão e me gira.

— Dançar um pouquinho não vai doer.

Me encaixo bem nos braços dele, e embora essa não seja exatamente uma música lenta, nos balançamos devagar, em nosso próprio ritmo. Instintivamente, meus braços sobem até os ombros dele. A pele de Kareem está suada e quente, as mãos agarram minha cintura... meu pescoço está queimando, o céu está girando e estou focando os pés dele, porque se olhá-lo nos olhos, eu sei, eu sei que vou beijá-lo. Os lábios dele roçam a minha testa, e meu corpo todo se arrepia.

Garota, o que você está fazendo?!

Dou um pulo para trás.

— Você tá bem? — pergunta Kareem, testa franzida, como se estivesse confuso com suas mãos vazias.

— Sim, tô bem — guincho, procurando uma distração.

Outro alto-falante está tocando uma batida de hip-hop do lado oposto da fonte. Um grupo de crianças começa uma rima, a multidão balançando a cabeça. Kareem também.

— Ô, de quem é essa batida? — ele pergunta pra um cara perto do alto-falante. — É foda!

Enquanto eles papeiam, a multidão cresce e eu tento respirar, agarrando a camisa dele. Muita gente. Gente demaaaais.

— Hm, vamos embora?

— Pera, um segundo — pede Kareem, virando para mim. — Posso pegar seu celular de novo?

Entrego para ele, que abre o Google, entra em uma página estranha de música e então pega o cabo auxiliar do alto-falante.

— Belê. Vamos ver o que vocês acham dessa!

Kareem coloca uma nova batida e a rima continua, a multidão curte o som, perguntando a ele sobre a música. A batida é suave, relaxada, serve para fazer um rap ou só para ouvir e entrar na vibe.

— Valeu, mano — diz ele para o cara operando o alto-falante. — Pode me mandar mensagem qualquer hora!

— Isso... foi massa, Kareem — elogio. — Você fez a batida no seu celular?

— Foi — diz ele, sorrindo. — Acho que eles vão vir me pedir mais batidas. Talvez me chamem pra tocar numa festa.

— Eu não sabia que você estava tentando... mesmo a carreira de DJ.

— Não *sabia*? Eu só falo disso.

— Sim, mas... não pensei que você estivesse falando sério.

O sorriso de Kareem desaparece instantaneamente.

— Bom, é. Estava. Meu pai até me convenceu a trocar minha graduação pra engenharia de áudio.

Então foi por isso que ele pôde se candidatar para o estágio. Ele trocou de graduação. E acho que isso explicaria por que estava tão a fim de ir a todas aquelas festas. Era mesmo por causa da música.

Kareem inclina o queixo na direção do prédio à nossa frente.

— Mas hein, o que te fez mudar de ideia sobre a faculdade daqui?

Olhando para a biblioteca da Universidade de Nova York, invento rápido uma mentira.

— E desperdiçar todo o meu dinheiro indo pra uma faculdade a apenas alguns quarteirões da casa da minha mãe? Não, valeu.

— É. — Ele suspira. — Mas ir pra qualquer faculdade custa grana, até mesmo as que são perto. É por isso que preciso do

trampo no Apollo. E todos os tramos como DJ que conseguir.

As que são perto? Então Kareem deve estar indo para a St. John com Imani. Ela esteve se gabando pela escola toda, dizendo que conseguiu uma bolsa integral. Ele quer o estágio para ir pra faculdade com ela... no meu lugar. Ele está sendo todo legal e flertando para me fazer desistir do estágio.

É como minha prima disse: “Ele é um cara bonito. Não dá pra confiar nesse tipo”.

— Por que viemos nesta direção? — pergunto, cruzando os braços. — A gente deveria ter ficado na Broadway.

Ele dá de ombros.

— Sei lá. Pensei que uma passada rápida aqui ia te ajudar a mudar de ideia. A não ficar nessa pressa toda pra fugir.

Finjo uma risada.

— *Rá!* Não tô fugindo.

Ele inclina a cabeça para o lado.

— Ô, você acha que eu não te conheço, mas eu te *conheço*, Tammi. Você só tá tentando ir embora mais cedo por causa do que aconteceu entre a gente.

Ele está aprontando alguma coisa.

Um nó se forma na minha garganta, a pele formiga. É um golpe que eu não estava esperando.

— Não é verdade. A Clark Atlanta sempre esteve na lista de faculdades que eu queria pra gente. Até preenchi a sua candidatura!

Kareem ri.

— Me deixa te perguntar uma coisa: você alguma vez pensou em como eu ia pagar por essas faculdades que você escolheu pra gente? Você tem pais para assumir empréstimos e tal. E eu? Você

sabe que minha família não tem condições de me mandar pra lugar nenhum.

Abro a boca para me defender, mas não tenho nada a dizer. Nunca, nem uma vez, pensei na logística de como iríamos para a faculdade juntos. Só foquei em chegar lá.

Ele faz que não.

— Você queria ir pra Universidade de Nova York. Era o seu sonho. Eu sabia que não conseguiria pagar uma faculdade dessas, mas ainda pensei que a gente estaria aqui, em Nova York... juntos.

— Bom, as coisas mudam! É óbvio.

— Nem tudo precisa mudar — diz ele.

Jogo as mãos para cima.

— Por quê, Kareem? Por que, depois de meses em silêncio, por que você tem tanto a dizer agora? Todo esse tempo você poderia ter vindo falar comigo, e agora vem me atacar.

Ele vem até mim e segura minhas mãos.

— Você me conhece. Não sou bom com palavras. Isso era com você! Mas tô falando agora. Por que agora não adianta mais?

Kareem se inclina, encostando a testa na minha. Prendo a respiração e uma voz dentro de mim diz: *Ele está certo, eu o conheço! Eu o conheço melhor do que conheço a mim mesma.*

— Não adianta mais? — ele torna a perguntar, se aproximando dos meus lábios, e o mundo começa a girar rápido.

— Kareem — arquejo, no momento que o celular vibra na minha bolsa, me trazendo de volta à realidade.

— É, hm, minha mãe.

Kareem se endireita enquanto coloco o celular no viva-voz.

— Ei, querida. Vocês estão bem? Estou com a mãe de Kareem na outra linha.

— Oi, Tammi! — diz a sra. Murphy. — Como é que vocês estão?

— Bem — respondemos juntos.

— Tudo certo? — pergunta Kareem.

— Kareem, você não lembra? Vozita se mudou para uma casa no Upper West Side na quarta-feira. Para ficar com a amiga dela, Pearl. Kareem bate na testa.

— Merda. Eu esqueci.

— Upper West Side? Acabamos de passar por lá!

— Eu sei, mas não se preocupe — diz minha mãe. — A Nella, filha de uma amiga minha, está lá visitando o avô e disse que ela está bem. Ajudando a manter os outros calmos.

Desligo o celular enquanto Kareem olha na direção de onde viemos.

— Devemos voltar? — pergunto.

Ele suspira.

— Não, a gente tá quase na ponte. E seu celular tá com trinta e cinco por cento. A gente precisa chegar no Brooklyn.

— Hm, ok.

A música fica distante enquanto vamos para rua 4 Oeste. Sempre imaginei a gente fazendo longas caminhadas aqui, mas como universitários. Agora... não sei mais o que quero. Tudo o que sei é que sinto falta dele, e embora este dia tenha que acabar, lá no fundo, não quero que acabe.

Assim que viramos na Broadway, um ônibus vermelho de dois andares entra e sai do trânsito, e eu vejo o motorista de relance.

— Ei! — grito, correndo pela rua, acenando muito.

Mas o ônibus já está passando pelo próximo semáforo, em direção a Chinatown.

Kareem me alcança.

— Eiiii! Aquele era o seu...

— Acho que sim. — Começo a rir, descrente.

— Caramba! A gente podia ter pegado uma carona! Quero dizer, pelo menos até a ponte.

Este dia está sendo uma bagunça do começo ao fim.

— Pelo visto, vamos continuar andando. — Suspiro, abanando o pescoço.

Caminhamos em silêncio de novo até que Kareem começa a rir.

— Ô, se eu não disse antes, valeu por me segurar com o cara lá na Times Square. — Ele me empurra com o ombro. — Com certeza não ia conseguir o emprego se tivesse socado ele.

Nossos olhares se encontram, e viramos o rosto, ansiosos. Parece que nós dois precisamos do estágio mais do que queremos admitir. O apagão nos uniu. Iria o estágio no Apollo nos separar?

SEM DORMIR ATÉ O BROOKLYN

Angie Thomas

Ônibus de dois andares, centro de Nova York, 21h07

Vamos começar pelos fatos:

Há quase dois mil quilômetros entre Jackson, no Mississippi, e a cidade de Nova York.

São necessários dois voos e uma corrida pelo aeroporto de Atlanta para chegar à cidade de Nova York.

O aeroporto de Atlanta é grande demais para se atravessar em uma “corrida”.

Há 2,9 milhões de pessoas em todo o estado do Mississippi.

Há 8,3 milhões de pessoas só na cidade de Nova York.

Mesmo em um apagão, Nova York não parece assim tão grande quando se está sentada ao lado do seu namorado e a quatro assentos de distância do seu crush.

O ônibus de turismo de dois andares desce por alguma rua lotada de Manhattan, passando por um parque com uma entrada em arco de pedra. De acordo com o motorista, o sr. Wright, esse é o Washington Square Park. Se não fosse por isso, isto aqui pareceria

qualquer outra rua de Manhattan para mim — arranha-céus ao redor, calçadas lotadas e ruas congestionadas.

A primeira coisa que penso quando chegamos em Nova York? Tudo é apertado demais.

Segunda coisa? Todo mundo vive ocupado.

Nem o apagão mudou isso. Minha turma inteira estava neste ônibus quando as luzes se apagaram. Imagina: doze alunos do ensino médio mais uma professora do primeiro ano em uma excursão escolar vinda do Mississippi. Ou melhor dizendo: doze alunos *negros* de uma “escola do interior” com sua professora branca, de vinte e poucos anos, quando um apagão atingiu a Grande Maçã.

Fato: os nova-iorquinos não chamam Nova York de “a Grande Maçã”, assim como o povo de Atlanta não a chama de “Hotlanta”. Mas alguns de nós, povo do Mississippi, o chamamos de “Da Sip”.

Todos surtamos quando a energia caiu. Entramos nas redes sociais e descobrimos que era na cidade inteira. Então nossos celulares explodiram com nossas famílias em casa perguntando se estava tudo bem. Meu pai, um típico homem negro do sul, ficou tipo, “Viu? Eu não confio nessa bagunça de Nova York. Eu sabia que não deveria ter deixado você ir”.

Meu pai tem uma relação *interessante* com Nova York. Veio aqui com minha mãe em 2003 para visitar o irmão mais novo dele, Graham, e rolou um apagão enorme na época. Meio irônico que eu esteja em outro agora. Até hoje, meu pai conta como ele e minha mãe estavam admirando a vista na ponte do Brooklyn e tiveram que voltar andando para o hotel em Manhattan por causa disso. Para completar, minha mãe estava grávida de mim. Tinha descoberto

uma semana antes. Meu pai diz que seus pés ainda estão calejados da caminhada.

“É a última cidade que precisa de um apagão”, ele sempre diz. “Não tenho medo de quase nada, mas não há dinheiro no mundo que me faça pisar em Nova York durante um apagão de novo.”

Nova York é meio bizarra mesmo com todas as luzes apagadas. Faróis dianteiros e traseiros brilham por quilômetros e quilômetros, são as coisas mais brilhantes ao nosso redor. As pessoas caminham pelas calçadas com a lanterna do celular acesa. Para mim, a parte mais esquisita disso tudo é que essa merda não para. No meu estado, um apagão é um bom motivo para sentar no quintal e não fazer nada, ainda mais num calor como o de hoje. Aqui, todo mundo arranja um jeito de ficar relativamente calmo e continuar se mexendo.

A professora Tucker não é uma dessas pessoas. A coitada está à beira de um colapso. Ela revisa a lista de chamada pela milésima vez, como se alguém tivesse fugido do ônibus.

— Rashad? — ela chama.

— Presente — responde ele, da primeira fila.

— Jazmyn.

— Aqui — diz minha melhor amiga, atrás de mim.

— Kayla?

— Aqui — respondo.

— Tre'Shawn?

— Aqui — diz meu namorado, ao meu lado.

Ele me dá um sorrisinho, provavelmente pensando: *quanto tempo mais até essa mulher ficar louca?* Quando acontecer, vai contar mais um ponto no bingo que temos no grupo da sala para toda vez

que a sra. Tucker faz algo bem *Karen*, ou seja, bem “mulher branca privilegiada”. Por exemplo, ontem de manhã. A gente tinha chegado no LaGuardia e estava entrando num ônibus de excursão para ir ao hotel quando a sra. Tucker perguntou ao nosso motorista latine de que país ele era. “Jersey”, respondeu ele. Mas ela insistiu: “Não, de onde você é *de verdade*?”, com o tipo de tom que usamos com uma criancinha.

Ela teve sorte de não ter sido mandada para aquele lugar.

De volta ao Tre’Shawn. Ele fica tão fofo quando sorri que me dá ódio. As covinhas dele aparecem — não precisa de muito para isso — e seus olhos castanho-claros ganham um brilho que me derrete. Eu deveria estar com raiva dele, cacete. Então reviro os olhos e olho para a frente.

Ele grunhe.

— Ah, não, Kay. Você ainda tá chateada que eu...

— Micah — chama a sra. Tucker, mais alto que o habitual. É a maneira dela de dizer a Tre’Shawn para ficar quieto durante a chamada. Ela age mesmo como se a gente fosse criancinha.

— Presente — responde Micah com um sorriso fácil, duas fileiras à frente de nós.

Mesmo no apagão ele é bonito. Garotos negros de pele escura tendem a ficar majestosos ao luar. Ele relaxa em um assento sozinho, suas longas pernas esticadas, de costas para a agitação de Nova York, como se não quisesse ver, ao contrário do resto de nós, as pessoas. Mas acho que, na verdade, ele está sentado assim para olhar para mim.

Veja bem, ele me mandou uma mensagem há algumas horas. Quatro palavras que podem mudar tudo: Eu tenho chance,

princesa?

Ainda não respondi.

Porque não sei.

O que meio que faz de mim uma namorada escrota.

Que não deveria estar brava com Tre'Shawn.

Porque dispensar a namorada para sair com os amigos e mentir sobre isso não é tão grave quanto falar com outra pessoa.

E flertar com outra pessoa.

E propositalmente encontrar maneiras de passar o tempo com outra pessoa.

Tipo, ir à sala de estudos sabendo que ele vai estar lá.

Ou decidir fazer uma matéria no jornal da escola sobre o time de corrida porque isso significa entrevistá-lo.

Então deixar que ele te leve em casa depois da escola um dia.

E ficar rindo e falando tão envolvida a ponto de ele tentar te beijar.

E quase deixar.

Mas não deixar. Eu não deixei.

Só *quase* deixei.

O que mesmo assim é ruim.

A sra. Tucker termina a chamada — sim, todos estão exatamente no mesmo lugar desde a última vez que ela conferiu, há quarenta e cinco minutos — e vai para o andar de baixo.

— Se comportem — pede ela em uma voz melodiosa. — Vou perguntar pro motorista por que não estamos mais nos movendo.

Hm, talvez porque as luzes dos semáforos estejam apagadas e muito antes disso os carros já estivessem colados uns nos outros? Somos os únicos que sobraram no ônibus. Todos os outros turistas

desceram faz tempo, decidiram caminhar. Isso não vai acontecer com a sra. Tucker.

No segundo que ela some nos degraus, a gente dá risada.

— Aí, aposto cinco dólares que ela vai perguntar ao motorista se pode falar com o gerente — diz Rashad.

— Afff, cara, aposto que ela já perguntou — diz Jaysean, que não deve ser confundido com Tre'Shawn.

No primeiro dia de aula, a sra. Tucker perguntou se eles eram gêmeos, embora não tenham nada a ver. As únicas coisas em comum são o nome parecido e o mesmo sobrenome.

“Não, senhora”, disse Jaysean a ela. “Mas nossos ancestrais devem ter pertencido ao mesmo senhor de escravos.”

A cara que ela fez foi impagável.

Aja se inclina sobre o corrimão do ônibus.

— Essas pessoas ainda estão indo a restaurantes? Eles não sabem que estão no meio de um apagão?

— Mesmo num apagão eles precisam comer, Aja, caramba — digo.

A gente está 100% turista, tenho que admitir. Dizemos tanto “eles” porque, ainda que sejamos todos humanos, os nova-iorquinos poderiam muito bem ser alienígenas se comparados com o povo do Mississippi. Eles são fascinantes de observar.

Não que eles não façam a mesma coisa com a gente. Hoje de manhã tomamos café no restaurante do hotel, e a garçonete ficou tipo: “De onde vocês são?”. Quando respondemos, ela reagiu como se tivéssemos dito Marte. “Ah, meu Deus! O sotaque!”

Sinceramente nem percebi que tinha sotaque até começar a falar em Nova York. Agora percebo que minhas palavras pingam como

uma calda, um som estrangeiro para eles, que falam rápido, como se segurar as palavras por muito tempo na boca fosse queimar a língua. Uma pessoa do sul tem que se esforçar para acompanhar.

Meu tio Graham diz que ficou quieto quando se mudou para Nova York porque tinha vergonha do sotaque. Ele gosta de dizer que “fugiu do Mississippi como Flo Jo (a corredora) fugindo de um incêndio” e nunca olhou para trás. Ele e o marido, Jean Claude, moram no Brooklyn com a filha, Lana, e o filho, Langston. De alguma forma, eu esperava ir ao Brooklyn para visitar eles, mas duvido que vá conseguir fugir da sra. Tucker por algumas horas.

Jaysean se debruça no corrimão do ônibus. Estamos passando pelo final do parque. Washington Square Park, acho que é isso.

— Eu poderia devorar uma pizza agora — diz Jaysean.

— Esquece a pizza, tô tentando dar uns pegos — diz Rashad. Ele se debruça mais ainda no corrimão e grita: — Ei, gata! O que essa boquinha aí sabe fazer?

Ecaaaa! É claro que ele diria alguma coisa nojenta assim.

— Cara, tenha modos — repreende Micah. — Aja como se já tivesse saído de casa antes.

— Você sabe muito bem que esse babaca nunca foi pra lugar nenhum — diz Tre’Shawn e os dois riem juntos.

Mal sabe Tre’Shawn que, de certa forma, estão compartilhando outra coisa além da piada.

Ele olha para mim, um sorriso travesso brincando nos lábios.

— Tenho sorte por não precisar correr atrás de uns amassos por aí. Tenho tudo o que preciso bem aqui.

Quando ele se inclina e me beija, sinto Micah observando.

Me afasto, mas não por causa de Micah. Acho.

Tre'Shawn suspira.

— Cacete, Kayla. Você não vai deixar isso pra lá, não? Faz quase uma semana.

— Você mentiu pra mim, Tre.

— É! Isso aí — diz Jazmyn atrás da gente.

Tre'Shawn olha para ela.

— Cuida da sua vida! — Ele olha pra mim. — Te pedi desculpa. Isso é tão importante assim?

— Deve ter sido pra você ter que mentir. Custava me contar que estava com seus amigos? Por que inventar que estava doente pra não ficar comigo?

Só de dizer isso minha garganta dói. Que fique claro: não sou uma namorada grudenta. E mesmo que fosse, não é certo mentir.

Tre'Shawn fica em silêncio a princípio. O ônibus acelera um pouco e faz uma curva. Um carro perto de nós buzina. Essa é a trilha sonora de Nova York: sinfonia de buzinas. Já ouvi mais em dois dias aqui do que na minha vida inteira em casa. Nosso motorista, o sr. Wright, cospe palavrões em seu forte sotaque jamaicano. Mais cedo, a sra. Tucker também perguntou de onde ele era.

“Da Terra”, respondeu ele. “Mas ainda estou pensando se vou ficar.”

O grupo da sala concordou — ele é nosso motorista favorito até agora.

Depois de um instante, Tre'Shawn suspira:

— Acho que eu não queria te chatear, Kayla. Sabe que não gosto de te desapontar. E aproveitando que estamos sendo sinceros, aquele programa que você queria que a gente assistisse parecia brega demais.

— Para a sua informação, eu escolho bons programas.

— Igual escolhe bons times de futebol americano? — provoca ele.

— Hm, como torcedor dos Falcons, você não tem moral *nenhuma* pra falar que outros times são ruins. Vocês estavam ganhando de vinte e três a três e *ainda assim* perderam o Super Bowl pros Patriots.

Ele muda na hora:

— Você precisava falar disso, né?

— Foi você que começou, criticando o meu Saints. Não fique bravo só porque você é provavelmente o único fã dos Falcons em todo o estado do Mississippi.

Tre finge tossir.

— Os *Sem título* — diz ele, e tosse de novo.

Examino a mão dele.

— Que anel legal de Super Bowl você tem... ah, não. Não tem anel nenhum.

Tre afasta a mão, e dou risada. Em casa, futebol americano é a religião, e os Saints são... bom, padroeiros. Eu praticamente nasci vestindo preto e dourado. A primeira roupa que meu pai colocou em mim foi uma camisa dos Saints. (A segunda foi uma camiseta da Jackson State University porque a JSU é uma sub-religião na nossa casa, seguida de perto pela irmandade Delta Sigma Theta e pela fraternidade Omega Psi Phi.) Nós assistimos a todos os jogos dos Saints em família — eu, minha mãe, meu pai, minha irmã mais velha, Ciara, e meu irmão mais velho, Junior — e geralmente fazemos a viagem de três horas para New Orleans para nosso amado estádio Superdome. É um milagre que eu esteja durando todo esse tempo com um torcedor dos Falcons. Minha família

chama a torcida de Falhacons. Uma vez, os Saints estavam jogando contra eles, e meu pai e Junior proibiram Tre de entrar em casa. Disseram que ele teria que assistir da varanda. Minha mãe deixou ele entrar, mas mandou ele sentar do outro lado da sala, o que já foi uma grande coisa.

Tre põe as mãos ao redor do meu rosto.

— Apesar de seu péssimo gosto para futebol, eu te amo — diz ele. — Sair com os caras foi divertido, mas no fim eu preferiria ter ficado com você, vendo aquele programa brega.

— Ou até mesmo um jogo dos Saints? — pergunto.

Tre franze a testa.

— Acho que sim. Mas com certeza eu ia torcer contra.

— Você é um homem muito, muito triste.

— Tanto faz, Kay — diz ele, rindo. — Você pode me perdoar?

De esguelha, vejo Micah nos observando. Se me importo de Micah estar olhando, não tenho direito nenhum de ficar brava com Tre'Shawn.

— Tá. Te perdoo.

Desta vez, eu deixo ele me beijar. É reconfortante e familiar. Eu poderia beijar cem pessoas de olhos fechados e com facilidade saberia dizer quais eram os lábios de Tre'Shawn. Ele foi meu primeiro tudo — primeiro beijo no quinto ano, primeiro namorado no nono, primeiro amor, primeira vez. A gente é um casal faz tanto tempo que as pessoas na escola combinam nossos nomes. Tre&Kay. Todos esperam que a gente fique juntos para sempre. Com que cara vou ficar, se não cumprir as expectativas delas?

Essa sou eu. Kayla Simmons, a pessoa que cumpre expectativas. Além disso, amo Tre. Sinceramente, consigo me ver com ele pro

resto da vida.

Mas de vez em quando há uma vozinha na minha cabeça que pergunta se é porque só estive com ele na vida. É tipo uma calça jeans. Sei que soa estranho, mas quando a gente acha a calça que combina com tudo, é difícil deixar de usá-la. O modelo é quase uma calça de moletom de tão confortável, e serve perfeitamente para aqueles dias frustrantes em que nada mais parece cair bem. Tre'Shawn é assim para mim.

Espera, eu tô mesmo comparando meu namorado a uma calça jeans?

Deixo isso pra lá e beijo Tre um pouco mais. Amo o gosto dos lábios dele, doces e pegajosos por causa do algodão-doce que dividimos mais cedo na Times Square antes de subir no ônibus. As mãos dele abrem caminho debaixo da minha camiseta, os dedos gentilmente acariciando minhas costas. Essa é a jogada preferida dele: gosta de me causar arrepios.

— Ei, ei, ei! Não, não, não!

A sra. Tucker avança pelo corredor. Ela me puxa para longe de Tre'Shawn. Quase pergunto a ela o que lhe dá o direito de encostar em mim.

— Sem agarrção, por favor — diz, soando realmente cansada. Quero dizer, a Karen está na voz dela todinha. — Kayla, vai sentar com Jazmyn. E Tre'Shawn, com Micah.

Ah, merda.

Não.

A cidade de Nova York acaba de diminuir.

— Este bairro aqui é SoHo — diz o sr. Wright, nosso motorista —, onde cobram seu salário por um copo de água e chamam de gourmet.

Todos riem, até a sra. No-Limite-Tucker. Finalmente saímos do Washington Square Park. O sr. Wright tem xingado outros motoristas para conseguir manobrar pelas ruas e continuar nosso tour. Ou a sra. Tucker entrou no modo Karenator com ele, também conhecido como a forma final da Karen, ou ele é dedicado ao trabalho. Duvido que esse homem ia dar bola pra ela, então provavelmente ele é dedicado ao trabalho mesmo.

O SoHo parece o meu tipo de lugar. Butiques chiques pra todo lado, que vendem roupas que eu talvez nunca consiga pagar. Mas posso dar uma olhadinha. A arquitetura da vizinhança grita arte. Na verdade, a palavra *arte* provavelmente foi inventada só para descrever o SoHo. Minha mãe fala desse bairro até hoje. Diz que foi seu lugar preferido para observar as pessoas quando visitou a cidade com meu pai.

Agora aqui estou, observando as pessoas sentadas em mesas do lado de fora dos restaurantes comendo à luz de velas. Tem um casal sentado juntinho, abraçado, olhando para um celular, a luz da tela iluminando o rosto deles. É fofo demais para não ficar olhando.

Aposto que um não compara o outro a uma calça jeans nem tem crush em terceiros.

Estico o pescoço e tento espiar Tre e Micah pela milionésima vez. A nova disposição de assentos da sra. Tucker fez Rashad sair do primeiro assento e ir diretamente para o da minha frente. A professora foi para o lugar dele e agora “tem uma boa visão de

todos nós”. Mas Rashad, com seus ombros largos, está dificultando que eu veja meu namorado e meu...

Meu nada-alguma-coisa. É isso o que Micah é.

— Mulher, você tá bem? — Ao meu lado, Jazmyn pergunta.

Nem um pouquinho.

— Aham, tô bem.

— Deixa o climão pra Karen — diz ela, usando uma caneta para alcançar um lugar difícil debaixo do coque.

Ela fala mais alguma coisa, mas não presto atenção porque Micah e Tre'Shawn estão rindo lá na frente. Conheço a risada de ambos bem o bastante para reconhecê-las de longe. Tre faz um *ki-ki* na risada que literalmente soa como se ele estivesse dizendo “ki-ki”. A risada de Micah vem de dentro e soa como um avô fumante.

Curiosidade: ser bonito não significa necessariamente ter uma risada bonita.

Ouvir os dois rindo causa no meu cérebro aquela reação irritante de imediatamente pensar no pior. Minha terapeuta diz que faz parte da minha ansiedade — esperar coisas ruins em vez de coisas boas para não me machucar. A ansiedade faz os mais frustrantes jogos mentais. Minha terapeuta me deu alguns exercícios para tentar combater isso, mas nenhum método funcionou até agora. Então aqui estou me perguntando se Micah e Tre'Shawn estão rindo de mim. Sou um dos principais pontos que eles têm em comum, não sou? Faria sentido.

Micah provavelmente está tipo: *Ei, ela também surtou da primeira vez que você tentou beijá-la?*

E Tre responde: *Não, irmão, a gente tava, tipo, no quinto ano. Não tinha ideia do que tava fazendo. Ela tava morrendo de medo de*

ficar grávida porque nossas línguas se tocaram.

E aí eles começariam a rir como estão fazendo agora.

— Kay! — Jazmyn diz meu nome como se fosse a décima vez que está me chamando. — Caramba, mulher. O que tem de errado com você, na boa?

Eu tenho mesmo que sair da minha própria cabeça.

— Desculpa aí. O que foi?

— Perguntei se você e o Tre'Shawn estão bem.

— Por enquanto, sim.

— Por enquanto? Ele tá sendo boy lixo?

Reviro os olhos.

— Jazzy. Tre'Shawn não é boy lixo.

— Ele mentiu pra ficar com aqueles idiotas que chama de amigos. Pra mim, é boy lixo, sim.

Faço que não. Tenho que admitir, toda pessoa na Terra precisa de uma Jazzy na vida. Ela é minha melhor amiga desde antes de eu saber o que um amigo era. Nossos pais foram irmãos de fraternidade e sororidade, e iam com nossas mães a todo jogo de futebol americano na JSU. Os pais de Jazzy entraram com o divórcio há alguns meses, então isso não vai acontecer mais. Ela é rápida em me defender. Às vezes rápida demais. Mas, olha, eu faço o mesmo por ela. Mexeu com uma, mexeu com as duas. E é assim.

Quando se trata de Tre'Shawn, ela não é muito fã. Não entendo bem. A maioria das pessoas ama Tre. Mas desde o ensino fundamental, sempre que Jazzy vê Tre'Shawn, ela revira os olhos e diz: "Aahhh, não aguento ele!".

Em outras palavras, esse comportamento de hoje dela não é novidade.

— Ele não estava sendo boy lixo — repito. — Ele só não quer assistir aos meus programas comigo.

— Essa é uma desculpa esfarrapada para mentir, Kay. Eu também não quero ver seus programas bregas, mas pelo menos digo na sua cara.

— Como é que é?

— Kayla — diz ela, inclinando a cabeça. Seu tom faz parecer que estamos em uma celebração religiosa. — Só você quer assistir à reprise de *Gilmore Girls*. Aceita.

— Tanto faz. É melhor do que assistir aos mesmos episódios de *Sobrenatural* infinitas vezes, como *certas* pessoas.

— Essa é uma das melhores séries já feitas, e você vai ver.

— Uhum, claro — respondo, e meu celular vibra no meu colo.

É minha família. De novo. Como sou a mais nova da gangue dos Simmons, é de se pensar que meus pais fossem ficar mais tranquilos. Eles conseguiram que dois filhos chegassem à maioridade intactos, sabe? Talvez pudessem afrouxar as rédeas um pouco. Mas não, nunca. Na verdade, em vez de ter dois pais, eu meio que tenho quatro, contando com meus irmãos. O grupo da família está pipocando desde o apagão. Desta vez, é a minha irmã, Ciara. São quase nove da manhã em Tóquio, onde ela está estudando.

Kay-Kay, vocês ainda tão presos no ônibus?

Antes que eu possa responder, meu irmão, Junior, se mete.

Sai daí e vai andando, maninha.

Então acrescenta: É bom você e Tre não estarem se pegando no escuro.

Ai, Deus. Respondo depressa: Não vou andar. Não sei pra onde ir. E não esquenta com a gente.

Eu mal abaixo o celular quando recebo outra notificação. Desta vez, é o meu pai.

Que diabos isso significa?

Não consigo lidar com eles agora. Não consigo.

Por sorte, minha mãe vem ao resgate.

Tenho certeza que a sra. Tucker tá de olho neles, Freddie. Aquela mulher poderia trabalhar para o Serviço Secreto de tão cuidadosa que é.

Então meu pai diz: Eu ainda não confio naquela bagunça que é Nova York. Isso pode ser mais do que um apagão. Algo mais sério.

Não foi nada sério em 2003, completa minha mãe.

Por sorte, meu pai responde. Além disso, foi você quem mais entrou em pânico naquela época.

Oooooorra, escreve Ciara.

Envio o emoji de dois olhinhos.

Minha mãe envia a carinha olhando torto.

Kay-Kay, continue tentando falar com seu tio Graham, escreve meu pai. Se não conseguir, vá na embaixada americana. Diga que seu avô foi um veterano de guerra. Eles vão te ajudar.

Ele está falando sério?

Ciara responde: Pai, não tem necessidade de uma embaixada americana em Nova York. Faz parte dos Estados Unidos.

Meu pai diz: Jura? Parece outro país olhando daqui!

Lá vem o Junior.

Isso não é necessariamente uma coisa ruim...

Meu pai diz: Garoto, você nasceu e cresceu no Mississippi. Não venha bancar o estrangeiro só porque está em Dallas.

Minha mãe diz: Aí, sim, é um país totalmente diferente. Texas é como se fosse um continente.

Ciara completa: Também é maior que alguns países.

Espera. Quando isso virou uma aula de geografia? Eu suspiro e respondo: Tenho que economizar bateria. Vou guardar o celular. Depois mando notícias. Amo vocês!

Coloco o celular na mochila e espio à frente de novo. Tre'Shawn e Micah estão tendo uma conversa muito animada mesmo. Micah não consegue ficar com as mãos paradas enquanto fala, e Tre tende a assentir muito. Em algum universo, eles seriam melhores amigos. Gostam dos mesmos jogos de videogame, das mesmas músicas, dos mesmos esportes. Da mesma garota.

Às vezes eu me pergunto se é por isso que fiquei a fim do Micah, por ele ser tão familiar. Calça jeans da mesma marca, modelo diferente. Saquei rapidinho, mesmo que nem sempre haja lógica nos sentimentos. Lógica é coisa da cabeça, e o coração tem raciocínio próprio. Não precisa da cabeça, não importa o quanto eu precise.

— Tá, o que tá rolando? — pergunta Jazmyn.

Olho para ela.

— Hã?

— Por que você tá prestes a surtar com o Tre ali?

— Não tô surtando...

— Kay, você não tá vendo sua própria cara, mas eu tô. Você tá quase suando, e não vem me dizer que é por causa da “onda de calor”. Isso aqui tá fresco comparado à nossa casa.

Verdade. Os nova-iorquinos amam reclamar do calor e da umidade daqui, mas ainda estou tentando entender cadê essa umidade toda. O Mississippi é uma sauna gigante na maior parte do ano. Isto aqui não é nada.

Massageio meu pescoço. Jazzy vai me perturbar até que eu conte. Não contei pra ninguém sobre mim e Micah. Não que a gente

seja alguma coisa. Mas é que talvez tenha algo rolando entre a gente... tá vendo? Nem sei por onde começar.

Então não começo. Abro a mensagem e entrego o celular a Jazzy.

O rosto dela é iluminado na escuridão, e seus olhos se arregalam.

— Puta mer... Kay. — Ela olha para mim. — Isso é do...

Confirmo.

— Pois é.

— Vocês...?

— Nós nada — interrompo. — Bom, a gente saiu algumas vezes.

Só isso.

— Quando? Você não me contou!

Eu deveria saber que ela ia dizer isso.

— Não foi nada de mais, Jazzy.

— Hm, para uma pessoa foi. — Ela ergue o meu celular.

Suspiro.

— Aparentemente.

— Você está na mesma que ele?

Dou de ombros.

— Caramba! — Ela entrega meu celular. — Que loucura, Kay.

— Eu sei. E agora... — Aponto para meu namorado sentado com o meu crush.

— É para surtar mesmo.

— Sim. — Fecho os olhos. Minha cabeça dói com todo esse drama. — O que eu faço, Jazzy?

Faz meses que eu queria perguntar a alguém, mas não sabia a quem recorrer. Jazmyn é geralmente a minha primeira escolha, mas ela já estava tão preocupada com a separação dos pais. Minha segunda opção é Ciara, mas não quero jogar tudo isso nela. Parece

um problema tão pequeno perto do que ela está tendo que enfrentar sendo uma menina negra morando no Japão. Não há terceira ou quarta opção que não vá contar pra escola inteira. Minha mãe? Ela diria: *Deixe que Deus resolva, meu amor*. Duvido que Deus ligue para triângulos amorosos de ensino médio com tanta fome e doença no mundo.

Jazmyn torna a coçar a cabeça com a caneta.

— A resposta é óbvia, Kay. Deixa o Tre'Shawn pra lá e fica com o gostoso do Micah.

Quase engasgo.

— Como é que é?

— Você ouviu direitinho. Já deveria ter *largado* esse cara. Posso dar milhares de razões legítimas para você fazer isso.

— Jazzy, não quero ouvir sua campanha anti-Tre'Shawn. Preciso de uma opinião imparcial, por favor.

— Hm, eu disse que minhas razões são legítimas. Você quer ouvir ou não?

Suspiro e viro para ela, dando as costas para a confusão e agitação lá fora.

— Tá. Lista dez. Só dez — digo, com um olhar de advertência. — Não quero passar a noite inteira ouvindo isso.

— Tudo bem, deixa eu ver. Número um: ele se acha demais.

— Mentira!

— *Rá!* Mulher, ele se acha, sim — retruca Jazmyn. — Ele anda pela escola como se fosse um presente de Deus para a humanidade. Ele é bonitinho, mas não é isso tudo, não.

— Isso *aí* é questão de opinião. E o que mais?

— A risada dele — diz Jazzy. — É como se ele estivesse se afogando ou tentando pigarrear.

Ok, essa é uma descrição bem precisa.

— Eu acho que é uma risada fofa.

— Você sofreu lavagem cerebral, é claro que acha isso. Três, as piadas dele são péssimas. Ok, sim, às vezes me fazem rir, mas caramba, cara, melhora isso aí.

Dou risada.

— Quanto ódio.

— São fatos, amor. Zero ódio. Quatro: quando ele sorri, os olhos dele se iluminam e ele faz cara de bobo. Cinco: não sabe dançar. Só repete o mesmo movimento sem parar, mas por algum motivo acha que tá arrasando. Seis, ele usa a mesma colônia o tempo todo. Eu fico sempre, tipo, pô, troca isso, cara. Mas não, ele só usa Ralph Lauren Polo. Toda vez que sinto o cheiro, penso nele agora. Sete, ele umedece os lábios demais, ainda mais quando tá concentrado pra valer. Oito, as mãos dele são extremamente macias. Nove, aquele bigodinho. Deixa crescer ou corta, por favor. Dez, falando em lábios, os dele são carnudos demais, pra começar. Pronto, aí estão. Dez razões.

— Uau — digo, olhando para ela. — Você notou tudo isso?

— Aham. — Jazmyn dá de ombros. — Como não notar?

Como *eu* não notei?

Metade das coisas que a Jazzy mencionou eu nunca reparei. Aqui estou, a namorada dele, sem fazer ideia de que ele só tem um passo de dança ou que umedece muito os lábios. Da colônia, eu sabia. Ele usa Ralph Lauren porque eu gosto.

Mas não ligo de não ter percebido todos esses pequenos detalhes. O problema é minha melhor amiga saber tudo isso.

Me lembra algo que a minha mãe disse. Ela e meu pai se conheceram na Jackson State, no primeiro ano da faculdade. Meu pai era o líder da banda, e ela disse que ele não andava pelo campus como uma pessoa normal, mas feito *um pavão*, como se fosse a última bolacha do pacote. “Deus, eu não aguentava aquele homem”, disse ela. “Cada coisinha em Freddie Simmons me irritava pra valer. Mas um dia percebi uma coisa. Eu me irritava tanto com aquelas coisinhas porque na verdade estava brava comigo mesma por gostar dele. Eu tinha sentimentos muito fortes por aquele homem, é verdade, só não do jeito que pensei. Não é mentira quando dizem que há uma linha tênue entre o ódio e o amor.”

Encaro Jazmyn. Por anos, não consegui explicar o desprezo dela por Tre’Shawn, mas agora é como se eu finalmente pudesse ver uma parte dela que estava escondida. Ou talvez estivesse aqui o tempo todo e eu só não enxergasse.

— A gente é amiga, certo? — pergunto.

— Você precisa mesmo perguntar? É claro.

— E você vai ser totalmente sincera comigo, certo?

— Com certeza.

Mordo o lábio.

— Você... *gosta* do Tre’Shawn?

Ela arregala os olhos.

— O quê... Kay...

— Espera aí, o que você falou? — grita Tre’Shawn lá na frente.

Ele está de pé, inclinado sobre Micah, que parece prestes a se levantar, mas a sra. Tucker se aproxima rapidamente.

Ela puxa o meu namorado.

— Sem briga! Nova distribuição! Kayla, vem sentar aqui com Micah. Tre'Shawn, você senta com Jazmyn.

Merda.

Minha noite só piora.

— O que você falou para ele?

— Já falei, Kayla. Não disse quase nada — responde Micah.

— Tá, mas *o que* você disse?

O ônibus passa por Chinatown. Segundo o sr. Wright, onde tem uma das melhores sorveterias da cidade.

Saudade dos dias em que um sorvete era capaz de consertar tudo. Mas agora não há quantidade suficiente de sorvete no mundo para consertar tudo o que tá rolando.

Olho para trás. A luz da lua mal revela Tre'Shawn com a mandíbula tensa e de olho na gente. Jazmyn está sentada toda tensa, tomando a maior distância dele possível.

Ela me mandou um monte de mensagens. Não li nenhuma.

Micah observa Chinatown pela janela.

— É foda tanta cultura diferente e única numa mesma cidade. Em qual bairro você acha que moraria?

— Para de tentar mudar de assunto e responde à minha pergunta. O que você disse para o Tre'Shawn?

Micah dá de ombros. Nada nunca parece incomodá-lo. Como alguém diagnosticada com ansiedade, eu o invejo, admito. Ainda assim, é frustrante pra caramba.

— Eu disse a verdade, Kay.

Meu coração bate forte.

— E a verdade é?

— Que é muito escroto da parte dele mentir pra você só para ficar com os amigos e que ele deveria abrir os olhos porque podia acabar te perdendo pra outra pessoa.

Putá mer...

— Você não fez isso. Micah, não fez.

Ele dá de ombros de novo.

— Fui sincero. Você não falou que esse é um dos motivos para gostar de mim? Até destacou isso no jornal da escola.

Foi mesmo. Foi um dos principais motivos para ter sido escolhido capitão pelos colegas de corrida — ele é honesto demais e espera honestidade dos outros. É o cara em que se pode confiar em qualquer situação. Será que em questões amorosas também?

— Não importa — digo a ele e a mim mesma. — Não era seu papel falar isso.

— Não me incomodo de defender quem eu gosto — diz Micah.

Viro o rosto. É difícil olhar para Micah quando ele fala assim. A única forma de descrever seria dizer que é como olhar para o sol. A gente sabe que não faz bem, mas quer por causa do calor que traz.

— Mesmo assim, não cabia a você dizer isso — murmuro. — Agora ele tá puto.

— Deixa ele. Você ficou puta quando ele mentiu e sumiu.

— Eu perdoei mais cedo — digo.

— Precisou mentir para si mesma para fazer isso?

— Sobre o que eu teria que mentir?

— Me diz você.

Balanço a cabeça, porque não é fácil responder a isso.

— Chega, Micah.

— Tá bom — diz ele, e se vira para observar as ruas lá embaixo.

Micah foi transferido para a nossa escola ano passado, logo depois do Natal. Até então, eu não sabia que era possível alguém virar minha vida de ponta-cabeça com tão pouco esforço. Nossos olhares se encontravam no corredor e o meu rosto esquentava. Ele arrastava a mesa para perto da minha quando a professora nos colocava para trabalhar em grupo, e eu secretamente esperava que nossos braços ou nossos pés se tocassem. Depois de cada encontro, eu me reprimia por ter aqueles sentimentos.

Sentada tão perto dele agora, sinto o estômago revirar. Preferia que eu vomitasse logo.

Do nada, Micah diz:

— Você percebeu como em Nova York as pessoas podem estar e não estar aqui ao mesmo tempo?

Olho para ele.

— O quê?

— Tipo ali. — Ele me mostra um casal de turistas apontando para os prédios, mesmo no escuro. — Eles estão aqui-aqui. Prestando atenção em tudo ao redor. Mas tem gente igual aquele cara ali. — Ele mostra um cara andando sem desgrudar os olhos do celular. — Chinatown é só uma calçada para ele. O cara conhece tudo tão bem que nem olha pra onde tá indo.

— Provavelmente um nova-iorquino nativo — digo.

— Provavelmente. Mas se eu fosse daqui, ia preferir ser como eles. — Micah aponta para o casal de novo. — Maravilhado com todas as coisas em vez de acostumado com elas porque já viu demais. — Ele fala olhando para mim.

— Aonde você quer chegar?

Micah se aproxima.

— Quem disse que estou tentando chegar a algum lugar?

Curiosidade: Toda vez que Micah chega perto de mim, eu fico arrepiada, como se minha pele ganhasse vida própria só com a perspectiva do toque dele. A expectativa pode virar tortura se a gente deixar.

Me afasto e olho para trás. Tre'Shawn está olhando, mas eu não consigo entender a expressão dele na escuridão, o que é pior.

— Eu não quis irritar ele — diz Micah.

Torno a olhar.

— Ah, claro!

— Juro. Nunca disse que *eu* estava tentando te roubar. O mano ficou irritado com a ideia de *alguém* te roubar dele.

— Porque não se diz isso sobre a namorada de ninguém, Micah.

— Mesmo que seja verdade? Ele tem muita sorte de ter você, linda.

Segundo a lógica, ter uma namorada que tenta ficar com outro não é exatamente sorte.

— Legal da sua parte dizer isso, mas você não me conhece de verdade, Micah.

— Então me deixa conhecer. — Ele se vira para mim. — Vamos brincar de vinte perguntas.

— O quê?

— Vinte perguntas. A gente tem que fazer alguma coisa para passar o tempo.

— Micah, para de tentar...

— Te conhecer um pouco mais sem segundas intenções? Sério. Eu prometo. Como eu disse, é só um jogo para passar o tempo.

Estamos andando devagar de novo — a pé eu provavelmente seria mais rápida que este ônibus. Não seria má ideia fazer alguma coisa para evitar o nervosismo. Isto aqui poderia facilmente se tornar, a qualquer momento, uma jornada rumo ao inferno da ansiedade.

— Tudo bem — digo. — Mas eu começo.

— Mas é claro. Vai lá.

— Tá. Qual é o seu maior medo? — pergunto.

— Caramba. Tentando me deixar vulnerável logo de cara. Me afogar. Eu caí numa piscina quando tinha dois anos. Ainda lembro de flashes desse dia. Odeio água desde então. Qual é o seu?

— Não consegue arranjar uma pergunta original? Uau — provoco, e ele revira os olhos. — Perder as pessoas que eu amo é o meu maior medo. Chorei feito um bebê quando minha irmã se mudou pro exterior e meu irmão foi pra Dallas. É bobagem, porque eles continuam vivos. Mas mexeu com o meu medo, acho.

Micah assente devagar.

— Tô ligado. Eu provavelmente ia me sentir assim também se tivesse irmãos e eles se mudassem pra longe.

— Esqueci que você é filho único.

— Com muito orgulho. A gente ouve muitas críticas, mas somos legais pra caramba. Só não gosto muito de dividir as coisas.

— Como a caçula da família, fui mimada e não gosto de ter que dividir nada também, então entendo. Tá, próxima pergunta: gato ou cachorro?

— Cachorro com certeza. Gatos são demônios.

Arquejo.

— O quê? Como se atreve?

Micah ergue a mão.

— Ei, calma aí. Um me arranhou quando eu tinha oito anos, e nunca mais confiei neles. Não vou perguntar sua preferência. Tá superclara. Minha pergunta: você funciona melhor de manhã ou à noite?

— De manhã. Você?

— Olha só quem não tá sendo original agora — provoca ele. Reviro os olhos. — Manhã também. Sempre corro melhor de manhã bem cedo. Chocolate ou baunilha?

— Chocolate, é claro — digo.

— É por isso que você esteve me encarando tanto? Toda essa gostosura de chocolate aqui?

Meu queixo cai, e Micah ri alto.

— Você caiu nessa direitinho — diz ele.

— Imbecil — xingo, e ele ri ainda mais. — PlayStation ou Xbox?

— Play. Stay. Tion. O dia todo, todo dia, pra sempre — responde Micah. — Você joga?

— Sim. Tenho *Call of Duty* pronto pra jogar. Meu irmão, Junior, e eu jogamos on-line duas vezes por semana. Minha irmã nos acompanha vez ou outra, mas a diferença de horário dificulta.

— Caramba — diz Micah, com um sorrisinho. — Eu deveria começar a te chamar de Nova York.

— Nova York?

— Sim. Toda hora descubro algo novo sobre você, e sobre Nova York.

Minhas bochechas esquentam, e não tem nada a ver com a onda de calor.

Esse é o problema. Posso facilmente atingir uma “normalidade” com Micah sem nem me dar conta, o que é um desastre esperando para acontecer quando meu namorado está a apenas quatro assentos de distância.

Não, não posso fazer isso. Levanto.

— Hm, quer saber? Eu deveria... deveria encontrar outro lugar.

Micah franze a testa.

— Ué? Por quê?

Pego minha mochila.

— Só preciso de um pouco de espaço.

Alguém gentilmente segura meu braço.

— Kay? — diz Tre'Shawn. — Você tá bem? Ele não tá mexendo com você, né?

— Uau. Você tá mesmo doido, hein, cara?! — diz Micah. — Agindo como se estivesse com medo de que *eu* fosse roubá-la.

— Ninguém tá preocupado com você, seu intrometido — responde Tre'Shawn. — Você precisa parar de ficar falando de coisas que não são da sua conta.

A sra. Tucker se coloca entre mim, Tre'Shawn e Micah.

— Vocês três, de volta aos lugares!

— Me importo com a Kayla, então é da minha conta — diz Micah.

— Kayla não é problema seu! — diz Tre.

Me solto e levanto as mãos.

— Querem saber? Resolvam isso sozinhos. Sra. Tucker, vou lá para baixo.

Micah e Tre'Shawn me chamam, mas ignoro e desço até o andar de baixo do ônibus.

Está deserto aqui embaixo. Não estou surpresa. Como eu disse, todos os outros turistas desceram faz tempo. Apenas o sr. Wright, o motorista, está aqui. Ele balança a cabeça e cantarola uma velha canção de R&B que está tocando no rádio. Difícil acreditar que é o mesmo homem que xinga as pessoas tão fácil.

— Ah! Oi, querida — cumprimenta ele, com aquele sotaque jamaicano carregado. — Aquela mulher mandona te mandou aqui embaixo pra dar uma olhada em mim?

Sorrio e sento no banco atrás dele. Mandona é eufemismo quando se trata da sra. Tucker. Ela abusa do poder com vontade.

— Não, senhor. Eu queria ter uma vista diferente, acho.

— Mas a melhor vista da cidade é de lá de cima mesmo. Estamos prestes a passar pela prefeitura, na verdade. Os turistas amam aquele lugar.

Ele pega o microfone e conta para o resto do ônibus.

Dou de ombros.

— É só mais um prédio para mim.

Ele ri com vontade, e eu sorrio. A risada dele lembra a do meu pai.

— Você tá certa — diz o sr. Wright. — No final das contas, é só mais um prédio.

Encosto no banco e olho pela janela. O cobertor da escuridão ainda não deixou a cidade, embora pareça que todo mundo já fez as pazes com a nova realidade. Isso é uma coisa que gosto nos nova-iorquinos. Eles seguem a vida como se nada tivesse acontecido.

Respiro fundo. A situação com Tre'Shawn, as possibilidades com Micah, a revelação de Jazmyn, tudo está me sufocando. Nunca

pensei que me sentiria quase aliviada por estar sozinha. Agora a pergunta é: o que eu faço?

— Quer saber de uma coisa? — diz o sr. Wright. — Os turistas babam na cidade. Manhattan, Manhattan, Manhattan — zomba ele. — Mas ninguém conhece Nova York até visitar o Brooklyn.

— O senhor fala como o meu tio. Ele mora aqui.

— É mesmo? — pergunta ele, me olhando pelo retrovisor. — Qual bairro?

Dou de ombros de novo.

— Ah não, não, não. Você tem que saber o bairro. Bairros fazem toda a diferença, minha querida. Eu moro em Bed-Stuy.

Inclino a cabeça.

— Igual aquele rapper antigo?

— Rapper antigo? Ah, não, não, não. — Ele balança a cabeça. — Você nunca vai poder pisar no Brooklyn se for se referir ao Biggie Smalls assim. Não, não, não.

— Biggie. Beleza. — Culpa minha não lembrar do nome do rapper que morreu antes que eu nascesse. — Acho que meus tios e primos moram em Bed-Stuy.

— E eles não te ensinaram isso? Só podem estar de brincadeira!

— Eu não vejo eles desde que era criança. Queria poder visitá-los nesta viagem, mas provavelmente não vai rolar.

— Por que não? Você pode pegar um trem.

— Sr. Wright, o senhor conheceu minha professora.

Ele ri de novo.

— Entendi. Se eu pudesse, te levaria até a ponte agora mesmo. Parece que vai ter uma grande festa em Bed-Stuy hoje à noite, de

fechar o quarteirão. Daria a vocês, jovens do sul, um gostinho real de Nova York.

— Sim, quem me dera... — murmuro e suspiro.

Minha vida está cheia de “quem me dera” no momento.

No retrovisor, vejo o sr. Wright inclinar a cabeça e me encarar.

— Está com algum problema, querida?

— Tô bem, mas obrigada — digo.

Este senhor tem que dirigir um ônibus de dois andares por Manhattan. Ele não precisa ouvir os meus problemas.

— Jovem, é melhor você falar. Tá escrito na sua cara. É algum garoto? Garota? Ou uma pessoa não binária?

Fico impressionada com a mente aberta dele. Lá em casa, eu provavelmente não teria esse benefício.

— É um garoto. Dois, na verdade.

— Um triângulo amoroso. Isso pode dar um rolo.

Levo a mão à testa. Minha cabeça está começando a doer só de pensar.

— Pois é, e tenho a impressão de que pode ser um quadrado amoroso.

O sr. Wright estremece.

— Ahhhh. Um rolo quádruplo.

— Isso. Eu não sei o que fazer.

O que é um sentimento estranho. Eu sempre sei o que fazer para resolver os problemas. Preciso saber para ser essa pessoa que atinge as expectativas — ninguém espera que eu me enfie em situações ruins porque sempre faço as escolhas certas.

Isso é totalmente diferente de escolher não ficar podre de bêbada em uma festa ou escolher uma eletiva que vai causar uma boa

impressão na minha candidatura à faculdade. Há corações envolvidos. Mas, infelizmente, não sei nem o que o meu próprio quer. Tre'Shawn e Micah se enfiaram cada um em um lugarzinho aqui dentro.

— Posso não saber dos detalhes, querida, mas tenho um conselho se você quiser — diz o sr. Wright.

— Para ser bem sincera, qualquer conselho que o senhor me der será bem-vindo.

— Ah, se meus filhos dissessem isso. — Ele ri. — Agora, vou presumir que você não sabe com qual desses dois jovens quer ficar, certo?

— Sim, senhor.

— Tive a sua idade já faz muito tempo, então vou parecer um velho dizendo isso, mas por que você precisa escolher?

Hmm... sei que Nova York é um pouco mais excêntrica que o Mississippi, mas ele está mesmo dizendo o que eu estou pensando?

— Então eu deveria ficar com os dois?

— Não, não! — O sr. Wright ri. — Embora hoje em dia isso seja uma escolha, não é o que estou sugerindo. Estou dizendo que talvez, em vez de escolher um deles, você possa se escolher, minha filha. Ninguém disse que você tem que estar num relacionamento.

Mordo o lábio.

— Mesmo com meus sentimentos pelos dois?

— Mais um motivo para você se dar um tempo. Seu coração nunca te engana, mas pode ser difícil ouvi-lo. Você precisa dar espaço para que ele fale. Isso é um tipo de amor também.

Passos soam no andar de cima, e segundos depois as pernas longas de Tre'Shawn começam a descer. Ele abaixa a cabeça para

me ver.

— Kay, você tá bem?

Tenho um vislumbre dos olhos do sr. Wright no retrovisor. Ele sussurra três palavras: *Ajude seu coração*.

— Aham — digo a Tre'Shawn. — Ou quase lá.

Ele dá ao sr. Wright um sorriso assustado e senta ao meu lado.

— O que tá rolando? De verdade?

Coloco a mão no encosto do assento dele. Meu namorado lindo, amoroso e brega, com mãos macias, passos de dança ruins e covinhas.

— Acho que lá no fundo você sabe o que tá rolando — digo.

— Hã? Não, não sei.

— Sabe, sim. Escuta, não vou te criticar por mentir, tá? Mas se pergunte *por que* você mentiu. Você disse que não queria me machucar, mas... — Engulo o nó na garganta. Está aqui faz um tempo, junto com a verdade que eu não queria encarar. — Mas eu não ficaria triste se você não quisesse assistir aos programas comigo, Tre. Você queria espaço, e achou que isso me machucaria.

— Kayla...

— Tudo bem se achou — interrompo. — Prometo, tá tudo bem. Mas se você me ama, admita. Não foi o programa, foi?

Tre'Shawn olha para baixo e balança um pouco a cabeça, como se num debate interno.

Mas depois de um tempo diz, baixinho:

— Não. Não foi isso. Merda — resmunga. — Kay, me desculpa. Dei bola fora...

— Tá tudo bem, Tre. Eu também preciso de espaço.

Ele me olha.

— Quê?

— É — respondo, com um sorrisinho que faz zero sentido neste momento. — Estive pensando em como todo mundo espera que a gente fique junto. Me pergunto se é por isso que a gente ainda tá junto.

— Não, Kay. Eu te amo.

— Eu também te amo — murmuro. — É difícil pra mim me imaginar sem você, e isso... isso me assusta. Não sei quem eu sou sem ser sua namorada. Acho que as coisas não devem ser assim.

Tre pega minha mão e suavemente esfrega o dedão.

— Não devem — diz ele.

Não dizemos nada por um tempo, deixando que Nova York preencha o silêncio.

Curiosidade: Micah fez algo por mim, e agora eu vejo que isso vai além dos sentimentos que tenho por ele. Me ajudou a ver que há muitas possibilidades para a minha vida, para o meu coração. Não importa o que as pessoas esperam: a única pessoa com quem preciso me preocupar sou eu mesma.

Para ser sincera, nem sei o que quero agora. Mas como disse o sr. Wright, talvez eu deva dar ao meu coração algum espaço.

— Mudar é bom — murmuro.

Tre'Shawn beija minha bochecha.

— Sim. É.

Apoio a cabeça no ombro dele. Não parece um término, apenas uma pausa.

— Caraca — diz Tre'Shawn, depois de um minuto. — Lembra quando a gente planejava nossa viagem dos sonhos pra Nova York?

Dou risada.

— Com certeza não incluía um apagão.

— Você queria ver a Estátua da Liberdade e o Empire State Building, né? E ir até a...

— A ponte do Brooklyn — digo. — É. Meus pais caminharam sobre ela uma vez durante um apagão. Minha mãe estava grávida de mim, na verdade.

— Serião? Caramba. Seria incrível se a gente conseguisse ir até lá.

O sr. Wright pigarreia.

— Não quero meter o bedelho onde não sou chamado, mas eu poderia fazer uma ou outra curva errada e deixar vocês na ponte. Talvez até na festa que te falei, querida.

Tre'Shawn se empertiga.

— Festa?

— Nem começa — digo, porque consigo vê-lo ficando animado.

— A sra. Tucker nunca vai deixar a gente ir a uma festa durante um apagão.

— Quem disse que ela precisa saber pra onde vamos? — pergunta o sr. Wright.

Tre'Shawn ri tampando a boca.

— Ei. E se a gente for até a festa e convencer ela a deixar a gente ficar? Podemos dizer que é um tipo de festival cultural.

— Para garotos do sul como vocês, uma festa de fechar o quarteirão em Nova York é um evento cultural — completa o Sr. Wright.

Não sei se fico ofendida ou impressionada. Mas preciso admitir:

— Pode ser que funcione.

O sr. Wright faz a curva.

— Ah, olha só. Parece que virei na direção errada e estamos a caminho do Brooklyn.

Tre'Shawn e eu rimos. Ele aperta minha mão de leve.

Quem sabe, talvez em alguns meses as pessoas voltarão a combinar nossos nomes e esperar que fiquemos juntos para sempre. Talvez a gente fique. Ou talvez eu acabe ficando com Micah.

Não sei. Mas, por enquanto, estou bem em só ser a Kayla.

A LONGA CAMINHADA

Quinto ato

Tiffany D. Jackson

Ponte do Brooklyn, 21h46

A ponte do Brooklyn nada mais é do que uma sombra pairando sobre o East River, parecendo um fantasma assustador com as luzes apagadas enquanto centenas de pessoas lotam o caminho tentando voltar para casa.

Kareem e eu observamos do parque, do outro lado da rua, perto da estação da prefeitura. Os trens ainda não estão funcionando. Tentei ligar para o meu pai, mas ele não atende o celular quando está dirigindo — Então. E agora?

Kareem ergue a sobrancelha com uma risadinha.

— Como assim? Agora a gente anda.

Torno a olhar para a multidão suada de zumbis, andando devagar pela escuridão, ombro a ombro. Gravatas desfeitas, mulheres cambaleando nos saltos, axilas encharcadas, gemidos.

No mundo dos filmes, nós chamamos esse momento de clímax. A parte onde o protagonista encontra e encara o antagonista na batalha final entre o bem e o mal.

E aqui está o vilão. Pronto para me matar.

Minha boca seca e o tremor no peito ameaça me derrubar.

— Bom — digo, acenando. — Foi bom te ver de novo!

Dou meia-volta, caminhando, decidida, enquanto Kareem vem atrás, rindo.

— Garota, o que você tá fazendo? A gente tá quase em casa!

— Não vou cruzar essa ponte. De jeito nenhum!

Ele pula na minha frente, bloqueando o caminho.

— Por quê?

— Você sabe o porquê!

Kareem me encara, chocado, até que se dá conta e bate na própria testa.

— Altura! Você tem medo de altura! Merda, esqueci.

— É, entãããão... até mais.

Tento andar, mas ele me segura.

— É por isso que ficou andando igual uma tartaruga esse tempo todo? Você não queria cruzar a ponte? Por que não falou nada?

Abro a boca para me defender, mas não tenho nada a dizer.

— Vamos, Tammi, vai ser rápido, eu prometo. A gente vai andar rápido pra caramba. A gente corre, se for preciso!

Com os olhos cheios de lágrimas, engulo um soluço.

— Não consigo!

Ele segura as minhas mãos, se inclinando para olhar nos meus olhos.

— Consegue, sim. Pensa como se fosse... uma das nossas caminhadas. Vamos brincar de, hm, encontre a peruca! Ou... — Ele olha para os meus pés. — Air Max!

Uma risadinha escapa de mim. Kareem sempre arranja pequenos jogos para nossas caminhadas. Um dia procuramos todos os prédios que tinham portas vermelhas, no outro estávamos brincando de “conte os novos ricos”.

— Air Max? — zombo.

— É. Você consegue! Além disso, é o único caminho. Tá?

Respiro fundo algumas vezes, olhando para os meus piores pesadelos transformados em um só: uma multidão de pessoas cruzando uma ponte suspensa. Mas depois da ponte está a minha casa. Kareem está certo; estamos tão perto que eu quase posso sentir o perfume da minha mãe. Preciso tentar.

— Você pode... segurar a minha mão?

Kareem pisca, surpreso.

— É. Claro. Posso.

Devagar, entramos no fluxo constante de pessoas deixando Manhattan para trás. Instantaneamente, meu peito aperta, meu coração acelera. Lá na frente está o primeiro dos dois arcos, sustentados por uma teia de cabos de metal.

— Só mantenha os olhos no chão — sussurra Kareem, a mão suada na minha. — Olha, lá na frente: um Air Max, todo branco. Ah, e lá na direita, uma garota com um verde-militar. Ou talvez seja preto.

Olho para os pés das pessoas. Será que essa ponte aguenta o peso de todos nós? E se alguém cair? Não sei nadar.

— Isso, você tá indo bem — diz Kareem, apertando minha mão mais forte. — Estamos quase em casa.

Um baixo murmúrio de vozes enche meus ouvidos, são as pessoas na multidão conversando.

— Eu fiquei presa no metrô por mais de duas horas — diz uma mulher à nossa frente, cansada. — Eles nos fizeram caminhar nos trilhos. Nunca fiquei tão nervosa na vida.

— Cruzei a ponte assim antes, durante o Onze de Setembro. Logo depois que a segunda torre caiu — diz um homem atrás de nós. — Com tanta gente, parecia que a ponte estava se mexendo. Alguns até saíram correndo.

Kareem se vira para o homem e diz:

— Ô, cuidado com esse papo, cara! Tá tentando assustar todo mundo?

O chão está girando. Não o chão, a ponte. Feita de madeira e tijolos que podem jogar todos nós no rio a qualquer momento. Meus joelhos viram geleia. Estou prestes a desmaiar, meu peito busca ar.

— Não... consigo — arquejo, gesticulando. — Não. Consigo. Respirar. Ai, Deus!

Kareem me ampara pelas costas, enquanto minhas lágrimas não param de cair.

— Ei, ei, ei, você tá bem?

Dividida entre voltar correndo para terra firme ou ficar paralisada no lugar, me movo para o lado e bato em uma lateral, agarrando uma viga de aço.

— Não... não... não... — soluço. — A ponte tá balançando? Tá se movendo?

— Não! Não tá. Eu juro. Relaxa, tá? Só confia em mim.

Confiar nele? Como eu posso confiar nele, em qualquer um, em qualquer coisa neste mundo?

— Só vai, Kareem! — grito, assustando as pessoas ao nosso redor. — Vai lá pra sua festa com os seus novos amigos e sua nova

namorada! Só vai!

— Cara, foda-se a festa! Não vou te deixar desse jeito.

Minhas mãos trêmulas agarram o metal com mais força.

— Eu tô com medo! Por favor, não.

Kareem me envolve em um abraço que parece um divisor de águas.

— Ok! Ok! Tá tudo bem. Vamos só... ali! Tem um banco ali! Vem!

— Não! Eu não consigo, não consigo... não consigo me mexer.

Kareem me ergue pela cintura com um braço e me carrega para o banco.

— Aqui. Senta. Respira. Inspirando fundo, lembra? Como a srta. Kelly te ensinou.

Tento inspirar o ar, mas meus pulmões se fecham, agarro a camisa dele para me firmar. A srta. Kelly foi a enfermeira da escola no ensino fundamental e me ensinou a respirar quando fico assim. Kareem estava lá todas as vezes.

— Você não deveria colocar a cabeça entre as pernas? — pergunta Kareem.

Faço que sim, assumindo a posição, abraçando minhas coxas enquanto observo uma multidão de sapatos passando. Vejo um par de Air Max cinza. Vejo até um par com estampa de oncinha. Continuo contando enquanto minha respiração acalma. Chamam isso de se ancorar na realidade. Kareem está quieto ao meu lado, massageando as minhas costas. Ele já fez isso antes. Algumas vezes. Todas as nossas caminhadas foram algum tipo de distração para evitar que eu desmoronasse.

Depois de alguns minutos, me sento, o mundo girando.

— Devagar — instrui Kareem.

Observo os arredores, percebendo que mal passamos do primeiro arco da ponte.

— Obrigada — eu sussurro.

Ele ri.

— Garota, como você espera ir a Atlanta se não suporta altura?

— Ônibus e trens ainda funcionam, não? — murmuro.

Ele ri de novo.

— Cara, você é teimosa. E... linda.

Endireito a postura e o encaro, secando as lágrimas.

Inacreditável. Mesmo agora, quando estou no fundo do poço...

— Tudo bem, Kareem — disparo, afastando-o. — Tudo bem mesmo! Você pode ficar com o estágio, tá bom?

— Quê?

— É por isso que você tá sendo tão legal comigo, não é? Você acha que eu não percebi, mas tanto faz. Não ligo mais. Pode ficar com a vaga!

Kareem me encara, com tristeza.

— É isso o que você pensa? — Ele sacode a cabeça em negação. — Caramba, Tammi. Mesmo depois de tudo... por que não pode confiar em mim?

Ele apoia as mãos nos joelhos, se inclinando. A culpa me sufoca. Aí está essa palavra de novo — *confiar*. E agora... não faz sentido. Em todos os meus ataques de pânico, Kareem nunca me julgou, nunca contou a ninguém, nem mesmo à mãe dele. Nesse ponto, eu sempre confiei nele, e ele nunca me desapontou. Sempre me apoiou em relação a tudo, então por que eu não podia apoiá-lo da mesma forma? Por que eu não podia confiar nele?

Ele é um cara bonito. Não dá pra confiar nesse tipo.

Não! Ele não é “desse tipo” e nunca foi. Ele é o Kareem. Eu conheço ele melhor do que ninguém. Eu nunca deveria ter deixado ninguém me fazer duvidar disso.

— Me desculpa. Não foi o que eu quis dizer. — Suspiro. — Você deve aceitar o trabalho.

— Tá tudo bem — bufa ele, sem me encarar. — Você entrou naquele programa especial, né?

— É, mas você tá certo. Você me *conhece*. Eu tô só fugindo. Mas não quero mais fugir. Não de você. Kareem, você foi mais do que meu namorado. Foi o meu melhor amigo, e eu... não confiei em você. Você merecia mais de mim. Então aceita o trabalho. É o mínimo que posso fazer. Você precisa do dinheiro pra St. John's, não é?

Ele franze a testa.

— Hã? Não tô indo pra St. John's.

— Não é pra lá que a Imani vai?

— Não faço ideia. Imani e eu terminamos na formatura. A sua mãe não te contou?

MÃE! Por que você teve que respeitar tanto as minhas regras?!

— Ah. Eu... sinto muito?

Ele dá de ombros.

— Tranquilo.

Tento ignorar as batidas do meu coração com essa boa notícia, forçando meu sorriso a desaparecer.

— Mesmo assim, você deveria aceitar o trabalho no Apollo, Kareem. Sei que precisa do dinheiro pra faculdade. Seja lá pra onde você vai. E sei que Nova York te faz feliz e que você quer ficar. Eu... quero que você seja feliz.

Kareem olha para longe, para o horizonte da cidade, ainda coberto de escuridão como uma pintura estranha.

— Eu vou para a Clark Atlanta — diz ele.

Olho para ele na hora.

— O quê? Por que você não me contou antes?

Ele dá de ombros, sorrindo.

— A gente sempre disse que ia pra faculdade juntos, certo?

— É, mas... as coisas mudaram.

— Não tudo. Sei que é coisa de stalker, mas... eu não podia deixar você ir pra lá sozinha. — Kareem ri. — Sério, eu não tava esperando te ver hoje, pensei que eu teria mais tempo pra preparar meu papo. Tava pensando em tentar aquele negócio do sorvete, só que mais perto do baile.

Há ternura nos olhos dele. Estava ali o dia todo?

Coisas assim só acontecem uma vez na vida e você nem para um pouco pra olhar. Olha. Pra cima.

— Você... ainda quer ficar comigo? Mesmo depois de tudo o que falei naquela mensagem? Mesmo depois... de tudo isso?

Kareem se aproxima, me abraçando.

— Por que eu não ia querer?

Caio no choro.

— Porque eu sou doida, Kareem! Não consigo nem atravessar uma droga de ponte. Nunca saio de casa e não gosto de festas e de multidões e você é, tipo, muito bonito, deveria estar com garotas que...

— Mas você é a *minha* doida. Prefiro ter essa doideira na minha vida todos os dias do que não ter nenhuma.

— E as outras garotas?

— Por que eu ia querer outras garotas se quero você? Bobinha! Pisco e damos gargalhadas.

É isso o que acontece quando encontramos a pessoa certa para amar. Quando alguém te ama, nenhum problema importa tanto. Porque amar é uma escolha que a gente precisa fazer todos os dias, mesmo quando o dia não sai como o planejado.

Agarro a camisa dele, o puxo e o beijo. Beijo meu namorado enrolado, esquecido e bobão. E enquanto pairamos sobre a água, esqueço o mundo em seu beijo.

— Caramba. — Kareem ri, os nós dos dedos acariciando meu queixo. — A gente deveria se beijar em pontes com mais frequência.

Dou risada até que percebo um brilho diferente ao redor dele e arquejo.

— Kareem, olha! As luzes voltaram!

Kareem se vira e, simples assim, a cidade voltou à vida. Cada prédio está totalmente iluminado.

— Uau! Voltaram! — Ele se vira para o outro lado. — Mas... pelo visto no Brooklyn ainda não. Talvez demore um pouco mais.

Apoio o queixo no ombro dele, que beija minha testa enquanto a gente olha o horizonte, admirando a vista da minha linda cidade, da qual nunca vou me cansar.

— É bonita.

— É — concorda ele. — Eu ia dizer que não tão bonita quanto você, mas seria brega demais.

Dou risada, me sentindo mais confortável do que no resto do dia todo, mesmo estando sobre o East River.

— Kareem?

— Sim?

— Você acha que a gente consegue chegar a tempo na festa?

Ele sorri.

— Só tem um jeito de descobrir.

Kareem segura a minha mão e nós seguimos pelo resto do caminho.

Juntos.

SEYMOUR & GRACE

Nicola Yoon

Brooklyn, 22h05

[PODCAST *Filosofia Agora!*]

Narrador: No episódio de hoje do nosso podcast vamos discutir um assunto importante: identidade. O que faz você ser você?

Vamos começar a discussão examinando a parábola do Navio de Teseu, também conhecida como O Paradoxo de Teseu. Talvez faça muito tempo que você saiu da escola e já nem lembre mais quem foi Teseu, então vou te ajudar rapidinho. Na mitologia grega, Teseu foi o lendário rei de Atenas. Um herói fodão que ficou famoso principalmente por derrotar o Minotauro — metade homem, metade touro — no Labirinto de Creta.

Em uma versão da lenda, depois que Teseu derrotou o Minotauro, ele voltou a Atenas em um navio. Anos se passaram, e o navio começou a deteriorar. Para preservá-lo, o povo de Atenas substituía as partes, trocando pranchas danificadas por novas. Depois de mil anos de reparos, todas as partes do navio haviam sido trocadas, de forma que não sobrou nenhuma das peças originais.

Vou repetir: não sobrou nenhuma das peças originais.

Agora a pergunta para você, companheiro filósofo, é a seguinte: depois de mil anos, o navio de Teseu que está no porto ainda é o Navio de Teseu?

Se você responder não, pergunto: então quando foi que deixou de ser o Navio de Teseu? Será que foi no momento em que a primeira prancha de madeira foi substituída? A segunda? Ou a última?

Se você responder sim, me diga: eu posso construir um navio usando as antigas pranchas de madeira e chamar de Navio de Teseu?

GRACE

Paro de mandar mensagem para Lana e me inclino para a frente no meu assento.

— Ei, você se importaria de abaixar o volume um pouquinho? — pergunto ao motorista do aplicativo.

Ele encontra o meu olhar no retrovisor. Dou um meio-sorriso para ele saber que não quero ser chata. Eu mesma poderia abaixar. Afinal de contas, o lema do aplicativo é “Onde o passageiro controla a corrida”. Mas mexer no rádio parece rude.

Mesmo assim, não tem motivo no mundo para o rádio estar tão alto com um passageiro no carro.

— Acho que você não é fã de filosofia — comenta ele.

Seria imaginação minha a petulância na voz dele? Admito que estou irritada e sensível no momento. Talvez não esteja interpretando as coisas direito.

— Só está um pouquinho alto — digo.

Diplomaticamente.

— Claro. Você precisa se concentrar nas suas mensagens. Sem dúvida seus emojis estão salvando o mundo.

Beleza, então a petulância não está só na minha imaginação.

— Como disse? — pergunto.

Sei como fazer minha voz ficar tão gelada que congela as pessoas imediatamente.

Mas com esse cara pelo visto não funcionou. Ele me dá mais uma olhada rápida pelo retrovisor.

— Você estava escutando? — pergunta. — É um ótimo podcast. Chama *Filosofia Agora!* A parábola do Navio de Teseu está basicamente perguntando quanto uma pessoa pode mudar e ser considerada a mesma pessoa.

Meu celular vibra com outra mensagem de Lana.

LANA: !!!!

LANA: Acabei de ver ele!

LANA: Você já saiu de casa?

LANA: Quando vai chegar aqui?!

O “aqui” é a festa para onde estou indo. O “ele” é o meu ex-namorado, Derrick, o único e exclusivo motivo para eu ir nesta festa. Namoramos por quase dois anos. Seis semanas atrás, ele terminou comigo.

Viro minha câmera para o modo selfie e garanto que estou tão bem quanto estava ao sair de casa. Não que a minha aparência importe. As luzes ainda não voltaram, então não é como se ele fosse conseguir me ver direito.

O motorista recomeça:

— É o problema da identidade. Não somos a mesma pessoa que fomos dez, cinco anos atrás, ou até mesmo ontem. Comemos comidas diferentes. Não amamos as pessoas que amávamos, e elas não nos amam mais.

Essa última parte — “Não amamos as pessoas que amávamos, e elas não nos amam mais” — me faz olhar para o celular.

Ele se vira para mim por um instante. Não consigo ver tanto seu rosto para ter certeza, mas acho que ele é bonito.

— Não temos nada em comum com nosso antigo eu. Então por que dizemos que somos a mesma pessoa? — pergunta ele.

É uma pergunta interessante. Normalmente eu entraria na conversa, mas agora estou ocupada demais tentando pensar no que vou dizer a Derrick quando o vir.

Lana manda mensagem de novo. Aparentemente, Trish, a garota que tem marcado presença nas últimas postagens de Derrick, está lá. Não é como se eu estivesse indo para essa festa para tentar me vingar esfregando na cara dele o que ele perdeu. Tá, é exatamente isso. Sei quão patético soa, mas espero que ele me veja e se arrependa de ter terminado.

Vamos levar uma eternidade para chegar. O apagão já está durando horas, e cada semáforo na rua está com defeito. Os carros se revezam para passar pelos cruzamentos.

— Quer ouvir algo ainda mais louco? — pergunta o motorista.

Aceno com meu celular para ele.

— Desculpa, eu não tenho tempo pra isso. Você poderia, por favor, diminuir...

Mas ele continua:

— Trocamos todas as células, *tudo*, a cada sete anos. Meu corpo atual não tem uma única célula em comum com o meu eu de dois anos de idade. Se o seu eu atual não é o mesmo do passado, pra que planejar qualquer coisa? Nosso eu do futuro não será nada como a gente. Gostos diferentes, amigos diferentes, células diferentes. Nosso eu do futuro é um completo estranho, uma pessoa totalmente nova. Então por que passamos todo esse tempo fazendo planos e preparando terreno para uma pessoa que nem sequer conhecemos?

Ele está tão ocupado filosofando que não percebeu que o carro à nossa frente se moveu. E o motorista de trás enfia a mão na buzina.

Com o barulho, ele pula no banco e pisa no acelerador um pouco forte demais.

Abro o aplicativo. O nome do motorista é Seymour. Estou considerando avaliá-lo com uma estrela. O que eu escreveria no comentário? *Motorista tendo crise existencial*.

Em vez de dar a ele uma estrela, decido tirar vantagem do lema da empresa. Uso o aplicativo para desligar o podcast e começar minha playlist do Abba.

O primeiro verso da música “Knowing Me, Knowing You” enche o carro.

O motorista começa a rir.

— Acho que é a minha deixa para parar de falar.

Olho pela janela. Acabou de passar das dez, mas com a escuridão parece mais tarde. As luzes dos postes estão apagadas e todas as vitrines estão escuras. De vez em quando o farol de um carro ou a luz do celular de alguém ilumina uma vitrine ou um rosto, e o holofote repentino faz coisas normais parecerem diferentes e surpreendentes. Me pergunto se Derrick também vai parecer diferente quando eu o vir.

Lana manda mais mensagens.

LANA: Eles estão dançando

LANA: Nenhuma parte do corpo se tocando LANA: Ainda

Deito a cabeça no encosto, fechando os olhos com força e tentando não me preocupar com o que significa eles estarem dançando.

Meu motorista começa a cantar Abba. A voz dele é tão ruim que fica engraçado. Ele não está nem perto de atingir as notas altas. Me

endireito no assento e canto também. Minha voz não falha — nem mesmo quando chego no verso sobre terminar nunca ser fácil.

SEYMOUR

Três canções do Abba e estou tentando arranjar um jeito de fugir do meu próprio carro. Bem feito pra mim por irritar uma clássica passageira Prima Donna com a minha filosofia. (Prima Donna é um dos quatro tipos mais difíceis de passageiros. Os outros são: O Sociopata: senta no banco do passageiro da frente, mas não diz nada; O Mano: insiste que toque a música que você quiser, e presume que o que você quer escutar é rap. Fala em Tupac e Biggie. Não sabe que eles estão mortos. Dança no banco de trás para mostrar que está gostando. Só caras fazem isso. Caras brancos; A Criança Demoníaca: chuta a parte de trás do seu banco incessantemente. Se você pegar um deles pra conferir, vai encontrar 666 escrito atrás da orelha.

Prima Donnas são garotas como esta: bonitas e arrumadas. Sem oi ou contato visual quando entram no carro. Respostas monossilábicas. Olhando para o celular como se o sentido da vida estivesse ali.) Mas esta garota é mais bonita do que a Prima Donna comum. Ela é linda — pele negra retinta; dreads longos e finos; olhos grandes; e lábios cheios com os cantos apontados para cima. Parece que ela sorri muito. É engraçada também. Tenho certeza de que tocou “Knowing Me, Knowing You” por causa do meu podcast sobre identidade.

Sem dúvida vai me avaliar com uma estrela, se já não tiver feito isso. Talvez eu devesse me desculpar ou algo assim. Sei que só estou enchendo a paciência dela porque a minha briga com Tommy

noite passada ainda está me incomodando. Tenho que dar um jeito de melhorar meu humor. Não posso deixar minha nota abaixar. Preciso deste emprego.

O mapa no aplicativo diz que vai demorar uma hora para levar esta garota para seu destino. Geralmente uma viagem dessas demoraria no máximo trinta minutos. Com as luzes apagadas, porém, o trânsito está tão complicado que essa rua poderia ser um estacionamento. Espero que ela tenha outras músicas na playlist. Uma hora é tempo demais para ficar ouvindo Abba.

Dou outra espiada pelo retrovisor. A luz do celular faz o rosto dela brilhar. Agora que não está tentando me fazer calar a boca, posso ver que ela parece triste.

Me pergunto qual é a história de vida dela. Quando consegui esse emprego, uma das vantagens para mim foi que eu conheceria pessoas de todas as partes da cidade, e com todos os tipos de vida. Tive essa ideia de que meu carro seria um tipo de bolha onde as pessoas poderiam pausar suas vidas ocupadas. Eu faria elas falarem e talvez aprenderia alguma coisa essencial sobre pessoas e a vida.

Mas a maioria não quer falar. Todo mundo aqui só está a caminho de algum lugar. Presos no drama da própria vida. Nos cruzamos por um curto tempo e então nos separamos. Às vezes só quero segurar as pessoas e fazê-las ficar.

— O que você falou? — pergunta a Prima Donna no banco de trás.

Nossos olhares se encontram no retrovisor.

— Está falando comigo? — pergunto.

— Pensei que você estava falando comigo. Você disse alguma coisa sobre fazer as pessoas ficarem.

— Foi mal. Faço isso às vezes. Falo em voz alta.

— Ah, beleza — diz ela, e volta a olhar para a escuridão.

Meu celular toca. É Tommy ligando pela sexta vez hoje. Deixo cair na caixa postal. Alguns segundos depois, meu celular se ilumina com uma mensagem. Mais alguns segundos e Tommy liga de novo.

— Você se importa se a gente der um tempo no fenômeno pop sueco Abba para que eu possa atender? — pergunto.

— Tudo bem — responde ela com um risinho.

Me viro rapidinho no assento para ver como ela fica sorrindo. Ela fica... bem.

Coloco meus fones e atendo.

— Tommy, e aí?

— Te liguei várias vezes, cara — diz ele.

— É, fiquei longe do celular quase o dia todo.

Não sei por que me dou ao trabalho de mentir. Acho que é mais fácil do que dizer a ele que não quero conversar.

Alguns segundos se passam antes que ele responda.

— Desculpa pelo que falei ontem à noite, cara. Não quis dizer nada daquilo.

Não respondo, porque é claro que ele quis dizer algumas coisas, sim. Palavras têm significado.

— Quer sair mais tarde? — pergunta ele.

— Não dá, cara. Trabalhando. — Posso ouvi-lo querendo dizer mais. — Escuta, não posso falar agora. Estou prestes a pegar um passageiro.

Desligo, tiro meus fones e jogo no banco do passageiro.

Até ano passado, Tommy e eu éramos próximos como irmãos. Nos conhecemos no sexto ano porque nossos pais eram amigos. Eles são da Jamaica, assim como os meus. Passamos por tudo juntos. Nossa vida sempre esteve no mesmo caminho, nós dois seguindo o plano que nossos pais tinham para nós: ir bem no ensino médio, conseguir pelo menos uma bolsa de estudos e ir para uma das faculdades que eles poderiam pagar. Mas então, ano passado, ele foi para Binghamton enquanto eu fiquei aqui neste trabalho. Desde então, nada mais foi o mesmo entre nós.

Dou uma buzina rápida para o taxista à minha frente começar a se mexer. Acho que ele pode ter dormido. Me viro um pouquinho para a garota.

— Desculpa pela ligação. Pode colocar sua música.

— Tá tudo bem — responde ela. — Coloca seu podcast de volta.

— Sério? Por quê?

Ela dá de ombros.

— Desculpa ter tirado antes. Estou tendo um dia de merda. — Ela vira o rosto, mas depois volta a me encarar. — Enfim, parece que seu dia está tão ruim quanto o meu.

Isso é legal da parte dela. Talvez seja mais gentil que uma Prima Donna comum.

— Então, pra onde você vai?

— Uma festa. Vou encontrar meu namorado lá — diz ela, enfatizando *namorado* do jeito que as garotas fazem quando estão te alertando.

Dou risada. Uma das minhas irmãs mais novas, Serena, faz a mesma coisa. Pelo que os garotos da escola dela sabem, ela está em um relacionamento sério à distância com um rapaz de Gana.

— Você é da Jamaica? — pergunto. — Pensei ter ouvido um sotaque.

— Você consegue distinguir? — retruca ela, surpresa.

— Meus pais são de Mobay. Eu reconheceria esse sotaque em qualquer lugar. Faz quanto tempo que mudou pra cá?

— Dois anos. Eu tinha dezesseis.

Algo na voz dela me faz perguntar:

— Sente falta de lá?

Ela olha pela janela.

— Sim. A maior parte da minha família ainda está lá. Meus amigos.

Posso ouvir a saudade. Me pergunto se ela ainda é próxima dos amigos. Dois anos é bastante tempo.

Pessoas se perdem em menos tempo que isso. Sei por experiência própria.

GRACE

Faz algum tempo que Lana não responde. Aposto que ela e Tristán estão se agarrando agora que ela finalmente, finalmente, contou pra ele o que sente. No fim das contas, ele também estava apaixonado por ela fazia todo esse tempo.

Preciso me distrair para não ficar obcecada com o que pode ou não estar acontecendo entre Derrick e Trish. Para não ficar obcecada com o que ela tem que eu não tenho.

Viro a tela do celular para baixo e olho para o motorista.

— Por que você estava ouvindo aquele podcast? — pergunto.

— Só acho interessante — diz ele, dando de ombros.

Não parece estar tão ansioso pra falar sobre o assunto quanto estava antes da ligação.

— Bom, discordo do que você estava falando — retruco.

Isso o provoca. Ele se vira e me dá uma olhada rápida e um sorriso.

— Que parte?

— Não importa se as células do meu corpo são completamente diferentes do que antes — digo. — Ainda sou a mesma pessoa. Meu corpo pode ter mudado, mas minhas memórias não. Lembro quem fui ontem, e vou saber quem serei amanhã.

Ele me dá um sorriso ainda maior. Tenho a sensação de que ama debater coisas esotéricas assim. Tenho que admitir que também gosto. Não consigo imaginar Derrick fazendo parte de uma conversa como esta.

— Então, se por acaso eu for um motorista horrível e nós sofrermos um acidente agora e você tiver amnésia, não será mais a mesma pessoa?

— Eu ainda seria a mesma pessoa, só que com amnésia — respondo.

— Tem certeza? Porque então você não teria nada em comum com seu eu pré-acidente. Você não terá o mesmo corpo. Não terá as mesmas células. Não terá sequer a mesma memória. Nada.

Me inclino para a frente, para o espaço entre nossos bancos.

— Então a pergunta é: o que faz você ser você?

— Exatamente — confirma ele, dando uma batidinha no volante para enfatizar.

— Bom, você tem uma resposta?

Ele ri e balança a cabeça.

— Não.

— Isso não te enlouquece? — pergunto.

— Não. Gosto de fazer perguntas.

Ele se vira para mim bem quando os faróis de outro carro iluminam dentro do nosso. Sinto meus olhos arregalarem como se eu fosse um personagem de desenho animado enquanto meu cérebro registra quão bonito ele é. Pele negra quente, grandes olhos escuros e maçãs do rosto destacadas. Ele tem um rosto de outdoor.

Desvio o olhar e torno a sorrir, mas ele já está olhando para a frente. Observo a cabeça dele e o perfil. Acontece que não dá para dizer quão bonita uma pessoa é só com base na cabeça dela e no perfil.

— E quantos anos você tem? — pergunto.

— Acabei de fazer dezenove, tem alguns dias.

— Feliz aniversário atrasado.

Ele sorri para mim pelo retrovisor.

— Obrigado.

Paramos antes de um cruzamento e ele liga a seta.

— Você está ouvindo aquilo pra faculdade ou algo do tipo? — pergunto.

Ele demora a responder, apenas esfregando o dedão no volante. O tiquetaquear da seta soa ainda mais alto no silêncio.

Por fim, ele responde:

— Não estou na faculdade. — Ele respira fundo. — Meu pai faleceu há dois anos.

A voz dele está tão baixa que quase não ouço.

— Sinto muito — digo.

— Obrigado, de verdade. Você ficaria surpresa em saber quantas pessoas não sabem o que dizer depois de ouvir uma coisa assim. Enfim, o plano era ir para Binghamton. Depois que meu pai morreu, não consegui deixar minha mãe sozinha cuidando das minhas irmãs. A grana apertou. Minha mãe é do tipo que pega dois, três, quatro trabalhos extras para pagar as contas, mas não posso deixar ela se desgastar. Melhor eu ficar aqui e aceitar esse trabalho e deixar essa coisa de faculdade pra lá.

Não sei o que dizer, então só digo que sinto muito outra vez.

— Sabe a ligação que recebi antes?

— Quer dizer aquela que você não queria atender, mas quando atendeu não via a hora de desligar?

— Essa mesma — diz ele, sorrindo.

Ele me conta sobre seu amigo, Tommy. Eles cresceram juntos e deveriam ter a mesma vida, mas por causa do que aconteceu com o

pai, ele ficou em Nova York enquanto Tommy foi para a faculdade.

— Saímos juntos noite passada e brigamos. Ele queria ir para uma boate chique na cidade, supercara. — Ele olha pela janela e suspira. — Eu só queria passar um tempo com ele, jogar videogame como costumávamos fazer. Quando falei que queria fazer algo que não custasse muito, ele disse que eu estava ficando velho. Perguntou quando foi que fiquei tão pão-duro. Disse que eu estava diferente.

— Agora entendo por que você não quis atender — digo.

— É — concorda ele, então começa a rir consigo mesmo. — Desculpa, não quis jogar isso em você.

— Tudo bem — digo, sorrindo também. — As pessoas me contam coisas o tempo todo. Eu tenho cara de quem escuta.

— Isso, e você é boa em escutar. Bom, agora que você sabe tudo sobre mim, sinto que devo me apresentar oficialmente. Meu nome é Seymour.

— Sou Grace. — Sorrio.

Faróis iluminam os olhos dele.

— Prazer em te conhecer, Grace. — Ele sorri para mim pelo retrovisor.

SEYMOUR

Grace não disse nada desde que nos apresentamos. Acho que deixei ela deprimida com o papo sobre meu pai e Tommy. Se não me deu uma estrela antes, com certeza vai dar agora. “O motorista é deprimente pra caramba”, vai ser o comentário.

Estou tentando pensar em uma piada ou algo assim para deixar o clima mais leve quando meu medidor de gasolina apita. Observo a agulha. Definitivamente é o tanque.

Merda.

Esse apito foi o primeiro isso-é-só-um-aviso? Ou foi o apito você-deveria-parar-agora? Bato no medidor com o dedo como se isso fosse fazer a agulha mostrar o tanque cheio.

— Por favor, me diga que a gasolina não acabou — pede Grace.

— A gasolina não acabou — digo, batendo no medidor de novo.
— Só não temos o bastante para chegar na sua festa.

Mas o carro começa a desacelerar assim que as palavras saem da minha boca.

Sinto o olhar dela queimando na minha nuca.

Preciso chegar na faixa direita da pista para parar. A única coisa pior do que ficar sem gasolina seria ficar sem gasolina no meio da rua. Mesmo eu sinalizando para trocar de faixa, a pessoa atrás de mim acelera e me fecha. As pessoas acham mesmo que são donas da rua.

Por fim, consigo virar em uma rua lateral residencial. Estamos perto de Boerum Hill. Não sei muito sobre essa parte do Brooklyn,

exceto que é chique. Orgânico isto. Artístico aquilo. As calçadas têm árvores. Os prédios são enormes e com cara de caros. Só alguns têm velas nas janelas. Poucas pessoas estão nas calçadas. Está muito escuro aqui. Solitário.

Estaciono em uma vaga bem a tempo de o carro parar bruscamente. Tiro a chave da ignição e espio pelo retrovisor para ver quão brava Grace está. Ela massageia as têmporas e respira fundo.

Eu me viro.

— Sou um idiota — digo.

Ela estreita os olhos para mim e sai do carro sem dizer nada.

Saio também e a alcanço na calçada. Ela já está de volta ao aplicativo, tentando achar outro motorista.

— Sou o pior motorista que já existiu. Você deveria me dar uma estrela. Na verdade, deveria me dar zero estrelas.

Grace olha para mim.

— Dá pra fazer isso? — pergunta.

— Eu estava brincando.

— Ah. Você estava sendo engraçado.

— Ai — resmungo.

Ela balança a cabeça e volta para o celular. Duvido que vá ter sorte de encontrar outro motorista a essa hora, e com o apagão.

— Escuta — digo —, sua festa está a apenas trinta e cinco minutos a pé daqui. Me deixa ir andando com você até lá.

Grace faz que não.

— Posso ir sozinha.

— Mas está escuro.

— Meus pés funcionam no escuro.

— Estou falando da sua segurança. — Sei que estou sendo tão chato quanto um irmão mais velho, mas não ligo. — Você conhece a área?

— Não — admite ela, olhando ao redor. Cruza os braços e bate o pé no chão. — Mas também não te conheço.

— Bem observado, me deixe consertar isso. Você já sabe sobre o meu pai. O nome dele era Walter. Era professor de inglês. Amava filosofia e poesia. O nome da minha mãe é Carol e ela é professora de história. Eles se conheceram dando aula na mesma escola na Jamaica antes de se mudarem para cá. Tenho duas irmãs mais novas: Serena tem quinze anos e Melanie, doze. — Faço uma pausa rápida para recuperar o fôlego e então continuo: — Agora você me conhece um pouco, e estou te implorando para não me forçar a deixar você sair sozinha depois de ter vindo parar aqui por culpa minha. Minha mãe me mataria. Minhas irmãs me matariam. Por favor, me deixa te levar para que eu não tenha que morrer nas mãos das mulheres da minha vida.

Grace começa a rir.

— Beleza. Mas só porque eu não quero a sua morte na minha consciência.

Estou aliviado, e não só porque vou poder caminhar com ela e ajudar a mantê-la segura. Estou aliviado porque agora posso continuar falando com ela por mais um tempo.

Ela tira uma foto da minha placa e uma de mim, e então uma terceira de mim do lado da placa.

— Estou mandando isso para a minha amiga Lana. Se eu aparecer morta, vão saber quem foi.

Dou risada enquanto ela procura as direções no mapa. Por alguns minutos, caminhamos sem falar, como se nós dois estivéssemos nos acostumando com a circunstância. Ao longe, consigo ouvir os fogos de artifício, que estão soltando desde que o verão começou. O som ecoa nos prédios, mas está longe demais para que eu consiga ver.

Cruzamos a Atlantic Avenue e entramos em outra rua residencial. Esta está animada, com vizinhos se misturando nas calçadas ou sentando nas varandas para conversar. As residências aqui são prédios estreitos de três andares que parecem muito com o meu. Velas para todos os lados, nos parapeitos das janelas e nos degraus de entrada. Há muitas crianças pequenas correndo umas atrás das outras pelas calçadas com lanternas, fingindo ser fantasmas. Algumas pessoas até trouxeram caixas de som antigas para a rua. Escuto tudo, de rap a pop, de calypso a dancehall. Parece uma festa. Como se o apagão tivesse dado uma desculpa a todos para relaxar e estar uns com os outros.

Acima de nós, a lua está quase cheia. O que é ótimo, porque temos luz o bastante para que eu dê uma espiadinha em Grace. Cara, ela é bonita. Às vezes o luar reflete nas contas dos dreads dela, a enchendo de brilho.

— Você acredita em sinais? — pergunta Grace.

— Tipo de Deus ou do universo?

— Isso — diz ela. — Talvez o apagão e você ficando sem gasolina sejam um sinal.

— De quê?

— De que sou burra de ir a essa festa.

— Por que seria? Você não falou que vai encontrar seu namorado lá?

— Ex-namorado. Eu só disse *namorado* pra você não dar em cima de mim. — Grace me olha de esguelha. — Você não acreditaria em quantos caras acham que conversar é dar abertura.

Tenho que parar para rir direito.

— Eu não ia dar em cima de você — digo, embora ela esteja certa: eu certamente teria dado se não achasse que ela tinha namorado.

Grace me olha como quem diz que sabe que estou mentindo.

— Tá bom — digo. — Me conte sobre essa situação com o seu ex. — Faço questão de enfatizar o ex.

— De jeito nenhum — recusa ela, balançando a cabeça. — Não vou contar a um completo estranho tudo sobre a minha vida amorosa.

— Ah, vamos. Foi você quem disse que esta noite é um sinal. Talvez o sinal seja para você contar a um completo estranho seus problemas para que ele possa resolvê-los. Além disso, em trinta minutos, quando eu te deixar lá, nunca mais nos veremos de novo.

Minha barriga dá uma revirada estranha quando digo essa última parte. Não gosto da ideia de não vê-la de novo.

Outro olhar de esguelha, mas desta vez parece que Grace está tomando uma decisão.

— O que você quer saber?

— A história toda — respondo.

Grace me conta que eles começaram a namorar assim que ela se mudou para os Estados Unidos e que durou quase dois anos. Ele fez amizade com ela imediatamente, mostrou a ela tudo na escola e

a apresentou para todos os amigos. Inclusive foi através dele que ela conheceu uma de suas melhores amigas, a Lana.

— Que motivo ele te deu para terminar? — pergunto.

Grace me lança mais um olhar descrente do tipo por-que-estou-falando-com-um-estranho.

Respondo com o meu melhor olhar de seus-segredos-estão-a-salvo-comigo.

— Ele disse que as coisas estavam bem entre nós, mas que era hora de seguirmos em frente.

— Meu Deus, e o que é que isso significa? — Esse cara não parece boa coisa.

E não estou dizendo isso só porque ela é inteligente e engraçada e bonita e não sei o quê mais.

Grace joga as mãos para o alto.

— Foi isso o que *eu* perguntei.

— E o que ele falou?

— Ele falou que ia para a faculdade em breve e que esse negócio de relacionamento à distância não funciona. — Grace para e olha para o céu. — Mas esse não foi o verdadeiro motivo. Quando eu o pressionei, ele disse que não me amava mais. — Ela balança a cabeça como se estivesse tentando entender. — Disse que estou diferente. Como se fosse uma coisa ruim.

— Você me parece estar ótima agora — digo, sem pensar.

Ela inclina a cabeça e ri como se tivesse ficado envergonhada.

— Sabe o que é engraçado? Essa foi a mesma coisa que Tommy me disse ontem à noite. Que estou diferente. Mas sou o mesmo. É *e/le* quem está diferente.

— Talvez seja por isso que você está tão bravo com ele — diz Grace.

— Não sei se entendi.

— Talvez você esteja bravo porque ele está vivendo a vida que você deveria viver. Você deveria ir para a faculdade e voltar diferente. Você deveria voltar com gostos refinados e novas ideias na cabeça, achando que sabe tudo porque estudou um pouco.

Paro de andar e olho para ela. Um garoto branco passa de skate.

Grace está certa? É por isso que estou tão bravo?

— Você está dizendo que eu tenho inveja dele? — pergunto.

— Estou dizendo que talvez você deva deixar de lado seus velhos sonhos e criar novos.

GRACE

Lana enfim me responde, quinze minutos depois de eu ter mandado a foto de Seymour e da placa.

LANA: Caramba, ESSE é o seu motorista?

LANA: Ele é bonito PRA CACETE LANA: Não tão bonito quanto Tristán LANA: Mas bonito

LANA: Anda logo e traga ele aqui pra eu ver melhor LANA: Sério, vc não pode andar mais rápido?

Rio para o celular. Já estou andando mais rápido para acompanhar Seymour e suas pernas longas.

Que desenrolar esquisito desta noite. Eu não esperava estar andando pelas ruas do Brooklyn no escuro contando a história do meu término para um completo estranho. Ele não disse muito desde que sugeri que criasse novos sonhos. Será que ficou irritado comigo?

Olho o celular. Estamos a só doze quarteirões da festa. Mais fogos de artifício disparam. Duas garotinhas negras em macacões vermelhos e com afro puffs iguais param e olham para o céu. Quando não veem nada, se voltam para nós e passam fazendo sons altos de beijos.

Seymour e eu nos entreolhamos e rimos também.

— Tenho uma ideia — diz ele. — Você deveria praticar seu discurso comigo.

— Que discurso? — pergunto.

— Que você vai fazer para Derrick.

— Eu não preparei.

Ele para de andar.

— Vamos lá. Finge que eu sou ele. — Seymour se inclina e morde as bochechas. — Ele é mais baixo do que eu? Mais magro? Menos bonito?

Balanço a cabeça, mas resolvo entrar na onda.

— Ei, Derrick — digo.

— Ei, Grace, é bom te ver — diz ele, mas em vez de usar sua voz normal, usa uma voz grave de garoto burro que todas as garotas usam para zombar dos namorados.

Morro de rir.

— Como é que vou fazer isso se você está brincando?

— Ok, ok — diz Seymour. — Continua.

— Como está sendo o seu verão?

— Bom. Mas não tão bom sem você.

— Derrick jamais diria isso. Ele é mais caladão.

Na verdade, é uma das coisas que gosto menos nele. Nunca dizia o que sentia.

Chegamos em uma faixa de pedestres. O trânsito está tão engarrafado que não precisamos esperar o semáforo para atravessar. Só passamos pelos carros parados.

— E você? — pergunto. — Tem namorada?

— Não. Estou solteiro.

— Você *quer* uma namorada ou é do tipo de cara que gosta de pegar todas?

— Estou esperando a garota certa aparecer — responde ele.

Gosto da sinceridade.

— Qual é o seu tipo? — pergunto, curiosa para saber como é a “garota certa”.

— Não tenho um tipo — responde Seymour.

— Todo mundo tem um tipo.

— Quer mesmo saber? — pergunta ele, desacelerando.

— Sim. — Mais do que eu esperava, na verdade.

Ele coloca as mãos nos bolsos e faz uma longa pausa como se estivesse se preparando para alguma coisa.

— Ok, mas você não pode me chamar de brega.

Agora estou morrendo de curiosidade.

— Prometo — respondo.

— Gosto de garotas curiosas.

— Espera. Curiosas... como? — pergunto, precisando entender do que exatamente ele está falando.

— Não seja mente suja — diz Seymour, rindo. — Quero dizer curiosa sobre o mundo. Sabe o podcast que eu estava ouvindo no carro? Amo essas coisas. Amo pensar sobre as grandes perguntas da vida. Meu pai era assim também. Nós sentávamos na varanda, nas cadeiras de balanço que minha mãe comprou. Ele bebia Red Stripe e eu bebia meu refrigerante de abacaxi, e a gente falava de todo tipo de coisa, só ele e eu.

Seymour olha para o céu. O luar faz o rosto dele brilhar marrom-prateado. Ele me abre um pequeno sorriso.

— A maioria das pessoas acha que falar de filosofia é bobagem, como se, só porque não tem nada prático nisso, não teria por que ficar falando, sabe? Mas ele não pensava assim.

— Pelo que você diz, ele parecia ser uma cara ótimo — digo, também olhando para o céu.

— Era mesmo — diz Seymour, suspirando. — Enfim, gosto de garotas que vão ficar interessadas em coisas assim comigo. Tipo quando estávamos falando no carro, eu percebi que você estava entendendo a coisa do Navio de Teseu. E você é inteligente. Fez uns comentários interessantes sobre como a memória é parte da identidade. E gostei do que você disse sobre o motivo real de eu estar bravo com o Tommy e sobre eu criar novos sonhos. Você também me fez rir várias vezes.

Ele para de falar e tampa a boca, percebendo o que fez. Basicamente acabou de dizer que *eu* sou seu tipo.

— Droga — diz, olhando para o pé. — Juro por Deus que não estava tentando dar em cima de você. Sei que você está passando por essa coisa com o Derrick. E mesmo que não estivesse, eu provavelmente não deveria...

— Está tudo bem, sério. Não precisa se desculpar — digo, erguendo a mão. — Foi uma coisa legal de se dizer.

Seymour ergue a cabeça.

— É?

— É — respondo.

Sorrimos um para o outro, mas então o clima fica esquisito. Pego meu celular de novo e confiro o mapa, dando um tempo para nos recuperarmos. Foi bom porque acabei descobrindo que a gente deveria ter virado uma esquina atrás.

Estou prestes a dizer isso quando ele aponta para um posto de gasolina do outro lado da rua.

— Se importa se pararmos aqui? As luzes das bombas ainda estão acesas. Talvez eles tenham um gerador de emergência e eu possa comprar gasolina para o carro.

Atravessamos a rua, e espero do lado de fora enquanto ele entra na lojinha e conversa com a atendente.

A alguns metros de mim, um hidrante está jogando água bem alto. Há três garotos negros, de uns nove ou dez anos, dançando completamente ensopados e felizes, entrando e saindo da água.

Alguém, talvez a irmã mais velha de um deles, está tocando música no celular e rindo. Nós sorrimos uma para a outra.

Observo as crianças um pouco mais. Suas perninhas magras voam para lá e para cá. Elas estão rindo daquele jeito livre e aberto que apenas as criancinhas têm, como se o mundo fosse feito para elas, como se nada fosse tão bom quanto o agora.

O apagão faz a cidade parecer que está em modo de espera, como se alguém tivesse apertado um botão gigante para pausar tudo. É assim que eu tenho me sentido recentemente, desde que Derrick terminou comigo. Como se eu estivesse esperando que a minha vida recomeçasse.

Depois de alguns minutos, Seymour sai da loja carregando um galão vermelho de gasolina e cinco casquinhas de sorvete.

— A mulher lá dentro me ofereceu de graça — diz ele. — Falou que estavam derretendo porque o freezer não está funcionando. — Seymour vai até a suposta irmã mais velha. — Tudo bem se eu der para as crianças? — pergunta.

— Que gentil da sua parte! — responde ela.

Os garotinhos guincham enquanto pegam as casquinhas, ainda mais felizes agora. Um deles, o menorzinho mas com orelhas enormes, olha para Seymour. E então para mim.

— É seu namorado? — pergunta.

— Ai, meu Deus, Owen, isso não é da sua conta — diz a suposta irmã mais velha.

— Tudo bem — digo a ela, rindo. — Não, Owen — respondo, chegando perto dele. — Ele não é meu namorado.

Penso em explicar a situação, mas decido deixar para lá. Parece que somos mais que motorista e passageira a esta altura.

— Somos amigos — digo.

Posso sentir o olhar de Seymour em mim.

— Ah, tá — diz Owen e vai embora dançando à beira da água, lambendo o sorvete.

— Amigos? — pergunta Seymour. — Isso significa que você me perdoou por ficar sem gasolina?

— Ainda não — provoco.

Ele ri.

— Me conta alguma coisa sobre você então, vamos continuar esse negócio de amizade.

Conto a ele que sou filha única, então somos só eu e meus pais. Meu pai é *sous chef* em um restaurante francês chique em Tribeca. Minha mãe é contadora. O sonho deles é um dia abrir um restaurante jamaicano de alto nível.

— Do que você mais sente falta da Jamaica?

Quando as pessoas me fazem essa pergunta, eu geralmente digo algo superficial — algo que esperam que eu diga —, tipo minha família ou a praia ou a comida. E eu *sinto* falta de todas essas coisas, mas não tanto quanto de outras.

— Sinto falta do sentimento de pertencer a algum lugar — digo.

Seymour assente devagar.

— É, entendo isso — diz ele, e tenho a impressão de que entende mesmo.

Mais fogos de artifício disparam, e desta vez tenho um vislumbre das fagulhas vermelhas detrás de um prédio.

Um casal de idosos brancos vem na nossa direção de mãos dadas.

— Linda noite, não é? — comenta o homem.

Seymour assente.

— Está indo bem — responde.

SEYMOUR

Estamos a menos de um quarteirão da festa dela agora. A música está ficando mais alta. Já posso sentir cheiro de frango e carne de porco. Continuamos andando até chegarmos a uma aglomeração de pessoas rindo e dançando. É como estar em um bar aberto e enorme com luzes muito baixas. O quarteirão inteiro tem um fraco brilho laranja das velas e lanternas que as pessoas colocaram. Assim como na outra rua, há várias crianças correndo com lanternas. Tem até outro hidrante esguichando água e crianças brincando ao redor. Ao longo da calçada, vejo baldes de gelo lotados de cerveja e refrigerante.

Fico sorrindo para toda essa felicidade, e como todas essas pessoas não deixaram o apagão acabar com a diversão. Lembro do que Grace disse sobre criar novos sonhos.

— Bom, é isso — diz ela, e se vira para mim.

— Obrigado por me deixar trazer você aqui em segurança.

Ela ri e olha ao redor.

— Não acredito que as luzes ainda não voltaram.

Não sei o que dizer, mas queria algo que prolongasse minha noite com ela.

— Estou feliz por isso — digo, desejando que este não seja o fim. Desejando ir à festa com ela.

O celular de Grace toca.

Sei que é hora de deixar ela seguir a vida.

— Acho que eu deveria ir — digo. Balanço o galão de gasolina. — Preciso encher o tanque e voltar para o trabalho.

— Obrigada de novo — diz ela.

Dou um passo para trás, mas não consigo simplesmente ir, não sem tentar.

— Deixa eu te fazer uma pergunta. Sabe como eu basicamente confessei que você é o meu tipo?

Grace coloca a mão no rosto. Acho que talvez esteja corando.

— Sim — responde.

— Se não fosse pela sua situação com o Derrick, você acha que gostaria de passar algum tempo comigo debatendo podcasts esotéricos e filosóficos sobre a natureza da identidade?

Ela olha para mim por alguns segundos, iluminada pela luz das velas. Eu poderia ficar aqui olhando para ela por um bom tempo. Quando Grace começa a dizer alguma coisa, uma garota se aproxima. Está usando muitas bijuterias, todas tilintando loucamente.

— Oi — diz a garota da bijuteria, me dando uma olhada. — Você é o motorista que não sabe que carros precisam de gasolina?

— O próprio — digo, sorrindo. — Você é a melhor amiga atrevida?

— A inigualável — diz ela, com uma reverência. — Obrigada por trazer minha garota.

— Sem problemas — digo.

Ainda estou olhando para Grace, esperando que ela responda à minha pergunta, mesmo no fundo sabendo que o momento passou.

A amiga olha para nós dois em pingue-pongue algumas vezes.

— Grace — diz ela. — Derrick está na fila do frango assado.

Esta é a minha deixa para ir embora.

— Foi legal ficar sem gasolina com você, Grace — digo. — Boa sorte com tudo.

— Para você também — responde ela.

GRACE

Me sinto um pouco enjoada enquanto ele vai embora. É o mesmo sentimento quando percebo — tarde demais — que coloquei a resposta errada em uma prova.

Seymour desaparece na multidão.

Lana estala os dedos na frente do meu rosto.

— O que foi isso? — pergunta ela.

— Acho que fui hipoteticamente chamada para sair.

— Qual foi sua resposta hipotética?

— Não respondi — digo, e então mudo de assunto antes que ela tenha oportunidade de me pressionar mais. — Onde está Tristán?

Um sorriso enorme se espalha no rosto dela.

— Em algum lugar pegando um refrigerante pra mim.

Eu a puxo para um abraço apertado.

— Estou muito feliz por vocês — digo.

Um cara branco fazendo alguma dança performática esquisita acidentalmente esbarra em nós. Lana revira os olhos para ele e nos puxa para uma calçada mais vazia.

— Você está ótima. — Ela arruma meu colar e tira minhas tranças dos ombros. — Está pronta?

Agarro a mão dela e aperto.

— O que é mesmo que vou fazer?

— O que há com você? — pergunta ela. — Você vai mostrar para o Derrick exatamente o que ele está perdendo. Não é o que você quer?

Assinto outra vez porque Lana está certa. É isso o que venho dizendo que quero há seis semanas. Exceto que agora já não tenho tanta certeza. Não sei o que estou fazendo aqui ou o que quero que aconteça.

— O caminhão de frango assado está ali à direita — diz ela, apontando para a rua.

Está estacionado perto de um ônibus de turismo de dois andares. Esquisito. Lana me deseja sorte e então eu vou.

Passo pela multidão, pedindo várias licenças e desculpas. O tempo todo eu penso no que dizer para Derrick. Deve ser algo nostálgico? Algo que lembre a ele por que a gente namorava?

Mas não consigo pensar em nada. Só o que vem à minha mente é Seymour fazendo a voz de cara burro e me encorajando a praticar meu discurso. Dou risada e balanço a cabeça. Ele é engraçado.

Enfim, chego no caminhão. Embora eu não esteja com fome, o cheiro defumado e picante me faz querer pedir um prato ou dois.

Observo a fila e vejo Derrick perto do começo. Meu coração bate forte duas vezes, mas então se acalma. Ele está diferente da última vez que o vi. Está bronzeado em um tom bonito e intenso, o cabelo cresceu. Tem uma barbicha rala crescendo, mas fora isso ele está bonito.

Vou até lá, mas ele está olhando para o celular e não me nota logo de cara.

— Oi, Derrick — digo.

Ele levanta a cabeça daquele seu jeito como se estivesse se movendo em câmera lenta.

— Gracie — diz ele, e me olha de cima a baixo. — Uau, você está ótima.

— Obrigada. Você também.

Ficamos ali bem constrangidos por alguns segundos. Derrick se recupera primeiro, sorri e me dá um abraço.

— Legal te ver — diz ele. — O que está fazendo aqui? Você nunca gostou dessas coisas.

E é então que enfim descubro — o problema entre nós. Ele quer que eu seja sempre igual. Sempre essa garota tímida, recém-chegada da Jamaica, que não conhece nada nem ninguém. A garota que precisa dele para tudo. Ele estava certo quando terminou comigo. Eu *estou* diferente. Eu *mudei*.

E isso não é ruim.

É então que uma garota — Trish — se aproxima. Eu a reconheço das postagens dele. Ela encara Derrick por uns segundos a mais do que o necessário, e fica óbvio o quanto gosta dele.

Então, ela olha para mim e depois volta a olhar para ele. Um leve franzir de nervoso se forma em seu rosto.

Me apresso a garantir que não tem nada com que se preocupar.

— Você é a Trish, certo? — pergunto, estendendo a mão. — Prazer em te conhecer, Derrick estava falando de você.

Ela sorri.

— Estava?

— Estava — confirmo.

Ela sorri mais.

Me viro para Derrick.

— Preciso ir, mas foi bom te encontrar. Nos vemos por aí.

Ele franze a testa e parece que vai dizer mais alguma coisa, mas eu já estou indo embora. Volto para a multidão e me deixo ser levada por um minuto.

Lana deve ter ficado de olho em mim, porque de repente está ao meu lado. Tristán está com ela agora, com o mesmo sorriso enorme no rosto.

— Finalmente você está com a garota certa — digo.

Ele sorri mais ainda.

— E aí? — pergunta Lana, dando pulinhos. — Como foi com Derrick?

— Foi bom ver ele — digo, tentando desvendar exatamente o que estou sentindo.

— Foi bom ver ele? — repete ela, imitando a minha voz. — Mulher, você não passou as últimas não sei quantas semanas me dizendo o quanto sente falta dele?

— Eu sei, mas acho que estava enganada.

— E só agora está percebendo isso?

— Sim.

— É o cara do aplicativo, não é? Vi o jeito que ele estava olhando para você.

Também vi. Ele gosta de mim. Desta versão de mim.

Espero que não seja tarde demais. Se eu correr, talvez consiga alcançá-lo antes que ele chegue ao carro e vá embora.

Conto a Lana o meu plano.

— Você vem comigo?

Ela olha para Tristán e pergunta:

— Você se importa?

Ele se oferece para ir conosco, mas ela manda ele ficar para ajudar Twig a manter o povo animado. Eles dão um beijo de despedida e Lana pega a minha mão.

— Vamos — diz ela.

Nos enfiamos na multidão. Parece que a festa duplicou ou triplicou nos últimos minutos, como se todo mundo em Nova York tivesse decidido estar aqui — numa festa no Brooklyn numa rua iluminada apenas pela luz de velas e o luar. Twig e outro cara estão na plataforma, inclinados sobre um par de toca-discos. Twig fecha os olhos, entrando num transe com a música enquanto o cara mostra a língua para outra garota jamaicana da minha turma, Tammi. Ela não consegue segurar o riso. Do lado, Nella está empoleirada em uma caixa de som, sorrindo para uma garota que não conheço. Elas estão de mãos dadas, e eu sorrio também.

Dois garotos com bicicletas desviam de nós. Levamos cinco minutos para passar por todas as pessoas até a calçada, onde me despedi de Seymour. Não é como se eu esperasse que ele ainda estivesse aqui, mas estou desapontada mesmo assim.

Lana dá um tapinha na minha mão.

— Vamos lá. Vamos encontrá-lo.

— Você passou todo esse tempo tentando chegar na festa, e já está indo embora? — comenta uma voz atrás de mim.

Lana e eu nos viramos devagar. Ele está segurando um hambúrguer em uma das mãos e o galão de gasolina na outra.

— Cara do aplicativo — diz ela.

— Melhor amiga atrevida — diz ele.

Em algum momento terei que apresentá-los oficialmente. Mas não agora.

Lana aperta a minha mão.

— Vou atrás do Tristán — diz ela, e sai.

— Por que você está indo embora? — pergunta Seymour. — As coisas não foram bem com Derrick?

Balanço a cabeça.

— As coisas foram bem.

— Então por que você está...

— Eu estava tentando te encontrar — digo.

— Esqueceu alguma coisa no meu carro?

Cara, ele vai me fazer soletrar.

— Lembra da pergunta hipotética que você me fez?

Seymour ergue as sobrancelhas e um sorriso reluzente e feliz se espalha por seu rosto como um raio de sol.

Ele se aproxima, e acho que ficamos a uns trinta centímetros de distância um do outro.

— Então você finalmente tem uma resposta para a minha pergunta hipotética?

— Tenho — respondo, eliminando esses trinta centímetros.

As luzes se acendem e, ao nosso redor, todo mundo comemora.

AGRADECIMENTOS

DHONIELLE CLAYTON

Este livro nasceu durante a pandemia de covid-19. O mundo parou e todos nós nos sentimos em um apagão metafórico, tateando na escuridão, tentando entender tudo que acontecia ao nosso redor. Mas do caos veio esta luz, este lindo amorzinho, nosso livro. Estou grata por essa corrente de criatividade enquanto a morte e a incerteza me rondavam.

Em primeiro lugar, quero agradecer à minha sobrinha, Riley Clayton, que inspirou toda a ideia. Se não fosse pela nossa maratona de filmes e TV, por você me perguntar por que garotas negras não têm grandes histórias de amor, este livro não existiria. Obrigada por dar à sua tia um desafio. Eu espero continuar a crescer e superar cada um deles. Eu te amo, menina. Você mora no meu coração.

Às minhas meninas: Tiffany D. Jackson, Angie Thomas, Nic Stone, Ashley Woodfolk e Nicola Yoon, vocês fizeram meus sonhos se tornarem realidade. Obrigada pela confiança, por seus corações, pela sua atenção, pelo seu talento e pela disposição de mergulhar de cabeça na escuridão comigo. Fizemos uma luz linda juntas. Vai me iluminar por um longo, longo tempo. Esta experiência tem sido o

ponto alto da minha carreira. Estou tão feliz de colocar este livro no mundo com todas vocês.

A Molly Ker Hawn: Obrigada por ser uma realizadora de sonhos com um coração de leão. Sua liderança, sabedoria e espírito ajudaram a garantir que este livro encontrasse o seu lugar. Obrigada por cuidar tanto de mim — de nós.

A Mary Pender: Você é a melhor cúmplice. Obrigada por tudo o que faz. Você é mágica!

A Rosemary Brosnan: Esta experiência editorial tem sido tão incrível. Você me incentivou e me fez chegar mais longe. Minha escrita tem sido transformada pelo seu toque e sabedoria. Obrigada pelo empurrão.

Ao time da Harper: Suzanne Murphy, Erin Fitzsimmons, Courtney Stevenson, Ebony LaDelle, Patty Rosati, Audrey Diestelkamp e equipe. Obrigada a todos pelo que fizeram por este livro. É necessário um exército para lançar um livro, e estou muito feliz por ter esse time por trás.

Aos meus pais: Obrigada pelo apoio sem fim, pela sabedoria, pela comida, pelo cuidado. Vocês ouviram cada reclamação, acalmaram cada ferida e sopraram vida em cada sonho. Eu não seria *eu* se vocês não fossem vocês. Sou eternamente grata por ter testemunhado seu amor um pelo outro (e por ter sentido o amor de vocês por mim) para que eu pudesse escrever sobre amor.

Às bibliotecárias super-heroínas da Biblioteca Pública de Nova York — Louise Lareau, Jenny Rosenoff e Sue Yee: Obrigada pelas observações detalhadas, que ajudaram a fazer essa história ser o mais precisa possível. Vocês são as titãs da nossa sociedade. Tenho orgulho de ser uma de vocês. Sei que o Centro Infantil se

mudou bem quando este livro estava sendo escrito, e aprecio sua ajuda em fazer esta pequena e sonhadora história de amor funcionar apesar disso. Obrigada por solucionar os problemas.

Aos leitores: Obrigada pelo apoio e espero que vocês mantenham o coração aberto para receber todo o amor que o universo tem guardado para vocês.

TIFFANY D. JACKSON

Eu gostaria de agradecer à capitã do nosso navio, Dhonielle, por me forçar convencer a fazer isso, mesmo quando eu disse que não era a minha praia. Você sempre conseguiu me ajudar a acreditar em mim mesma. Ao Time, desculpe por minha ideia “brilhante” de dividir a minha história, o que, é claro, deu mais trabalho para todas nós, mas tudo se encaixou lindamente. A Rosemary Brosnan, tenho certeza de que foi difícil lidar com todas nós, mas você o fez sem esforço, como uma verdadeira rainha. A Molly Ker Hawn e Mary Pender, obrigada por tudo o que vocês fazem e continuam a fazer. À minha família, amo vocês. Ao maldito covid, você nos reuniu, mas acabo com você num segundo. E à cidade de Nova York, você sempre será o meu primeiro amor.

ANGIE THOMAS

Deus, obrigada por me deixar passar por 2020, e obrigada pelo lugar iluminado que foi trabalhar neste livro durante aquela montanha-russa em forma de ano.

Dhonielle, a rainha, obrigada por amorosamente me arrastar para isto e desafiar meu eu amante de drama a escrever uma história de amor. É uma honra fazer parte de algo tão especial. Às mulheres,

estou tão feliz de criar este livro lindo com vocês. Por nossa causa, crianças negras saberão que também merecem as grandes histórias de amor. A Molly Ker Hawn e Mary Pender, obrigada por serem nossa fortaleza nesta jornada e por garantirem que este livro fosse bem cuidado. Rosemary, obrigada por nos fazer ir fundo para garantir que esta história fosse o melhor que poderia ser. Ao incrível time da Harper, obrigada por nos estabilizar. À minha mãe, Julia, você é a verdadeira estrela do time. Aos leitores: espero que vocês encontrem o amor que procuram. Sua própria história os espera.

NIC STONE

Primeiro, a Dhonielle Clayton: Obrigada por inventar essa ideia boba e me levar junto. Você é a melhor. Às Mollies: Molly Ker Hawn e Mollie Glick: Obviamente agentes com o seu nome fazem a m**** ACONTECER. A Rosemary Brosnan: Obrigada por dar uma chance a esta coisa, e por moldá-la. A Jay Coles, Terry J. Benton-Walker e Julian Winters: Seus pensamentos sobre esta história que *não* é muito #OwnVoice (para mim) foram extremamente valiosos, e aprecio vocês mais do que poderia expressar um dia. Pete Forester: Obrigada por ajudar o meu eu sulista a acertar as coisas da cidade de Nova York. A Nigel Livingstone: De novo, você criou o tempo e o espaço para que eu pudesse trabalhar. Mesmo durante uma pandemia. E a Michael Bonner: Muito obrigada por permitir transformar sua encantadora e silenciosa sala de estar em meu escritório sem crianças para que eu pudesse escrever este negócio. Amo todos vocês!

ASHLEY WOODFOLK

Escrever um livro como este é um sonho se tornando realidade. Pude trabalhar com algumas das minhas amigas escritoras mais próximas em um livro diferente de qualquer coisa que já li, mas que ao mesmo tempo estive passivamente procurando e desejando por anos e anos. Não seria possível sem Dhonielle nos reunindo, e para sempre celebrarei as horas de brainstorming, a conversa em grupo em que discutimos as coisas do livro, e também literalmente tudo. Então obrigada a D (e ao resto das Garotas do Apagão) por embarcarem nesta aventura e por me convidarem a ir junto. Um grande obrigada à minha agente, Beth, por receber milhões de perguntas e responder a todas as minhas mensagens cheias de pânico, e à nossa líder destemida, Molly Ker Hawn; sem ela, nada disto seria possível. Obrigada, Rosemary Brosnan, por ver algo de especial em cada uma das nossas histórias e por trabalhar para moldá-las enquanto as apreciava e celebrava as diferenças. Este livro foi uma luz no meio de um ano muito sombrio, ano que se pareceu com um apagão de muitas maneiras, e serei eternamente grata por ter sido parte da alegria revolucionária dele.

NICOLA YOON

Na história dos anos, 2020 foi absolutamente o mais longo. Mesmo assim, houve pontos altos, e escrever este livro com cinco das mais talentosas e destemidas autoras em atividade foi um deles. Muito obrigada a Angie, Ashley, Dhonielle, Nic e Tiffany por serem tão brilhantes e imaginativas. Um agradecimento extra, extra especial para nossa líder destemida, Dhonielle, por nos trazer para este projeto com sua ideia incrível. Sua paixão e dedicação não têm limites. Obrigada à nossa maravilhosa editora, Rosemary Brosnan,

por moldar nossas histórias, e às superagentes Molly Ker Hawn e Mary Pender por moldar nossos acordos. Um agradecimento enorme à minha incansável agente, Jodi Reamer, por sempre saber de todas as coisas. E, claro, um agradecimento aos amores da minha vida, David e Penny, simplesmente por existirem. Vocês são os meus pontos altos.

Copyright © 2021 by Dhonielle Clayton

“A longa caminhada” copyright © 2021 by Tiffany D. Jackson

“Sem máscara” copyright © 2021 by Nic Stone

“Feitas para se encaixar” copyright © 2021 by Ashley Woodfolk

“Todas as grandes histórias de amor... e pó” copyright © 2021 by Dhonielle Clayton

“Sem dormir até o Brooklyn” copyright © 2021 by Angie Thomas

“Seymour & Grace” copyright © 2021 by Nicola Yoon O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Blackout **CAPA** Erin Fitzsimmons

PREPARAÇÃO Stéphanie Roque **REVISÃO** Natália Mori Marques e Adriana Bairrada

VERSÃO DIGITAL Rafael Alt ISBN 978-65-5782-317-0

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.seguinte.com.br

contato@seguinte.com.br



Isso que a gente chama de amor

Goo, Maurene

9786557821169

304 páginas

[Compre agora e leia](#)

Desi nunca se deu bem no amor — até decidir transformar a própria vida em uma novela coreana.

Desi Lee acredita que tudo é possível, basta ter um plano. Foi assim, com método e disciplina, que se tornou a aluna mais brilhante do colégio e uma atleta talentosa. É apenas no amor que Desi nunca se dá bem, colecionando uma sucessão de desastres quando se trata de garotos.

Depois de protagonizar mais um desastre na frente de Luca, um jovem recém-chegado à cidade que logo atrai seu interesse, a garota passa um fim de semana assistindo a k-dramas, certa de que os finais felizes só existem nas novelas coreanas que seu pai tanto ama. É aí que ela se dá conta de que naquelas histórias também existe uma fórmula, um passo a passo que ela poderia seguir — e conquistar Luca.

Em pouco tempo, sua vida se transforma em um enredo digno de um dorama. Mas ao contrário do que acontece na TV, isso pode não ser o suficiente para ela alcançar seu final feliz...

[Compre agora e leia](#)

NINA BROCHMANN

ELLEN STOKKEN DAHL

TUDO MUDA

Um guia alegre e sincero sobre a puberdade



SEGUNDA

Tudo muda

Brochmann, Nina 9786557823460

272 páginas

[Compre agora e leia](#)

Este guia elaborado por duas médicas de maneira sincera e acessível reúne todas as informações de que jovens leitoras (e leitores!) precisam saber para entender melhor a passagem da infância para a vida adulta.

A transição da infância para a vida adulta é um grande desafio. O corpo não para de mudar, os hormônios assumem o controle e o cérebro passa por uma espécie de reorganização. Para quem está bem no meio de tudo isso, nem sempre é fácil compreender o que está acontecendo — ou mesmo conversar sobre o assunto. Para ajudar meninas (e meninos) prestes a entrar na adolescência ou que já estão nessa fase, as médicas norueguesas Nina Brochmann e Ellen Støkken Dahl escreveram este livro, no qual explicam de maneira objetiva, dinâmica e descontraída tudo o que é preciso saber sobre a puberdade. Aqui, leitoras e leitores vão encontrar respostas para perguntas como "O que é menstruação?", "Para que serve o suor? E os peitos?", "De onde vieram todos esses sentimentos?", entre tantas outras dúvidas típicas desse momento.

Livro indicado para leitores de 9 a 18 anos.

[Compre agora e leia](#)

SE NÃO FOSSE
POR VOCÊ,
EU NÃO
ESTARIA
AQUI

CARTAS PARA QUANDO EU ERA ADOLESCENTE

SEGUINTE

Se não fosse por você, eu não estaria aqui

Vários autores 9788554517861

75 páginas [Compre agora e leia](#)

Se você pudesse mandar uma carta para si mesmo quando adolescente, o que diria? Convidamos os participantes da quarta edição da Flipop a fazer exatamente isso, e o resultado você encontra nesta coletânea gratuita.

A adolescência é um período cheio de descobertas, mudanças e escolhas — algumas sem grandes consequências, outras absolutamente determinantes na nossa vida. Imagine poder reencontrar quem você foi na adolescência e poder dar conselhos (ou spoilers!) que só alguém que sabe como a história termina pode dar.

A Editora Seguinte convidou os participantes da quarta edição do Festival de Literatura Pop (Flipop) a escreverem uma carta com tudo o que diriam para eles mesmos quando adolescentes. O resultado é uma reunião de testemunhos honestos, ora repletos de humor, ora de angústia, ora de alívio — mas sempre carregados de sentimentos. Algumas mensagens trazem conselhos aparentemente banais, como olhar para os dois lados antes de atravessar a rua, outras pedem que nada seja feito de forma diferente. Seja como for, essas vinte e seis cartas mostram que a adolescência é muito mais do que só uma fase — é por ter passado por ela que chegamos aqui hoje.

Com cartas de Adriel Bispo, Alba Milena, Alec Silva, Aryane Cararo, Beatriz D'Oliveira, Bruna Vieira, Carol Christo, Clara Alves, Felipe

Castilho, Gabriel Mar, Giulia Paim, Iris Figueiredo, Jana Bianchi, Jim Anotsu, Koda Gabriel, Leo Hwan, Lorena Pimenta, Luiza de Souza, Mia Roman, Nanni Rios, Natalia Borges Polezzo, Rebeca Kim, Samuel Gomes, Thalita Rebouças, Tiago Valente e Vitor Martins.

[Compre agora e leia](#)

"Fazer novos amigos não é fácil, mas este livro é um fêbreiro lindo
do que acontece quando a gente se arrisca." Bruna Vieira

OLÁ PROCURA UMA (NOVA) MELHOR AMIGA

JANAINA
TOKITAKA

ILUSTRAÇÕES FITS

SEGUNDA



Oli procura uma (nova) melhor amiga

Tokitaka, Janaina 9786557823163

112 páginas

[Compre agora e leia](#)

Neste livro superdivertido, uma garota vai se meter nas maiores confusões para conseguir encontrar, a qualquer custo, uma nova melhor amiga.

Oli e Fafá são melhores amigas. Elas estão sempre juntas no intervalo, não perdem um episódio da novela coreana de que mais gostam e até inventaram a melhor comida do mundo, o coxinhole (metade coxinha, metade rissole). Mas quando Fafá conta que vai mudar de escola, o mundo de Oli vira de cabeça para baixo: como é que ela vai sobreviver sem a sua fiel escudeira?

Ela decide, então, tomar uma atitude e encontrar logo uma nova melhor amiga. As candidatas são Valentina, Fernanda, Nina e Tábata. Mas as garotas têm personalidades muito diferentes, e Oli vai ter que ser bastante criativa para tentar se aproximar de cada uma delas — uma tarefa bem mais difícil do que parece.

Nessa narrativa leve e muito engraçada, Janaina Tokitaka apresenta aos jovens leitores uma menina determinada e que não tem medo de errar — que ganha ainda mais graça com os traços do ilustrador Fits.

Indicado para leitores a partir de 8 anos.

[Compre agora e leia](#)

UM CONTO DE A SELEÇÃO



O PRÍNCIPE

KIERA CASS

SÉQUINTE

O príncipe

Cass, Kiera 9788580866827

72 páginas [Compre agora e leia](#)

Antes que trinta e cinco garotas fossem escolhidas para participar da Seleção... Antes que Aspen partisse o coração de America... Havia outra garota na vida do príncipe Maxon.

Conto inédito e gratuito, *O Príncipe* não só proporciona um vislumbre dos pensamentos de Maxon nas semanas que antecedem a Seleção, como também revela mais um pouco sobre a família real e as dinâmicas internas do palácio. Você descobrirá como era a vida do príncipe antes da competição, suas expectativas e inseguranças, assim como suas primeiras impressões quando as trinta e cinco garotas chegam ao palácio. É uma leitura indispensável a todos que terminaram A Seleção e ficaram querendo mais! Ao final, contém os dois primeiros capítulos de A Elite, segundo volume da trilogia.

[Compre agora e leia](#)